

Sandra Ferreira Acosta

Escola: as imagens que as representações sociais revelam

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia da Educação, sob orientação da Prof.^ª Dr.^ª. Clarilza Prado de Sousa.

**PUC-SP
2005**

BANCA EXAMINADORA

*Jorge Miguel, companheiro querido,
Maria Clara e Maria Laura, crianças especiais,
obrigada pela espera.*

Os fios invisíveis

- “Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.
- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? Pergunta Kublai Khan.
- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra - responde Marco, - mas pela curva do arco que estas formam.
- Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta.
- Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.
Polo responde, - Sem pedras o arco não existe
As cidades invisíveis. (Calvino, Ítalo - 1998)*

Esta página é dedicada a registrar os fios invisíveis que, como as pedras de uma ponte, formam o suporte desta tese. Coisa que Calvino demonstra não só pelo conjunto de forças que sustentam a matéria, mas também pelas forças que dão sentido ao existir.

Assim reconheço que a realização deste trabalho só foi possível com o apoio incondicional da Prof^ª. Dr^ª. Clarilza Prado de Sousa, orientadora e amiga, que não só conduziu o desenvolvimento de uma idéia mas também, principalmente, meu desenvolvimento pessoal, minha emancipação reafirmando, assim, minha crença no poder do ato de educar.

O apoio também das colegas Anamérica Prado Marcondes, irmã escolhida, Lucia P. Santiso Villas Boas e Maria Isabel P. Ribeiro. Agradeço as leituras e as críticas das diversas versões, as discussões intelectuais, pela motivação e sobretudo pela parceria promissora e suas amizades.

Por último, mas não menos importante, a minha mãe Catarina, a meus irmãos queridos (Maria Lúcia, Regina e Eduardo) e aos sobrinhos dedicados (Ary e Felipe) que estenderam suas mãos nos momentos mais cruciais do trabalho.

A todos vocês meu agradecimento especial.

“Eu fiz o prédio da escola com as portas fechadas, mas as janelas abertas, porque pra mim essa liberdade, esse brincar, esse desenvolvimento, a subjetividade e a identidade ainda não é uma coisa de livre acesso.”

(E. C. C. universitária participante da pesquisa)

Sandra Ferreira Acosta

Escola: as imagens que as representações sociais revelam

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia da Educação, sob orientação da Prof.^ª Dr.^ª. Clarilza Prado de Sousa.

**PUC-SP
2005**

BANCA EXAMINADORA

*Jorge Miguel, companheiro querido,
Maria Clara e Maria Laura, crianças especiais,
obrigada pela espera.*

Os fios invisíveis

- “Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.
- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? Pergunta Kublai Khan.
- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra - responde Marco, - mas pela curva do arco que estas formam.
- Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta.
- Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.
Polo responde, - Sem pedras o arco não existe
As cidades invisíveis. (Calvino, Ítalo - 1998)*

Em uma tese também há fios invisíveis que, como as pedras da ponte de Ítalo Calvino, formam seu suporte. São forças que não apenas sustentam a matéria, mas também dão sentido à sua existência.

Uma dessas forças foi a apoio incondicional da Prof^a. Dr^a. Clarilza Prado de Sousa, orientadora e amiga, que não só conduziu o desenvolvimento de uma idéia, mas também, e principalmente, participou de meu desenvolvimento pessoal, da minha emancipação, ratificando, assim, a crença no poder da educação.

Reconheço a força das amigas, Anamérica Prado Marcondes, irmã escolhida, Lucia P. Santiso Villas Boas e Maria Isabel P. Ribeiro. Suas leituras, observações e críticas mostraram o significado das palavras motivação, parceria e amizade.

Por último, mas não menos importante, a minha mãe Catarina, a meus irmãos queridos (Maria Lúcia, Regina e Eduardo) e aos sobrinhos dedicados (Ary e Felipe) que estenderam suas mãos nos momento mais cruciais do trabalho.

A todos meu agradecimento especial.

“Eu fiz o prédio da escola com as portas fechadas, mas as janelas abertas, porque pra mim essa liberdade, esse brincar, esse desenvolvimento, a subjetividade e a identidade ainda não é uma coisa de livre acesso.”

(E. C. C. universitária participante da pesquisa)

RESUMO

Constituiu o propósito desta investigação explorar e compreender, por meio das representações sociais, as imagens que um grupo de universitários paulistas tem da escola. As representações, por serem reveladoras de uma realidade social, atuam orientando as ações dos sujeitos e criam conhecimentos expressos a partir de imagens. Estas buscam referências no real e no imaginário e vão adquirir coerência a partir de um movimento do olhar que compreende a escola como um espaço simbolizado.

A apreensão desse espaço demandou a elaboração de uma proposta metodológica multidimensional, realizada a partir da coleta e do processamento de um conjunto diversificado de informações advindas de narrativas desenhadas e escritas. Para a legitimação dos resultados foi necessário o retorno ao campo da pesquisa para a discussão com alguns participantes, o que possibilitou o aprofundamento da compreensão das informações iniciais. Como suporte foi utilizado um conjunto de *softwares* (*EVOC, Alceste, CHIC e SPSS*), que permitiu a realização de análises específicas.

Os resultados da análise dos dados, de maneira geral, registraram duas dimensões de imagens permeando a representação social da escola para os universitários investigados. A primeira, fortemente compartilhada pelos estudantes de Pedagogia, indicou uma escola idealizada com seus materiais escolares e ambientes típicos de uma escola de ensino infantil ou fundamental. Um espaço fechado por muros e portões envolto num clima harmonioso, onde os conflitos e as lutas são amenizados. As imagens parecem vir de uma vivência do passado distante da escola em que vivem hoje como alunos. A segunda, descrita por alunos de Medicina, expôs a escola do presente, ou a escola em que vivem como alunos. Uma escola que tem como luta o crescimento pessoal, oferecendo condições materiais e físicas. Nessa dimensão o aluno é o personagem central, que se destaca porque enfrenta os obstáculos cotidianos, que variam desde a luta para entrar na faculdade até como se manter nela, sempre com a meta de se tornar um sujeito mais qualificado. As lutas são compreendidas como investimentos individuais, o que implica conquistas também individuais.

As conclusões indicaram que a representação social da escola para esse grupo de universitários é formada por imagens criativas, mas pouco originais. Juntas formam um campo semântico composto por palavras e expressões de significados superficiais como: cidadania, participação, qualidade de ensino, oportunidades e justiça social. Juntas corporificam uma “fachada” que traduz a ausência de uma dimensão política caracterizada por personagens históricos que se afirmam lutando e conquistando, decidindo e intervindo nos processos sociais e, em particular, na escola.

ABSTRACT

The objective of this investigation is to explore and to understand, by means of social representations, the images that a group of university students living in the State of São Paulo have about the school. Due to the fact that they reveal a social reality, those representations guide the actions of the individuals and create a knowledge expressed by images. These images seek their references on what is real and what is imaginary and become coherent upon a look that views the school as a symbolized space.

The perception of this space demanded the preparation of a methodological multidimensional proposal, which was achieved through the collection and processing of a diversified group of drawn and written information. To make such results legitimate, a return to research was needed and a discussion with some participants led to a deeper understanding of the initial information. A software suite (*EVOC, Alceste, CHIC and SPSS*) was used for specific analyses.

The results of this data analysis pointed out, generally, two image dimensions that permeate the social representation of the school by the university students under examination. The first dimension, strongly shared by students of Pedagogics, depicted an ideal school, with the materials and environment typically found in a nursery or primary school. A space enclosed by walls and gates with a harmonious climate, where conflicts and struggles are minimized. Those images seemed a reminiscence of the past, far from the school attended by those students today. The second, described by students of Medicine, depicted the school presently attended by them. A school that fights for personal growth, providing physical and material conditions. Within that dimension, the student is the central character who stands out by facing the daily obstacles, struggling to be admitted to college and to remain there, focusing on the goal of becoming a qualified individual. Those struggles are seen as individual efforts and imply individual successes.

The conclusions revealed that the social representation of the school for this group of university students is formed by creative, though hardly original, images. Together they form a semantical field comprising words and expressions with superficial meanings such as citizenship, participation, teaching quality, opportunities and social justice. Together they embody a “facade” which represents the absence of a political dimension characterized by historical characters who assert themselves by fighting and winning, making decisions and intervening in the social processes and, particularly, in the school.

RÉSUMÉ

Le propos de cette enquête est celui d'explorer et comprendre, au moyen des représentations sociales, les images qu'un groupe d'universitaires paulistas se fait de l'école. Les représentations, étant révélatrices d'une réalité sociale, agissent en orientant les actions des sujets et en créant des connaissances expresses à partir d'images. Celles-ci cherchent des références dans la réalité et dans l'imaginaire et vont acquérir de la cohérence à partir d'un mouvement du regard qui comprend l'école comme étant un espace symbolisé.

L'appréhension de cet espace a demandé l'élaboration d'une proposition méthodologique multidimensionnelle, réalisée à partir de la réunion et le traitement d'un ensemble diversifié d'informations issues de récits dessinés et écrits. Pour légitimer les résultats il a été nécessaire de retourner au terrain de la recherche pour discuter avec quelques participants, ce qui a rendu possible d'approfondir la compréhension des informations initiales. On a utilisé en tant que support un ensemble de *logiciels* (EVOC, Alceste, CHIC et SPSS), qui a permis la réalisation d'analyses spécifiques.

Les résultats de l'analyse des données, d'une manière générale, ont enregistré deux dimensions d'images traversant la représentation sociale de l'école pour les universitaires sujets de l'enquête. La première fortement partagée par les étudiants de Pédagogie, a indiqué une école idéalisée avec ses matériaux scolaires et des ambiances typiques d'une école d'enseignement maternel et primaire. Un espace fermé par des murs et des portes cochères enveloppé dans un climat harmonieux, où les conflits et les luttes sont atténués. Les images paraissent venir d'une expérience vécue dans un passé loin de l'école où ils vivent maintenant en tant qu'élèves. La deuxième, décrite par des élèves de Médecine, a exposé l'école du présent, ou l'école où ils vivent en tant qu'élèves. Une école qui a comme lutte le développement personnel, en offrant des conditions matérielles et physiques. Dans cette dimension l'élève est le personnage central, qui se met en évidence parce qu'il brave les obstacles quotidiens, qui varient de la lutte pour entrer à la faculté jusqu'à comment s'y maintenir, ayant toujours le but de devenir une personne plus qualifiée. Les luttes sont comprises comme des investissements individuels, ce qui implique en des conquêtes aussi individuelles.

Les conclusions ont indiqué que la représentation sociale de l'école pour ce groupe d'universitaires est formée par des images créatives, mais peu originales. Ensemble elles forment un champ sémantique composé de mots et expressions aux significations superficielles tels que: citoyenneté, participation, qualité de l'enseignement, opportunités et justice sociale. Ensemble elles donnent corps à une "façade" qui traduit l'absence d'une dimension politique caractérisée par des personnages historiques qui s'affirment en luttant et gagnant, en décidant et intervenant dans les processus sociaux et, en particulier, à l'école.

APRESENTAÇÃO – As primeiras palavras: uma tomada de posição.....	10
INTRODUÇÃO – Representações sociais e imagens: a proposta de um estudo.....	19
I. Contextualização teórica – Toda idéia é uma imagem.....	23
1.1. A imagem na Teoria das Representações Sociais: um estudo.....	28
1.2. Representações sociais e imagens: as noções de produto e processo.....	35
II. Metodologia – Os caminhos trilhados	38
2.1. A coleta e os processamentos de dados.....	38
2.1.1. Narrativas desenhadas.....	39
2.1.2. Narrativas escritas.....	41
2.1.3. Entrevistas reflexivas.....	43
2.1.4. Questionário de caracterização dos sujeitos.....	45
2.2. Procedimentos de análise.....	47
2.3. Abrangência da pesquisa e caracterização dos pesquisados.....	48
III. Análise dos dados – Leitura e discussão das imagens	51
3.1. FASE 1: Exploração e análise dos desenhos.....	53
3.1.1. Pré-análise.....	54
3.1.2. Descrição analítica.....	55
3.1.3. Discussão dos resultados.....	74
3.2. FASE 2: Exploração e análise das narrativas escritas.....	78
3.2.1. Pré-análise.....	78
3.2.2. Descrição analítica.....	79
3.2.2.1. Classe 1 – Escola: lugar valoroso.....	81
3.2.2.2. Classe 2 – Escola dos médicos.....	83
3.2.2.3. Classe 3 – Escola: lugar de crescimento pessoal.....	84
3.2.2.4. Classe 4 – Escola: lugar idealizado.....	86
3.2.3. Discussão dos resultados.....	91
3.3. FASE 3: Exploração da associação livre de palavras.....	97
3.3.1. Pré-análise.....	97
3.3.2. Descrição analítica.....	99
3.3.3. Discussão dos resultados.....	105
3.4. FASE 4: Exploração e análise das questões abertas.....	108
3.4.1. Pré-análise.....	108
3.4.2. Descrição analítica.....	110
3.4.2.1. Títulos.....	110
3.4.2.2. Por que tudo isso é escola?.....	114
3.4.2.3. Quais são os personagens do seu desenho?.....	117
3.4.2.4. Quais são as lutas e quais as conquistas?.....	121
3.4.2.5. Como enfrentá-las?.....	127
3.4.3. Discussão dos resultados.....	129
3.5. FASE 5: Exploração e análise das entrevistas reflexivas.....	133
3.5.1. Pré-análise.....	134
3.5.2. Descrição analítica.....	137
3.5.2.1. Classe 1 – Escola: imagem dinâmica.....	139
3.5.2.2. Classe 2 – Escola: imagem brasileira.....	141
3.5.2.3. Classe 3 – Escola: imagem organizada.....	143
3.5.3. Discussão dos resultados.....	146
IV. Conclusões e considerações finais.....	150
Bibliografia.....	160
ANEXOS	

As primeiras palavras: uma tomada de posição

O presente estudo tem como foco a imagem da escola, definida como um objeto constituído por características e propriedades que os indivíduos atribuem a esta instituição social importante, considerada o locus responsável pelo desenvolvimento da humanidade nos sujeitos, por intermédio de sua preparação para o convívio no meio social. Este interesse está relacionado a minha experiência profissional atuando no interior de diferentes escolas, como professora, coordenadora pedagógica e supervisora de ensino da rede pública e particular no município de São Paulo.

Durante 15 anos, fui vivenciando uma insatisfação com os modelos tradicionais de pensamento, os quais geravam conhecimentos parcelados advindos de uma forma linear de compreensão do real; segundo Gilly (2001, p. 331):

O discurso científico sobre a pedagogia sem dúvida nos habituou, em demasia, a explicações exclusivamente técnicas (ou mecanicistas), relativas a procedimentos, fundadas em modelos locais de funcionamento e de mecanismos associados a características intrínsecas aos sujeitos (funcionamento cognitivo, ritmos biológicos dos alunos etc., competências técnicas, qualidades relacionais dos professores etc.) ou ainda em modelos técnicos de aprendizagem (métodos, programas dos cursos etc.).

*A insatisfação também se relacionava à desconsideração das “vozes” daqueles que vivem o cotidiano escolar, principalmente os que se encontram na escola como alunos nas salas de aula. Estes personagens têm sido negados como influentes colaboradores para a manutenção do que Gilly (2001) chama de “modelo dominante”. Tal modelo, proposto pelo autor, é assegurado de forma determinante por “agentes da instituição”, os quais por meio de uma rede de sentidos – emoções, valores, símbolos, crenças e afetos –, colaboram para “a inércia de um modelo de funcionamento conhecido, que traz segurança, mantém os costumes e protege das vertigens da mudança” (idem, *ibid.*, p. 327).*

Posteriormente, em uma nova fase profissional, na Fundação Carlos Chagas (FCC), reafirmei meu interesse pela escola participando de projetos de macroavaliações, que procuravam investigar esta instituição social a partir do desempenho de seus alunos e das condições de ensino oferecidas. Neste contexto participei também de um projeto que buscou aliar o diagnóstico dos sistemas de educação com a construção de uma metodologia que permitiu a aproximação para com a escola e a sua compreensão – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica¹. Tal estudo foi importante marco para mim e serviu-me de subsídio e estímulo para o desenvolvimento do presente projeto.

¹ O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é reconhecidamente um processo de avaliação de sistemas de grande qualidade técnica, conquistada pela sofisticação metodológica empregada na análise dos seus resultados. Por aliar análises quantitativas e qualitativas, o Saeb foi, e ainda é, um dos mais efetivos instrumentos de diagnóstico do sistema de educação, subsidiando a gestão em diversas políticas públicas.

Associada a uma equipe de pesquisadores, buscava explorar nos dados do Saeb os fatores intra-escolares que pudessem responder por um bom desempenho de alunos. A investigação procurava estudar a representação da boa escola ou escola efetiva, bem como a discussão a respeito do sucesso e do fracasso escolar associados aos níveis socioeconômicos dos alunos. Pesquisávamos subsídios para refletir e olhar a escola com base nas referências de boa escola oferecidas pelos seus próprios atores, que nela vivem e convivem diariamente.

O Saeb 1999, principalmente suas aplicações de 1999 e 2001 que desenvolveram estudos exploratórios, introduziu-me de pronto no âmago das representações sociais: investigar a concepção de diretores, professores e alunos sobre sucessos e fracassos escolares.

Os resultados das análises indicaram que, para os professores, está ainda presente uma concepção associada à ideologia do dom (alguns alunos são mais inteligentes, mais capazes que outros) ou ao fatalismo do handicap sociocultural (alunos de meios culturais precários teriam mais dificuldade para aprender!); Diante desta compreensão dos professores, a escola passa então a ter um papel secundário. Esta análise me levou ao seguinte questionamento: Qual seria o papel da escola?

Neste sentido, considerar o que pensam os educadores, por meio das análises de suas representações sociais da escola, foi uma proposta fundamental de pesquisa que partiu da escuta das diferentes vozes, tendo como hipótese que realidades diferentes apresentariam representações diferenciadas, uma vez que as aplicações do Saeb 1999 e 2001 foram realizadas em diferentes estados brasileiros. Esse estudo diagnóstico revelou que as

representações, em princípio, orientavam não só as relações entre gestores, professores e alunos, mas também suas percepções de escola.

Esta experiência estimulou meu interesse pela Teoria das Representações Sociais, que passou a ser referência para meus estudos logo no primeiro ano do doutorado, e os aprofundamentos de minhas preocupações na área levaram-me a buscar sua intersecção com diferentes temáticas.

O interesse de aprofundar o estudo da Teoria das Representações Sociais, e a partir dela as imagens, ganhou importância com a minha aproximação para com outro trabalho de pesquisa realizado pela PUC-SP e por outras universidades associadas: “Imaginário e representação social de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira”. Tal projeto, ainda em andamento, explora investigações que envolvem o imaginário de jovens universitários brasileiros sobre o Brasil e a escola com base na análise de suas representações sociais e de suas imagens. Ele, por sua vez, é parte de um programa de pesquisa mais amplo – Imaginários Latino-Americanos –, sediado pelo Laboratoire Européen de Psychologie Sociale (Leps) da Maison des Sciences de l’Homme (MSH) – França –, que conta com a participação de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e de vários países².

² Brasil: Angela Arruda – UFRJ (coordenadora internacional do projeto), Clarilza Prado de Souza – FCC/PUC-SP (Coordenadora nacional do projeto), Lillian Ulup – UFRJ, Tunico Amancio – UFF; França: Denise Jodelet – École de Hautes Études en Sciences Sociales/Paris; Grécia: Nikos Kalampalikis, Atenas; México: Alfredo Guerrero Tapia, Martha de Alba – Universidad Nacional Autónoma de México/Cidade do México; Venezuela: Maria Auxiliadora Banchis, Mireya Lozada, Álvaro Agudo – Universidad Central de Venezuela/Caracas.

No Brasil, o projeto envolveu universitários de instituições públicas e privadas das cinco regiões brasileiras, matriculados nas áreas de Educação (Pedagogia), Medicina, Enfermagem, Serviço Social e Engenharia (civil ou similar). A escolha dos cursos foi feita em conformidade com os pesquisadores latino-americanos, considerando os tipos de carreiras com certa similitude em formação, currículo e composição, em termos de nível social da clientela. Estes elementos foram observados a fim de possibilitar maior aproximação entre os dados coletados no Brasil, no México e na Venezuela.

O estudo proposto tem por meta explorar e analisar as representações sociais do Brasil e da escola por parte de jovens universitários brasileiros. Foram estudadas dimensões, mediatizadas e validadas por um coletivo de forças, que associadas esboçam imagens. Para a tarefa, buscou-se aporte teórico tanto nos estudos das imagens como naqueles das representações sociais, com os objetivos de discutir papéis e funções de aspectos psicossociais e analisar o fenômeno dos sentidos circulantes, compreendido como verdades, normas, valores e regras de comportamento.

A referida pesquisa também enfrentou o desafio da precisão e do rigor metodológicos para a realização dos encaminhamentos empíricos, diante de uma significativa quantidade de participantes (1.029) – espalhada por sete cidades: São Paulo, Porto Alegre, Salvador, Belém do Pará, Recife, Goiânia e Rio de Janeiro – com uma proposta de aplicação de diferentes instrumentos de pesquisa utilizando desenho e narrativas escritas.

O material imagético, elaborado a partir do desenho, foi considerado um instrumento significativo para pesquisas que se propõem a captar outras formas de expressão, mais personalizadas e menos formais, capazes de oferecer novas informações que textos elaborados com a escrita, não conseguem captar nem expressar.

O desenho constituído neste estudo se configurou como possibilidade de instrumento de pesquisa porque, como afirmam Alves & Oliveira (2004, p. 33), a importância do uso do material imagético reside no fato de ele conduzir às múltiplas realidades captadas pelas imagens, não traduzidas em textos, sejam eles discursos e propostas oficiais ou de outros tipos. Acreditamos que as imagens são portadoras de possibilidades de compreensão ampliada do que é e do que pode ser a prática pedagógica real, escamoteada e tornada invisível “a olho nu” pelas normas e por regulamentos da cientificidade moderna, da hierarquia que se estabelece entre teoria e prática e dos textos produzidos nesse contexto.

Diante desta possibilidade de participar de estudos que envolvem a escola e da vivência com diferentes pesquisas, fui desafiada a elaborar um trabalho que pudesse aprofundar especificamente o estudo da imagem da escola e suas implicações com as representações sociais. O propósito do aprofundamento demandou a criação de uma investigação vertical construída com base nos dados coletados no Estado de São Paulo entre universitários de quatro instituições diferentes: duas turmas de Pedagogia e duas turmas de Medicina.

Certamente, não se pretendeu nesta investigação a apreensão de todos os elementos do fenômeno estudado, mas a partir de suas múltiplas dimensões compreender: Quais as representações sociais de alunos de Pedagogia e Medicina, do Estado de São Paulo, sobre a escola? Qual(is) imagem(ns) tais representações sociais expressam?

A investigação da imagem da escola, quer como produto das representações sociais, quer pela forma de expressão imagética, revelou-se como fonte fecunda, por conduzir à exploração de múltiplas realidades captadas tanto pelos desenhos como pelas narrativas escritas. Tais considerações sobre a imagem estão muito associadas aos fundamentos da Teoria das Representações Sociais.

Moscovici introduziu o conceito de representações sociais na psicologia social contemporânea há quase 40 anos. Desde então, a teoria tornou-se um dos enfoques predominantes em diferentes estudos de Psicologia, principalmente na Psicologia da Educação. Moscovici propôs uma teoria que respondeu a uma tradição de pensamento nas Ciências Sociais que envolvia não só as contribuições de Durkheim e Piaget, mas também as de Lévy-Bruhl e Vygotsky. As representações sociais constituem um caminho dialético entre o sujeito, entendido como aquele capaz de dar sentido às configurações simbólicas que se constituem como matéria-prima para o pensamento e as práticas sociais, e meio social, sem, no entanto, reduzi-los um ao outro.

Em suas proposições Moscovici (1978) compreende a imagem como o estudo que leva em consideração tanto uma face figurativa como uma face simbólica, reconhecidas como elementos tão indissociáveis como a frente e o verso de uma folha de papel. Ao destacar-lhes o desdobramento nessas duas faces, Moscovici (1978, p. 65) afirma que elas fazem "(...) compreender em toda figura um sentido e em todo sentido uma figura".

No nível individual, a relação entre as duas faces facilita o processo de apropriação das representações sociais que compreende a escolha, com base em critérios seletivos eleitos a partir das características, da tradição e das referências do grupo social, de informações acerca de um dado objeto social e, conseqüentemente tornando familiar os elementos retidos.

A apropriação configura-se na imagem ou no "núcleo figurativo", isto é, uma estrutura de imagem que reproduz uma estrutura conceitual de uma maneira visível" (Moscovici, 1978, p. 27), de modo que as idéias construídas são percebidas como algo concreto, objetivo ou evidente. No processo de tornar o estranho em familiar é utilizada a fórmula de dar realidade ao conceito, isto é, perceber e constatar a idéia em objetos reais.

A relação entre o estudo da imagem da escola e das representações sociais, compreendidas aqui como orientadoras da presente pesquisa, buscou auxílio na Teoria da Complexidade de Morin (2002) para que pudessem ter seus constituintes tecidos juntos. Segundo Morin, terminou a era da teoria fechada, fragmentária e simplificante do homem, para começar a era da teoria aberta, multidimensional e complexa.

A Teoria das Representações Sociais é declaradamente, como afirma grande parte de seus autores – Moscovici (1978), Jodelet (2001), Jodelet & Tapia (2000), Banchs & Lozada (2000), Arruda (1998) –, uma teoria multidimensional, em desenvolvimento e aberta para inúmeras e múltiplas possibilidades.

Compreendê-la no seu estágio atual exige partir de um paradigma que acolha a complexidade do pensamento, indicada pelo paradoxo do uno e do múltiplo, pela convivência inquieta e estimulante da ambigüidade, pela incerteza e pela desordem. Coube, ao design da pesquisa, que inclui o modelo metodológico, às análises dos dados e às conclusões finais, o desafio de abranger a multidimensionalidade do real com seus muitos caracteres que permeiam e envolvem as imagens que as representações sociais revelam.

Representações sociais e imagens: a proposta de um estudo

As escolas, os professores e os alunos não são mais os mesmos. O que nos faz concordar com Arroyo (2004) o qual declara que “não tem sido fácil ao longo da história social da infância, adolescência e juventude encaixá-los num imaginário romântico” (p. 11), que criou, ao longo da história da Pedagogia, múltiplas metáforas associadas tanto ao professor como “jardineiro”, ao aluno como “plantinha, massinha, fio maleável” ou à escola como “nosso segundo lar”.

Evidenciamos cotidianamente que estas metáforas não dão conta de descrever a trajetória profissional do educador, a infância, a adolescência, a juventude e a escola. Dificilmente nos reconhecemos como “jardineiros”, nossos alunos como “plantinhas” e a escola está longe de ser “nosso segundo lar”.

Se estas metáforas representam as imagens de escola, professor e alunos de um passado romântico, distantes daquilo que somos, quais seriam as metáforas do presente? Que imagens principalmente da escola estão em processamento?

Investigar a imagem da escola foi a tarefa desta pesquisa, que considerou as imagens elementos flexíveis, que se encontram em movimento ininterrupto, orientando atitudes e condutas diárias, imagens que são produto das representações sociais.

Não há novidade em associar a noção de imagem àquela de representação. Este parentesco estreito se explica pela aproximação semântica entre as duas palavras. A palavra “representação” pode ser definida como “idéia ou imagem que concebemos do mundo ou de alguma coisa” (*Dicionário Houaiss*, 2001), e “imagem”, como “representação da forma ou do aspecto de ser ou objeto por meios artísticos” (idem).

Segundo Moliner (1996), Serge Moscovici, na obra que o tornou referencial teórico no campo das representações sociais, aproxima representações sociais e imagens no próprio título dessa obra *La psychanalyse: son image et son public*.

Moscovici (1961) estabelece uma equivalência implícita entre as duas noções visto que a obra expõe uma teoria que é aquela das representações sociais. Se, no capítulo introdutório, o autor tem o cuidado de dar a partir da noção de imagem uma definição próxima de imagem mental, ele conserva em seguida a “confusão” evocando indiferentemente a representação ou a Imagem da Psicanálise a representação ou a imagem do psicanalista. (Moliner, 1996, p. 148)

A novidade encontra-se na relação existente entre os dois termos. “Representação” entendida como aquela que designa uma ação, e “imagem” como aquela que designa uma forma. Esta distinção é fundamental porque propõe que a representação seja processo e a imagem produto. Essa compreensão, que envolve produto e processo, encontra-se sustentada pelo conjunto de cognições, objetivações e ancoragens, que constituem o conteúdo da representação. Moliner (1996) indica que as cognições são operadas para apreender e interpretar o ambiente social. As elaborações das imagens encontram-se atreladas aos resultados dessas interpretações.

Neste sentido, o problema desta pesquisa residiu na investigação desta relação entre representações sociais e imagem, ou seja, ***procuramos explorar e compreender, por meio da Teoria das Representações Sociais, as imagens da escola, elaboradas por um grupo de universitários paulistas.***

Também como proposta de investigação exploramos algumas dimensões de análises, presentes nas representações sociais e pouco exploradas em estudos da área, como emoções, valores, símbolos, crenças e afetos, entre outras, necessárias para o estudo de imagens, que certamente influenciam a elaboração e mudanças de representações sociais.

Os objetivos do trabalho

O presente estudo norteou-se por um objetivo principal e por dois objetivos correlatos e derivados, menores apenas em ênfase, mas, de modo algum, em importância.

O principal objetivo norteador do estudo consistiu em apresentar, dentro da abordagem das representações sociais, as imagens da escola por parte de universitários da região central do Estado de São Paulo. A formalização das informações tomou como referência a coleta diversificada de dados, narrativas desenhadas e escritas, possibilitando a compreensão de um conjunto de pontos teóricos de aproximação entre representação social e imagem.

A fim de atender aos objetivos do trabalho foi definido o desenvolvimento de quatro capítulos.

No **capítulo 1, Contextualização teórica: toda idéia é uma imagem**, abordamos o referencial teórico que orientou e sustentou esta pesquisa. Iniciamos o estudo reconhecendo o conceito de imagem como fundamental para a compreensão do real construído. Procuramos estudá-lo dentro do amplo espectro da Teoria das Representações Sociais, associando-o ao “mundo imaginal” de Maffesoli, contaminado de idéias e emoções comuns. Em seguida, propusemos uma exploração dos aspectos que associaram a objetivação e a ancoragem ao conceito de imagem, discutindo as idéias que associam as representações sociais a processo e as imagens a produto.

No **capítulo 2, Metodologia: os caminhos trilhados**, foram descritos os caminhos percorridos que definiram as diferentes coletas entre os participantes da pesquisa, universitários iniciantes dos cursos de Pedagogia e Medicina. Descrevemos os processamentos de análises qualitativas realizadas com base no conjunto diversificado de dados coletados a partir do desenho, das técnicas de narrativa escrita e das entrevistas reflexivas.

Foi também descrito o conjunto de *softwares* utilizados como suporte, que permitiram a realização de algumas análises específicas: programa *Classification Hiérarchique Implicative et Cohésive* (Chic) 2.3, *Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Évocations* (Evoc), Programa Alceste e *Statistical Package for The Social Sciences* (SPSS) que realizou cálculos de freqüências e porcentagens para a descrição da análise do perfil dos dois grupos de universitários investigados.

No **capítulo 3, Análise dos dados: leitura e discussão das imagens**, discutimos as informações coletadas no trabalho de campo. Foram realizadas análises de resultados de seis diferentes focos que procuraram abranger a escola. Estes dados foram coletados na aplicação do questionário da escola (Q1) contendo questões abertas: 1) *Dê um título ao seu desenho*; 2) *Por que você acha que tudo isso é escola?* 3) *Quais são os personagens de seu desenho?* 4) *Qual é a luta?* 5) *Como enfrentá-la?* 6) *Quais as conquistas?* Ao final foram tecidos, de forma conjunta, os diferentes fios, ou as diferentes imagens, para uma composição única sobre a representação social da escola.

No **capítulo 4, Conclusões e considerações finais**, foram apresentadas as diferentes discussões provocadas por este percurso de investigação e oferecidas algumas propostas para a continuidade daquilo que consideramos ainda em processo de investigação. Ao final declaramos nosso desejo de colaborar na construção de conhecimentos, principalmente aqueles que nos fazem compreender como sujeito, representação social e imagem são indissociáveis.

Toda idéia é uma imagem

A representação iguala toda imagem a uma idéia e toda idéia a uma imagem. (Moscovici, 2003, p. 46)

Direcionamos a discussão sobre a imagem levando em consideração dois aspectos. O primeiro afasta sua definição como resultado a ser apreciado por um espectador e reconhece-a como um binômio, “processo e produção”, a ser forjado por um criador. O segundo reconhece o poder simbólico da imagem, capaz de criar o objeto representado, construindo uma realidade nova a partir da realidade que já existe. (Jovchelovitch, 2000)

Ao propor o conceito de representação social, Moscovici (1978)³ buscou superar o conceito de representações coletivas de Durkheim, argumentando que este impunha limites à compreensão de fenômenos fora da ótica ideológica, mítica, religiosa ou primitiva. Segundo ele, o conceito de representação social, ao contrário, permite abarcar a plasticidade e a mobilidade características da vida moderna, definindo, com isso, um espaço psicossociológico próprio para sua teoria.

Este conceito ampliou de forma reveladora a apreensão da realidade social e explorou a compreensão de estruturas de conhecimento que, de forma simultânea, constituem-se, por um lado, a partir do real – interpretação que os homens atribuem à realidade –, e por outro adquirem autonomia com relação a ele, orientando assim as atitudes e as condutas.

³ Psicólogo francês, escreveu sua tese, intitulada *La psychanalyse: son image et son public*, em 1961, publicada no Brasil em 1978 com o título *A representação social da psicanálise*, traduzida da segunda edição francesa, publicada em 1976 pela *Presses Universitaires de France*, de Paris, França, na série *Bibliothèque de Psychanalyse*. Nesse período de mais de 40 anos de estudos sobre representações sociais muitas obras foram produzidas consolidando a existência de um significativo campo de investigação: Moscovici (1961, 1998), Jodelet (1984, 2001), Ibáñez (1988), Herzlich (1972), Doise (1992), Vala (1993), Sá (1993), Abric (1994), Wagner (1999) e Elejabarrieta (1991), entre outros.

As representações sociais também foram reconhecidas como construtoras da criação de significações que tornam possível a expressão simbólica do real, refletida a partir das idéias, dos signos e dos símbolos, capaz de transformar um objeto em imagem. Neste sentido as imagens não são manifestações concretas nem passivas, mas elaborações constituintes do pensamento e, como tal, são construídas no universo mental, sobrepondo-se, alterando-se e transformando-se constantemente.

Também para Maffesoli (1995) podemos depreender que o estudo da imagem é fundamental para a compreensão do real. Para tanto, é proposto o investimento na tarefa de analisar “o mundo imaginal, contaminado por idéias coletivas, emoções comuns e imagens de todo o tipo.” (p. 110), no qual as diversas manifestações, do imaginário, do simbólico e da imagem, ocupam, em todos os domínios, um lugar de crescente primazia.

A imagem não é de maneira alguma uma duplicação da realidade, ela tampouco é o reflexo de uma infra-estrutura à qual pertenceria toda a realidade. É antes um *buraco sem fundo*, um sol negro que pode cegar. (...) Porém, ao mesmo tempo, a imagem, diferentemente do mecanismo da razão, exprime bem a organicidade profunda de cada coisa. É o que chamei de holismo. É o que explica que seja, ao mesmo tempo, fator de desagregação: a do mecanismo e do racionalismo, próprios da modernidade; e fator de agregação: em torno dela reúne, comunga-se. (Maffesoli, 1995, p. 138)

Bronislaw Baczko (1985) afirma que – “sobretudo na segunda metade do século XIX – a psicologia, sociologia e antropologia.” (p. 303) declararam-se como correntes do pensamento favoráveis às manifestações do *imaginário*. Ofereceram postura “científica” às questões que tentavam desvendar o “verdadeiro” que se escondia nos comportamentos dos agentes sociais. O imaginário como conceito-chave tem a sua história e seus desdobramentos produzidos por diversos autores que o projetaram para além da ficção, da vida material, resgatando-o como perceptível em todos os aspectos da vida social.

Durand (2002), uma das mais importantes referências aos estudos do imaginário, afirma que a separação entre razão e imaginação decorreu de um processo de monopolização da razão em detrimento da imaginação, considerada a “louca da casa”. Nestes termos, é falsa a separação entre razão e imaginação, pois o simbólico inscreve-se de maneira profunda na alma humana.

Ancorado numa lógica dialógica do inseparável, Durand (1995) entende que

não há um corte separando o sujeito do objeto, o imaginário da razão, o sagrado do profano. Não porque um dos termos de nossos dualismos ancestrais se reduziria ao outro, mas porque são ambos significantes de um mesmo significado “*tertium datum*” que os estrutura aos dois. (p. 20)

As manifestações do *simbólico* são possíveis graças à condição de dar formas simbólicas ao universo, o que eleva a condição do *Homo sapiens* para a constituição do *Homo symbolicus*, ou seja, aquele capaz de gerar traduções mentais, imagens, de uma realidade exterior vivida dando significado ao mundo. Essas imagens podem ser construções e traduções, elaboradas pelos sujeitos, de uma realidade descrita (real) ou de como se gostaria que ela fosse (imaginário).

O limite entre o real e o imaginário revela-se variável, enquanto o território atravessado por esse limite permanece, ao contrário, sempre e por toda parte idêntico, já que nada mais é senão o campo inteiro da experiência humana, do mais coletivamente social ao mais intimamente pessoal. (Patlagean, 2001, p. 291)

As manifestações da *imagem* são sempre produções do sujeito – literatura (escrita) e a iconografia (imagens) – que implicam a revelação do objeto ao próprio sujeito. As produções são realizadas, de modo geral, a partir de uma decodificação de signos de determinada cultura e, ao mesmo tempo, da compreensão do sentido e da organização que são dados a estes. Tal qual compreende Geertz (1989),

a **cultura** é melhor vista não como complexo ou padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos –, como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros chamam de “programas”) – para governar o comportamento. A segunda idéia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento. (p. 56)

Reafirmando, o sentido das manifestações da imagem vai ser dado ao sujeito por meio do contexto e da rede de informações que ele possui. Ao representar, entrelaçam-se um conjunto de conhecimentos advindos de informações do contexto sociocultural em que a situação ocorreu. Esse conjunto de conhecimentos que o sujeito tem sobre o tema e suas inferências, para Geertz, trata-se do conceito de cultura. Geertz concebe o conceito de **cultura** constituído de significados transmitidos ao longo do tempo, em forma de símbolos que são herdados, com os quais os homens comunicam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades durante a vida. O autor também estabelece uma relação entre a **cultura** pública e os seus símbolos, indicando a existência de

um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, uns sistemas de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (1989, p. 103)

Especificamente sobre os símbolos este autor os define como referentes

(...) às formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de idéias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças (...) Os atos culturais, a construção, apreensão e utilização de formas simbólicas, são acontecimentos sociais como quaisquer outros; são tão públicos como os casamentos e tão observáveis como a agricultura. (1989, p. 105-106)

As manifestações do imaginário, símbolos e imagens, nesta pesquisa, foram possíveis de ser investigadas a partir de uma alternativa metodológica diferenciada. Maffesoli (1995) sugere, para o estudo da imagem, uma metodologia que valorize a união do rigor científico e a sensibilidade colhida na vivência do cotidiano, elaborando uma proposta de análise que considere a tomada de consciência da pluralidade do real; e leve a sério o jogo das imagens, entendidas como uma perspectiva que “nega a separação, em todos os domínios: as palavras e as coisas, a natureza e a cultura, o corpo do espírito, e empenha-se em considerá-los em sua globalidade, em sua totalidade.” (p. 95-96)

Essa proposta metodológica afasta a associação entre imagem e imitação ou *mimese*. Segundo Aumont:

Mimese é no fundo um bom sinônimo de analogia. Nós o adotamos aqui para designar o ideal da semelhança “absoluta”, forçando um pouco seu sentido, exatamente porque a maior parte das teorias da analogia ideal postula um efeito de crença induzido pela imagem analógica, que tem relação com o fato de que essas imagens são, também, diegéticas (no sentido atual da palavra, isto é, carregadas de ficção). (1993, p. 200)

Isso implica dizer que mesmo à busca da mais absoluta semelhança, a imagem não consegue representar o real. Isso porque a imagem contém sentido que precisa ser “lido” por seu destinatário. É neste sentido que reside o problema da interpretação da imagem e é disso que falamos quando aproximamos os estudos das imagens com os estudos das representações sociais.

1.1. A imagem na Teoria das Representações Sociais: um estudo

Um dos teóricos que melhor definiu o conceito de representação social foi Denise Jodelet (2001). Segundo ela a representação social é

uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais. (2001, p. 22)

Essa vertente psicossociológica parte do pressuposto de que as representações sociais são atividades de reprodução, no plano cognitivo (esquemas mentais ou imagens), que as pessoas utilizam para fazer sentido do mundo e para se comunicar, ou seja, interagir com os outros. Nesta vertente a reprodução não é concebida como reflexo de uma realidade externa perfeitamente acabada, mas como uma remodelagem que não se separa das atividades simbólicas de um sujeito, ele mesmo solidário de sua inserção no meio social. (Moscovici, 1978, p. 27)

Assim, para Moscovici (1978) o homem é um pensador ativo e criativo que por meio de inclusões cognitivas, atitudinais, de informações e imagéticas constrói-se, e ao mesmo tempo constrói a sociedade em que vive. Apesar desses aspectos intra-individuais Moscovici procura não reduzir o conhecimento humano de forma particular onde o social intervém de maneira secundária. Para ele as representações sociais são modalidades de conhecimento que circulam no cotidiano da vida e que têm a comunicação e a socialização entre indivíduos, criando informações e tornando familiar o que pode ser estranho de acordo com as categorias de cada cultura.

Esse sujeito pensador e criativo possui predisposição para responder em forma de **atitudes**, positivas ou negativas, com orientação constituída a partir de avaliações *a priori*. A constituição da atitude refere-se às experiências subjetivas, fruto de processos comparativos decorrentes da interação social. Segundo Moscovici (1978), é por meio delas que o homem representa as orientações globais acerca de um objeto social. Assim, “as interações sociais conseguem incutir um sentido ao comportamento, integrando o sujeito numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes.” (Moscovici, 1978, p. 26)

A **informação** compreende o conjunto dos conhecimentos de um grupo acerca de um determinado objeto social. Para Moscovici (1978), a formação das representações sociais depende da qualidade e do tipo de informações sobre o objeto social de que o indivíduo dispõe, do seu interesse pessoal sobre aspectos específicos do referido objeto e da influência do meio no sentido de pressionar o indivíduo a utilizar determinadas informações que de certa forma são valorizadas naquele determinado grupo. O autor destaca ainda, na segunda parte de seu livro, a influência das informações adquiridas nos sistemas de comunicação. As representações sociais modificam-se ou atualizam-se dentro de relações de comunicação diferentes. Dessa forma, a mídia, integrada por um grupo de especialistas formadores e, sobretudo, difusores de representações sociais é responsável pela estruturação de sistemas de comunicação que visam a comunicar, difundir ou propagar determinadas informações que influenciarão, diretamente, a constituição, manutenção ou transformação de representações sociais.

Para Moscovici imagens “são sensações mentais que objetos e pessoas deixam em nosso cérebro.” (1978, p. 47-48), reconhecidas como um sistema de referência que permite ao indivíduo interpretar sua vida e a ela dar sentido, conferindo peso e significado aos demais elementos que se encontram nas demais dimensões.

As imagens influenciam as elaborações de conduta e dos modelos de conduta. São elementos para a tentativa de assumir a realidade concreta da sua definição abstrata, podendo ser “uma espécie de mesocosmo, um mundo do meio entre o macro e o microcosmo, entre o universal e o concreto, entre a espécie e o indivíduo, entre o geral e o particular. Donde sua eficácia própria é aquilo que ela representa.” (Maffesoli, 1995, p.103)

Por meio da imagem, eu participo desse pequeno outro que é um objeto, um guru, uma estrela, uma pintura, uma música, um ambiente etc. e por isso mesmo cria-se esse Outro, que é a sociedade... participação mágica, que se acreditava reservada aos primitivos, e que volta a galope com o reencantamento do mundo. Neste sentido, o jogo imaginal, pelo jogo sem fim da reversibilidade, favorece uma correspondência (...) em que não são apenas os objetos inanimados, ou os diferentes elementos da natureza que entram em composição, mas onde cada um, pela participação comum no culto das imagens, entre em ressonância com os outros, até criar esse ritmo particular, tão inquietante para os observadores sociais (...). (Maffesoli, 1995, p. 112)

A partir das idéias, do estar-junto em sociedade e da imagem, Maffesoli (op. cit. p. 95) crê que a desconfiança diante do mundo imaginal (= imagem, simbólico, imaginário ou mítico), que foi um importante trunfo para a hegemonização da racionalidade moderna, seria totalmente inadequada para apreender o atual momento que se vive. Em sua visão a imagem e a aparência são suficientemente eficazes para exprimir a racionalidade, feita de sonhos, do lúdico, do onírico e de fantasias.

Essa dimensão “imagens”, segundo Moscovici, embora resultem de aspectos subjetivos, não podem ser explicadas apenas pelo estado do cérebro nem pela morfologia social.

As imagens são espécies de sensações mentais, de impressões que os objetos e as pessoas deixam em nosso cérebro. Ao mesmo tempo, elas mantêm vivos os traços do passado, ocupam os espaços de nossa memória para protegê-los contra a barafunda da mudança e reforçam o sentimento de continuidade do meio ambiente e das experiências individuais e coletivas. (Moscovici, 1978, p. 47)

Por ser considerada um fenômeno cognitivo, que ocorre no nível individual, a imagem ou campo da representação organiza-se a partir da seleção de informações acerca de um dado objeto social. Em seguida essas informações são contextualizadas dentro de um conjunto de outras informações e imagens, já retidas pelo sujeito, configurando-se em uma nova imagem.

A materialização de informações externas em elementos da sua realidade interna, e vice-versa, de acordo com a Teoria das Representações Sociais, é denominado por *objetivação*.

Jodelet (2001) elucida como os mecanismos sociais interferem na elaboração psicológica que constitui a interação social e vice versa. Segundo a autora, a objetivação é uma operação imaginante e estruturante que dá corpo aos esquemas conceituais, reabsorvendo o excesso de significações, procedimento necessário ao fluxo das comunicações. E finalizando o processo se dá a constituição do “Núcleo Figurativo” que é um conjunto de estruturas imagéticas onde encontramos elementos articulados das representações sociais de modo mais relacionados.

Esse processo de objetivação pode ser “decomposto em três fases: construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização.” (Jodelet, 2001, p. 38) Para as duas fases iniciais a comunicação, ligada à presença social do sujeito, é aspecto preponderante.

A primeira, a construção seletiva, é um processo que se dá em função de critérios culturais, portanto corresponde à forma específica utilizada pelos indivíduos e grupos sociais para aprimorar conhecimentos acerca de determinado objeto.

A segunda, a esquematização estruturante, são noções que constituirão relações padronizadas de conhecimento que irão formar a representação social. Está relacionada à explicação sobre um determinado fenômeno que vai se estruturando e se tornando socializado para determinado grupo. É pelo processo psíquico interno que o indivíduo procura tornar esse fenômeno em algo familiar coerente com o referencial que já traz consigo, e para isso forja uma visão do objeto que seja coerente com sua visão de mundo.

Na terceira, naturalização, a percepção do grupo é encarada como realidade e materialidade. Os grupos vão explicar os fenômenos que acontecem no mundo, a partir das imagens e metáforas cada grupo tem sobre a realidade (Vala, 1993). A naturalização é entendida como realidade e materialidade. Decorre da formação do núcleo figurativo, que vai permitir ao indivíduo materializar os elementos do fenômeno em elementos da sua realidade. Na naturalização o indivíduo incorpora os conteúdos aproximando o fenômeno de suas realidades e capacidades de compreensão, bem como de suas necessidades de eliminar qualquer contradição que fragilize a base de suas representações sociais já cristalizadas.

Para a incorporação dos conteúdos outro processo é acionado, a *ancoragem*. Segundo Jodelet (2001):

A ancoragem enraíza a representação e seu objeto numa rede de significações que permite situá-los em relação aos valores sociais e dar-lhes coerência. Entretanto, nesse nível, a ancoragem desempenha um papel decisivo, essencialmente no que se refere à realização de sua inscrição num sistema de acolhimento (...), um já pensado. Por um trabalho da memória, o pensamento constituinte apóia-se sobre o pensamento constituído para enquadrar a novidade a esquemas antigos, ao já conhecido. (Jodelet, 2001, p. 38–39, 2001)

Neste processo, a intervenção do social traduz-se pela apresentação de conhecimentos relativos ao objeto de uma representação, articulando-se com uma característica do pensamento social, ou seja, com a propriedade de fazer concreto o abstrato, de materializar a palavra (Jodelet, 2001). Moscovici também corrobora a idéia: “Objetivar é reabsorver um excesso de significados materializando-os (...) é também transplantar para o nível de observação o que era apenas inferência ou símbolo.” (idem, 1978, p. 110)

O contato entre a novidade e o sistema de representações preexistente faz-se na origem das ordens dos fenômenos, ou seja, assim como não surgem do nada, as representações sempre encontram algo que já havia sido pensado, latente ou manifesto. Dessa forma, é com o processo de ancoragem que os dados novos da realidade se fundem nos dados antigos, fazendo com que as novas representações se integrem aos núcleos já constituídos.

Neste movimento de ancoragem ou amarração, o indivíduo torna-se capaz de manter uma das características mais significativas das representações que é a preservação da coerência, pois as novas representações apóiam-se nas já constituídas, facilitando a aceitação, incorporação e adaptando as novas idéias.

Segundo Moscovici (1978), na familiarização do estranho o indivíduo participa ativamente, de forma cognitiva, simbólica e afetiva, tornando familiar o não-familiar, por meio do movimento de ancoragem, decodificando o que é estranho para o universo consensual. Ademais, tudo o que permanece inclassificável e não-rotulável parece inexistente, estranho e, assim, ameaçador (Moscovici, 1978).

Em resumo, a objetivação procura tornar concreto o que é abstrato, transformando o conhecimento racional em imagem. A construção seletiva, primeiro componente do processo de materialização da imagem, é um fenômeno de acesso às informações que são apreendidas, pelo sujeito, de forma seletiva, por meio da comunicação entre indivíduos. A esquematização estruturante, está relacionada ao processo psíquico interno pelo qual o indivíduo procura tornar um fato, objeto e/ou conhecimento novo em algo familiar, coerente com o referencial que já traz consigo, e para isso forja uma visão do objeto que seja coerente com sua visão de mundo. Neste sentido, a objetivação tem função materializadora.

Já a ancoragem possibilita a incorporação de novos elementos, ao conjunto de saberes já existentes e antigos. Assim, além de ser um sistema de acolhimento, a ancoragem também se dispõe à instrumentalização do saber como forma de conhecimento. A naturalização, o terceiro componente do processo de materialização da imagem, vai permitir ao indivíduo materializar os elementos advindos da comunicação em elementos da sua compreensão ou do seu senso comum. Tornando familiares as imagens, o indivíduo fornece a elas uma realidade própria, coerente com as suas capacidades de compreensão.

Em linhas gerais:

o núcleo figurativo é uma estrutura imagética em que se articulam, de uma forma mais concreta ou visualizável, os elementos do objeto de representações que tenham sido selecionados pelos indivíduos ou grupos em função de critérios culturais e normativos. (Sá, 2002, p 65).

Tratando-se do encontro de uma experiência individual do conhecimento com os objetos sociais, tanto a objetivação como a ancoragem orientam as condutas, percepções e avaliações do indivíduo. Isso implica afirmar que a objetivação sozinha não garante a fixação do conhecimento advindo das imagens. Para tanto, é necessário o processo de ancoragem, o qual, numa relação dialética com a objetivação, garanta o movimento contínuo a essa estrutura de conhecimento.

1.2. Representações sociais e imagens: as noções de produto e processo

O conceito de imagem revelou-se, após estudo mais aprofundado, abstrato e de difícil precisão. Do latim *imágo*, *in*is (semelhança, representação) (Houaiss, 2001), uma imagem liga noções abstratas a objetos diretamente perceptíveis. Neste sentido, quando buscamos saber sobre a imagem que estudantes de Pedagogia e de Medicina têm da escola, interessamo-nos, ao mesmo tempo, com base nas representações sociais, por aquilo que eles vêem na escola e também pela maneira como interpretam essas percepções.

Essa forma simultânea de entendimento nos levou a considerar a imagem impregnada por elementos, já explorados anteriormente nesse capítulo: a *objetivação* e a *ancoragem*.

A conceituação de imagem compreendeu o estudo da *face figurativa* (objetivação) e da *face simbólica*, ou melhor, da rede de sentidos estruturada capaz de interligar elementos que se relacionam à escola (*ancoragem*). Em outras palavras, quando nos empenhamos em estudar a imagem, interessamo-nos pelo processo (ancoragem) de assimilação de novas informações a um conjunto cognitivo-emocional preexistente e pela transformação (objetivação) de um conceito abstrato em algo tangível.

Sabemos que, para Moscovici, essas *duas faces* – a *face figurativa* e a *face simbólica* – são tão pouco dissociáveis quanto a frente e o verso de uma folha de papel, fazendo-nos compreender que há uma relação entre elas: “A toda figura um sentido e a todo sentido uma figura.” (1978, p. 65)

Neste sentido, para a constituição da imagem, foi necessário o levantamento dos diversos pontos associados à *objetivação* e à *ancoragem*, capazes de revelarem um quadro amplo de referência (informações, ideologias, normas, crenças, valores, atitudes, opiniões etc.). A imagem é um elemento significativo da representação social. E, assim como a imagem, a representação “fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime.” (Moscovici, 1978, p. 26)

Contudo, a representação social (*face figurativa e face simbólica*) não nos permite conhecer todas as possibilidades de compreensão do objeto “escola”. Trata-se de uma constatação cuidadosa que permite afirmar: a imagem da escola é mais que a soma dos elementos que a constituem. “O todo é mais do que a soma de suas partes.” (Morin, 2002, p. 261)

Outro aspecto que precisou ser levado em consideração, com relação ao conceito de imagem e de representações sociais, foi que o fato de existir uma imagem de escola faz que as qualidades de alguns elementos, constituídos na face figurativa ou na rede simbólica, não possam ser expressas em sua plenitude, pois podem estar embaçadas, bloqueadas ou confusas, impedindo sua mais ampla compreensão. Assim, o todo deve ser também considerado menos que a soma de suas partes. (Morin, 2002, p. 261)

As reflexões referentes a “todo” e “parte” são propostas por Morin (2002) e seus estudos levaram-nos a associar a idéia de imagem de escola ao paradigma da complexidade. Neste sentido, a conceituação de imagem buscou a superação “da simplificação”, que abrange o todo, simplesmente, com base nas descrições das partes. A imagem da escola não pode ser compreendida como o somatório de partes, ou de facetas. Seus espaços, personagens e símbolos são complementares. Segundo Morin (2002, p. 261) esse princípio

é bem explícito e, aliás, intuitivamente reconhecido em todos os níveis macroscópicos, visto que em seu nível surgem não só uma macrounidade, mas também emergências, que são qualidades/propriedades novas.

A conceituação de imagem procurou também superar uma vertente totalizante – o holismo –, que é igualmente simplificada, ao reduzir o que tem natureza “complexa”, no caso a imagem, a uma única instância-chave (o todo). Segundo Morin (2002), o todo tem dupla identidade: a própria, que não é redutível ao todo porque é capaz de se autodesenvolver, e a comum, ligada à cidadania sistêmica, ou seja, comum, e que, portanto, recebe influência de suas diferentes partes.

O todo é menos do que a soma das partes porque elas, sob o efeito das coações resultantes da organização do todo, perdem ou vêem inibirem-se algumas das suas qualidade ou propriedades. (Morin, 2002, p. 261)

A partir do conceito de imagem exposto e das considerações da Teoria das Representações Sociais, foi possível desenvolver estratégias para a construção tanto do quadro amplo de referências quanto do quadro analítico, que, juntos, procuraram responder às questões e aos objetivos propostos para esta investigação.

O encaminhamento metodológico implicou a utilização de uma diversidade de procedimentos aplicados a um conjunto de jovens estudantes de Pedagogia e Medicina. Tal encaminhamento foi respaldado pela perspectiva da complexidade de apreender as imagens da escola como um conjunto de fenômenos multifacetados, organizados em relações interdependentes, envolvendo vários personagens e suas relações com o espaço onde atuam, e os símbolos com os quais convivem. Portanto, optamos por coleta, processamento e análise de dados que envolveram a narrativa desenhada (desenho) combinada às técnicas de narrativas escritas e entrevistas do tipo reflexiva.

Os caminhos trilhados

A captura das múltiplas facetas que compõem as imagens da escola presidiu o estudo do objeto da presente pesquisa, que pretendeu compreender as representações sociais da escola com base no estudo de suas imagens.

A pesquisa, considerando a interação social, base de toda a vida social em que os membros do grupo repartem suas atividades e têm vida comum e inter-relacionada por meio da dimensão simbólica, demandou um projeto de trabalho cujas opções metodológicas permitissem a visão ampliada do fenômeno e a percepção do seu dinamismo.

2.1. A coleta e os processamentos de dados

Jovchelovitch & Bauer (2002) afirmam que não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa. Ela se encontra em todas as formas de vida humana focalizadas entre a atividade lingüística e a manifestação de representações, baseando-se na concepção de que “(...) a partilha de uma teoria é facilitada pelo domínio comum de um vocabulário.” (Harré, 2001, p. 107) Afirmando também que “através das narrativas, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam experiência em uma seqüência, encontram possíveis explicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.” (Jovchelovitch & Bauer, 2002, p. 91)

Procuramos descrever, da forma mais detalhada, o conjunto diversificado de coleta de dados e processamentos de análise que envolveram um conjunto significativo de narrativas diferentes: as desenhadas (desenho), as escritas (respostas abertas) e as orais (entrevistas).

2.1.1. Narrativas desenhadas

No que se refere à utilização do desenho como método de coleta de dados, a proposta responde à finalidade de alguém (sujeito) representar de forma plástica alguma coisa (obra figurativa). Distinguimos as obras plásticas de outra natureza pela sua expressão espacial. Qualquer linguagem que esteja se projetando por meio de relações espaciais estará se exprimindo plasticamente. Neste sentido, podemos distinguir a forma plástica da forma musical, literária ou matemática.

O desenho nesta pesquisa é reconhecido como uma forma plástica constituída de organização e interpretação da informação. Quem desenha executa ao mesmo tempo as ações de criar e recriar, ler e reler, vivenciando um valor cognitivo fundamental, que dá forma à experiência sensorial e emotiva. Utiliza-se de signos para estabelecer a comunicação desses aspectos interiores definidos numa relação de tempo e espaço imediatos. É diretamente influenciado pelas experiências, memórias e por elementos constituintes do imaginário. Sua realização envolve grande esforço de abstração, a partir da socialização e da comunicação, na tentativa de fixar, em um suporte físico, exteriorizado, fragmentos de percepções e experiências do mundo.

Assim, o desenho como obra figurativa, jamais será um duplo do real, pois é fruto de uma reorganização própria de quem desenha. O ato de recriar o real não se constitui numa cópia deste, pois a ação de desenhar envolve um processo seletivo, que garante autenticidade a obra produzida.

(...) a obra figurativa é mais compreensível (...), na medida em que integra valores lógicos puros no interior de uma rede de signos mediatizados, imediatamente apreensíveis ao olho de outrem e fazendo referência a sua experiência óptica, motivo pelo qual nos encontramos, uma vez mais, reduzidos a uma definição de objeto figurativo, cujo destino não é representar o universo, mas ilustrar os valores de uma cultura. (Francastel, 1993, p. 105)

Nesta pesquisa, o trabalho com os desenhos teve início com o oferecimento aos pesquisados de uma folha sulfite A3 (29,7 x 42 cm) com a seguinte consignaço: “Componha um desenho contendo: o espaço da escola, seus personagens e as lutas travadas no seu cotidiano”.

O trabalho de análise dos desenhos deu-se com base na leitura constante dos elementos presentes nesses desenhos, associando-os a focos, categorias e subcategorias. As categorias e subcategorias foram construídas concomitantemente à discussão da utilização de critérios de agrupamentos dos elementos que diziam respeito a uma determinada imagem que os pesquisados haviam desenhado. As categorias não foram, portanto, descritas *a priori*. Buscou-se descrevê-las a partir da observação dos desenhos. O produto final obtido foi denominado *Matriz descritiva dos desenhos*. Essa matriz foi constituída por três temas: espaço, personagens e símbolos. Os símbolos foram subdivididos em 14 categorias (descritas no Quadro 3, nas páginas 58 e 59), que, por sua vez, também foram subdivididas em 153 subcategorias.

Além das análises qualitativas, recorreremos ao programa *Classification Hiérarchique Implicative et Cohésive - Chic 2.3*⁴, com o objetivo de aprofundar os dados levantados. Esse procedimento se encontra descrito de forma mais detalhada no próximo capítulo.

⁴ O programa Chic tem sua divulgação feita pela Associação para a Pesquisa em Didática da Matemática (ARDM). Sua denominação refere-se à Classificação Hierárquica Implicativa e Coesiva de um conjunto de dados. A versão utilizada foi a 2.3, que só funciona de modo autônomo com Windows 95 ou superior. Um PC 486 (ao menos) é recomendável. Assim sendo, para grandes tabelas de contingência, é preferível ter uma máquina potente (Pentium III com mais de 100 MB de memória RAM). Para o restante, a familiaridade com Windows é necessária (se não, é recomendável ser acompanhado por um usuário competente). É necessário também ter um mínimo de conhecimento sobre a análise implicativa para poder interpretar corretamente os resultados de diversos tratamentos permitidos pelo Chic. Doravante esse programa será referido como Chic 2.3

2.1.2. Narrativas escritas

Com o propósito de investigar o princípio de que as representações sociais estão na expressão escrita (Harré, 2001), foi entregue aos pesquisados um instrumento – *Questionário da escola (Q1)* – contendo as seguintes orientações: “Dê um título ao seu desenho” e “Faça um texto sobre o que você desenhou”.

Além destas, outras sete questões foram propostas: “Circule, utilizando a caneta vermelha, um ÚNICO ELEMENTO que você considera o MAIS IMPORTANTE. Responda: O que você circulou? Por que ele é o mais importante? Escolha mais três NOVOS elementos que considera relevantes. Escreva-os por ordem de importância nas linhas abaixo. Por que você acha que tudo isso é escola? Quais são os personagens de seu desenho? Qual é a luta? Como enfrentá-la? Quais as conquistas?”.

Para o estudo dos dados gerados com base nas narrativas escritas, foi utilizado o programa *Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte (Alceste)*⁵. Essas análises permitiram a realização de categorizações das palavras em unidades de significados, favorecendo a compreensão das relações entre os elementos verbais oferecidos.

Utilizou-se também a técnica semelhante à de evocações livres, baseada no método de análise de Vergès, que tem como fundamento a concepção de que toda representação está estabelecida em torno de um núcleo central, entendido como princípio organizador dos elementos da representação e que lhe dá sentido. A partir do termo indutor, no caso os “elementos mais importantes da escola”, os sujeitos evocaram um conjunto de quatro palavras (uma mais três).

⁵ O programa Alceste foi criado na França por M. Reinert. Sua denominação refere-se à Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Texto. Introduzido no Brasil em 1999 por Veloz e Camargo, vem contribuindo com análises de questões abertas de entrevistas e com análises de discursos em geral. Esse programa oferece: 1) uma análise de classificação hierárquica descendente; 2) uma análise lexicográfica do material textual; e 3) contextos ou classes lexicais caracterizados pelo vocabulário do texto analisado e pelos segmentos de texto que compartilham esse vocabulário. Doravante esse programa será referido como Alceste.

O tratamento dos dados utilizou o software *Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Évocations* (Evoc)⁶, versão 2000, que permite a análise de evocações e é baseado no modelo de análise citado, que combina frequência com ordem de emissão das palavras. O trabalho investigativo procurou pesquisar a *centralidade* da representação social nos principais conteúdos encontrados. As análises desses conteúdos foram um dos referenciais explorados, identificando-se os eixos temáticos emergentes.

Nesta perspectiva, as narrativas, desenhadas e escritas, foram utilizadas neste estudo como um conjunto de informações simbólicas tratadas de modo que permitissem realizar uma leitura da face simbólica e da figurativa das representações sociais e das imagens do público pesquisado.

⁶ O programa Evoc foi construído na França, nos anos de 1990, por Pierre Vergès e seus colaboradores. Sua denominação refere-se a um Conjunto de Programas que Permitem a Análise das Evocações. A versão utilizada foi a 2000, que tem como requisitos mínimos um computador com 16 MB de memória RAM, Windows 95 e resolução de tela de 800x600. Doravante esse programa será referido como Evoc.

2.1.3. Entrevistas reflexivas

Com o objetivo de dar “voz” a alguns universitários para que, diante da interpretação do pesquisador sobre seu desenho, pudessem validar esse entendimento, optamos pela realização de um conjunto de entrevistas. Esse trabalho foi realizado por meio de uma adaptação da concepção de *entrevista reflexiva*, proposta por Szymanski:

Foi na consideração da entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, que se delineou esta proposta de entrevista, a qual chamamos de reflexiva, tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto à busca da horizontalidade. (2000, p. 15)

A partir desse procedimento, foi possível refletir sobre os dados já coletados e submetê-los ao próprio entrevistado, que é uma forma de aprimorar a fidedignidade, ou, como lembra Mielzinska, “assegurar-nos de que as respostas obtidas sejam ‘verdadeiras’ – isto é, não influenciadas pelas condições de aplicação e conteúdo do instrumento.” (1998, p. 132)

Sob esta perspectiva, as entrevistas foram organizadas levando-se em consideração uma composição semi-estrutural⁷ ou guiada, que buscou explorar, com cada entrevistado, as informações sobre o desenho realizado, enfatizando os espaços da escola, seus personagens e a rede de relações entre seus componentes.

⁷ De acordo com Triviños: “*Entrevista semi-estruturada* é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, junto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Dessa maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.” (1987, p. 174)

Nesse intercâmbio “face a face”, numa perspectiva de interação humana, procuramos ressaltar o caráter dinâmico das informações, nunca definitivas, mas momentos, retratos instantâneos que carregam em si a possibilidade de oferecer ao entrevistado um exame mais consciente de si mesmo.

A seleção dos entrevistados levou em consideração o tipo de escola: particular e pública. Constituíram-se, assim, dois grupos de estudantes de Pedagogia contendo 20 sujeitos cada um. A proposta foi entrevistar no mínimo 20% do total de 40 universitários – sendo cinco alunos da universidade pública e cinco da particular. As entrevistas foram realizadas, portanto, em uma amostra constituída por 10 estudantes universitários de Pedagogia, cujos protocolos foram os mais expressivos e sugestivos para o esclarecimento de questões atinentes ao levantamento de pistas para a constituição da imagem da escola.

Os critérios para a seleção dos entrevistados foram elaborados com base na análise dos desenhos, que puderam ser assim explicitados: foram analisados os 40 desenhos e selecionados, inicialmente, 20 deles. Todos os entrevistados foram contatados pessoalmente pelo pesquisador, que expôs os objetivos e a metodologia do trabalho. Dessa forma, outros dois critérios significativos para a seleção dos entrevistados foram “interesse” e “disponibilidade” para a realização da entrevista.

Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra por profissional contratado e revisadas pelo pesquisador, para evitar lacunas ou leituras equivocadas dos depoimentos. As transcrições das entrevistas foram categorizadas e verificou-se a compatibilidade da análise com base na comparação com o conjunto de categorizações proposto pelo Alceste.

2.1.4. Questionário de caracterização dos sujeitos

Foi aplicado também um *Questionário de caracterização dos sujeitos*, com o objetivo de capturar informações sobre cada pesquisado. Foram traçados quatro aspectos gerais: identificação da escola, perfil do pesquisado (sexo, idade e cor), contexto sociocultural (local de nascimento – pai, mãe e os universitários participantes da pesquisa), residência atual, tempo de moradia no município, constelação familiar, nível de instrução (pai e mãe), religião, renda familiar, participação no mercado de trabalho, tempo de trabalho, trabalho na educação, tipo de trabalho na educação e nível socioeconômico (saneamento básico, emprego de terceiros em casa, constelação familiar e informações básicas para medida de nível socioeconômico).

A análise dos dados obtidos a partir dos itens fechados do questionário de caracterização dos sujeitos foi feita com base nas informações oferecidas pelo programa *Statistical Package for The Social Sciences (SPSS)*, versão 11, para MS Windows.

Para cada item, além das análises qualitativas, calculamos as freqüências e os percentuais das respostas. As bases de dados de caracterização do grupo investigado foram utilizadas também para a realização de uma triangulação dos resultados com outros programas.

Para melhor compreensão, as estratégias, os procedimentos de coleta de dados, os procedimentos de análise e os focos de análise eleitos para o desenvolvimento desta pesquisa estão apresentados de forma sintética no *Quadro 1*, adiante.

Estratégias	Procedimento de coleta de dados	Procedimento de análise de dados	Focos de análise	
Elaboração de variadas formas de protocolos	Desenho	Análise qualitativa de conteúdo <i>Chic (2.3)</i> <i>Classification Hiérarchique Implicative et Cohésive</i>	Representação gráfica das associações entre os constituintes da matriz do desenho Subcategorias que foram estatisticamente significativas para os nós da árvore coesivo-implicativa	
	Caracterização dos sujeitos	SPSS (<i>versão 11</i>)	Perfil dos participantes	
	QUESTIONÁRIO	Narrativas escritas	Alceste <i>Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte</i>	Categorizações das palavras em unidades de significados, favorecendo a compreensão sobre as possibilidades de relações entre os termos oferecidos
		Questões abertas	Análise qualitativa de conteúdo	Comunicação via questões abertas
		Associação de palavras	Evoc (<i>versão 2000</i>) <i>Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Évocations</i>	Evocações baseando-se no modelo de análise que combina frequência com ordem de emissão das palavras
	Entrevistas	Alceste <i>Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte</i>	Comunicação estabelecida entre pesquisador e pesquisados	

Quadro 1 - Síntese dos caminhos trilhados⁸

⁸ Todos os instrumentos aplicados se encontram nos seguintes anexos: 2A (Questionário de perfil), 2B (Questionário da escola), 2C (Roteiro de entrevista) e 2D (Folha com a seguinte orientação: "Componha um desenho contendo: o espaço da escola, seus personagens, as conquistas e as lutas de seu cotidiano").

2.2. Procedimentos de análise

Considerando a imagem como uma síntese impregnada de elementos de características diversas, a coleta diversificada de dados, segundo Moliner (1996), permitiu explorar e estruturar as imagens em dois componentes:

- *Descritivo* – o primeiro componente da imagem é fruto dos processos de interpretação e de inferência advindos de uma representação social, quando esta foi processada para apreender um dado objeto. Essa composição descritiva reúne as informações de que dispomos sobre o objeto e as características que lhe atribuímos. É sobre esse componente que repousam as atividades de descrição ou de restituição do objeto.
- *Avaliativo* – se as representações estão na origem dos conhecimentos que temos sobre certos objetos, elas determinam, portanto, também os valores que atribuímos a esses conhecimentos. São esses valores que formarão os julgamentos que poderemos formular a propósito de um objeto dado. Esses julgamentos formam um conjunto estruturado pelos campos avaliativos da representação social. Esse conjunto de julgamentos constitui o segundo componente da imagem, que lhe dará o colorido e a formatação finais.

Explorar os dados nos sentidos da descrição e da avaliação é concordar com Moliner, para quem “a imagem de um objeto singular seria produzida na construção de uma representação social.” (1996, p. 155)

Diferentes bancos de dados foram constituídos para que o material analisado possibilitasse desvendar, no discurso, as diferentes dimensões/facetas que conduziram e permitiriam a *descrição* e a *avaliação* das imagens da escola, com seus espaços, personagens, lutas e conquistas.

2.3. Abrangência da pesquisa e caracterização dos pesquisados

Participaram da pesquisa 78 alunos iniciantes do curso universitário, assim distribuídos: 40 alunos de Pedagogia (20 de uma universidade pública de Campinas e 20 de um centro universitário de Osasco, pertencente à rede particular de ensino) e 38 alunos de Medicina (20 universitários de uma universidade pública do interior de São Paulo e 18 de uma universidade particular também do interior de São Paulo). Assim, todas as instituições participantes da pesquisa estão localizadas no Estado de São Paulo.

O encaminhamento da investigação nas turmas de Pedagogia teve um caráter pedagógico. A aplicação dos instrumentos foi considerada complementar ao programa da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico desenvolvido no interior do curso de Pedagogia. Tal aplicação precedeu um diálogo sobre a estrutura de pesquisa e seus instrumentos, além da elaboração do banco de dados e da análise de dados. Os trabalhos de aplicação ocorreram em parceria com os dois professores de Pedagogia da citada disciplina e no horário regular das aulas, tratando-se, portanto, de uma experiência inovadora que procurou aproximar a pesquisa do cotidiano da universidade.

O perfil⁹ dos pesquisados não é homogêneo. Daqueles que participaram da pesquisa, 78,2% são mulheres e 21,8%, homens. Com relação à idade, a maioria, 87,2%, está na faixa até 24 anos, 7,7% têm entre 25 até 30 anos e somente 5,1%, têm mais de 30 anos. Observando os dados por tipo de curso, encontramos na Pedagogia 95% do sexo feminino e apenas 5% do masculino. No curso de Medicina, 60,5% dos universitários são do sexo feminino e 39,5%, do sexo masculino.

⁹ Para a análise descritiva do perfil dos participantes, foi gerado um conjunto de tabelas que se encontram ao final deste trabalho, com a denominação: “Dados de perfil – Anexo 2E”.

Dos universitários, 84,6% identificaram-se brancos; 10,3%, pardos e apenas 5,1%, amarelos. Não houve registros de negros e indígenas. A proporção de brancos, pardos e amarelos é praticamente a mesma para os cursos de Pedagogia e Medicina: brancos – 82,5% e 86,8%; pardos – 12,5% e 7,9%; e amarelos – 5% e 5,3%, respectivamente.

Quanto à moradia, as respostas indicam que grande parte dos respondentes reside com os pais ou outros membros de suas famílias de origem (62,8%), com amigos (16,7%) ou cônjuge (10,3%). Somente uma pequena parcela afirmou residir em pensionato (6,4%) ou sozinha (3,8%). Observou-se que residir na casa dos pais é bastante freqüente entre os universitários de ambos os cursos: Pedagogia (67,5%) e Medicina (57,9%).

Analisando-se os dados da questão 14 do questionário (escolaridade dos pais), verifica-se uma situação bastante heterogênea entre os alunos de Pedagogia e Medicina. Há um número significativo de pais dos estudantes de Pedagogia que não concluíram o Ensino Médio (40,0%), ao passo que todos os pais dos universitários de Medicina possuem pelo menos o Ensino Médio completo, e 84,2% possuem superior completo, destacando-se nesse grupo dois pais com pós-graduação. O percentual dos pais dos estudantes de Pedagogia que declarou ter nível superior completo foi de 32,5%.

Situação semelhante é encontrada quando se examina a escolaridade das mães. A mesma porcentagem (40,0%) dos estudantes de Pedagogia pertence a famílias cujas mães não possuem o Ensino Médio completo. Por sua vez, todas as mães dos universitários de Medicina possuem pelo menos o Ensino Médio, e 73,7% têm nível superior completo, destacando-se nesse grupo uma mãe com pós-graduação. Do universo das mães dos estudantes de Pedagogia, 27,5% declararam ter cursado nível superior completo.

Os dados referentes à renda familiar, indicaram que 37,1% dos graduandos registram renda até R\$ 3.000,00. Na faixa entre R\$ 3.000,00 a R\$ 5.000,00, encontravam-se 23,1%. No curso de Medicina, predominaram alunos que declararam renda acima de R\$ 5.000,00, (47,4%), enquanto no curso de Pedagogia predominaram alunos na faixa de renda entre R\$ 961,00 a R\$ 2.000,00 (35,0%). Esta distribuição de renda indicada garante acesso a saneamento básico (como água encanada, eletricidade e calçamento) a 100% dos pesquisados.

Garante também pelo menos uma diarista que dá suporte aos afazeres domésticos de 56,4% dos pesquisados. Uma grande parte dos alunos de Pedagogia declarou não ter nenhuma empregada (60%), ao passo que, entre os alunos de Medicina, apenas 26,3% fizeram a mesma declaração.

Entre os pesquisados, a maior parte não trabalha (66,7%) ou se trabalha ainda depende do dinheiro da família (23,1%), sobretudo no curso de Pedagogia (40%). Os alunos que trabalham e ao mesmo tempo conseguem se auto-sustentar ou sustentar outras pessoas são todos do curso de Pedagogia e ambos com percentuais idênticos (10%). A grande maioria dos alunos que freqüentam o curso de Medicina (94,7%) não trabalha, ao passo que entre os alunos de Pedagogia que freqüentam o curso noturno apenas 15% não trabalham.

Os universitários que trabalham (24 alunos de Pedagogia e dois alunos de Medicina) podem ser considerados jovens trabalhadores, pois se encontram no mercado de trabalho a menos de 5 anos (80,8%). Destes, 55,6% trabalham com educação, dos quais praticamente a metade encontra-se nas salas de aulas nos diversos níveis de escolaridade (creche, educação infantil e ensino fundamental) (44,4%), enquanto a outra metade (55,6%) declarou exercer outro trabalho em educação (SENAI, escola dominical e cursinho).

Leitura e discussão das imagens

As palavras são importantes, pois respondem por tudo o que acontece em cada esfera possível da realidade. Não há dificuldade em identificá-las, mas eu penso que seria uma tarefa difícil explicar a parte que elas desempenham e seu extraordinário poder.
(Moscovici, 2003, p. 88)

Quando o artista, ao organizar a sua obra, elimina e retém, está a seguir uma lógica criadora. A ordem combinatória das formas, dos volumes, das cores,..., correspondem a um racionalismo do imaginário – não menos rigoroso do que o das ciências matemáticas ou da retórica. (Francastel, 1983, p. 37)

Diante do exposto e da apresentação dos conteúdos das diretrizes metodológicas no capítulo anterior, que consideram a complexidade da imagem da escola, o encaminhamento das análises foi desafiado a olhar o conjunto de dados coletados e considerar a imagem da escola um objeto não fragmentado.

Para tanto, foi proposto um tratamento de dados que elegeu uma exploração das informações de forma acumulativa. A cada *corpus* investigado, foram propostas análises e realizadas sínteses que sensibilizaram e orientaram nosso olhar para o mapeamento das facetas que compõem a imagem da escola. Conseguimos, então, identificar cinco grandes fases assim especificadas:

Fase 1 - Exploração e análise dos desenhos;

Fase 2 - Exploração e análise das narrativas escritas;

Fase 3 - Exploração da associação livre de palavras;

Fase 4 - Exploração e análise das questões abertas;

Fase 5 - Exploração e análise das entrevistas reflexivas.

Durante o processo de tratamento dos dados, foi de fundamental importância a elaboração de pequenas sínteses, efetuadas ao término de cada fase. Nelas foram registrados os resultados preliminares que subsidiavam o olhar para a exploração dos dados subsequentes, oferecendo dinamismo e aprofundamento a cada uma das fases propostas.

Essa forma de acolhimento dos dados permitiu alargar nossa compreensão sobre a imagem da escola, propiciando resultados cada vez mais válidos sobre os aspectos que mais nos interessavam. A cada nova exploração, aumentavam as possibilidades e revelações significativas.

A Figura 1, a seguir, simboliza o dinamismo do processo de tratamento dos dados que propõe a compreensão das relações paralelas estabelecidas entre espaço-tempo, ou seja, entre diferentes momentos de coleta e análise de dados.

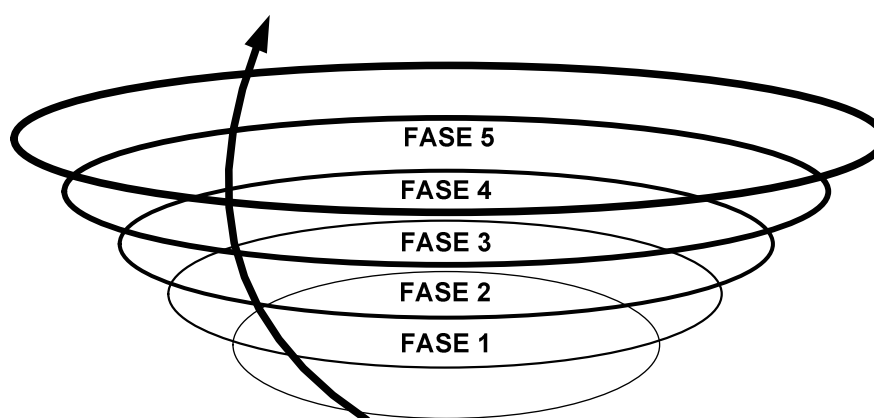


Figura 1 - Sistemática dos procedimentos de dados

Assim como uma pedra jogada na água torna-se centro e causa muitos círculos, e o som se difunde no ar em círculos crescentes, assim também qualquer objeto que for colocado na atmosfera luminosa propaga-se em círculos e preenche os espaços em sua volta com infinitas imagens de si, reaparecendo em toda e em cada uma das suas múltiplas partes.

(Leonardo da Vinci¹⁰)

¹⁰ *Dos Cadernos de Leonardo da Vinci (1452-1519)* – Biblioteca do Institut de France, Paris. Esta imagem de Leonardo da Vinci foi recolhida do livro OSTROWER, Fayga. **A Sensibilidade do Intelecto**. 5ªEd. Rio de Janeiro : Editora Campus, 1998 – p. XV

3.1. FASE 1: Exploração e análise dos desenhos

A análise dos desenhos seguiu os passos propostos pela pesquisa qualitativa, quando faz a discussão da análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977). Esse trabalho foi realizado por meio de uma adaptação do método de análise de conteúdo, e, sob essa perspectiva, as análises foram organizadas em três etapas: pré-análise, descrição analítica e interpretação, inferência ou discussão dos resultados.

Na pré-análise iniciamos os procedimentos pela leitura flutuante. Cada um dos desenhos foi submetido a esse processo que, segundo Bardin (1977, p. 75), é um processo de: “leitura intuitiva, muito aberta a todas as idéias, reflexões, hipóteses, numa espécie de *brain-storming* individual.”

Na descrição analítica, optamos pela *análise temática*, que é um tipo de análise de conteúdo. Tal análise consiste em observar os *núcleos de sentido* que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição poderão significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido (Bardin, 1977).

Finalmente na interpretação inferencial, ou discussão dos resultados, procuramos unificar as análises e organizar as informações buscando compreender qual imagem da escola era possível ser compreendida com base nos desenhos. As diferenças e semelhanças entre as escolas desenhadas por estudantes de Pedagogia e de Medicina foram estudadas procurando sensibilizar nosso olhar quando da exploração e de outros grupos de dados, com o intuito de encontrar componentes que pudessem ajudar a formar a imagem da escola.

3.1.1. Pré-análise

Para a realização da pré-análise exploramos os trabalhos produzidos pelo grupo investigado. Nesse processo, todos os desenhos foram examinados repetidamente, em separado e de forma conjunta, de modo que suas partes, prontamente, foram se configurando em “unidades de registro”. Segundo Bardin (1977, p. 104):

A unidade de registro é uma significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando à categorização e à contagem freqüencial.

A unidade de registro pode ser de dimensões muito variáveis. O que determinou sua escolha foi a natureza da investigação nessa fase de análise dos dados. Nesta pesquisa utilizamos *o tema* como unidade de registro.

O tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. O texto pode ser recortado em idéias constituintes, em enunciados e em proposições portadores de significações isoláveis. (Bardin, 1977, p. 105)

Encaminhamos, após a exploração dos desenhos, o trabalho de descoberta de “núcleos de sentido” orientada pela presença ou freqüência de aparição que puderam orientar o nosso objetivo analítico. Da exploração do material, três “temas-chave” serviram de orientação inicial para a exploração dos desenhos: *o espaço escolar e suas marcas*¹¹, *os personagens* e *os símbolos* referentes à escola.

¹¹ Este é o título do livro de Nilda Alves e Inês B. Oliveira (1998, 2ª edição). Ele foi emprestado a este trabalho de pesquisa por vir ao encontro da realização da tarefa de nomear o tema-chave que estava sendo construído. A autora realiza vasta pesquisa histórica sobre as escolas do Rio de Janeiro, desde o período imperial até a década de 1980. Concentra-se em alguns desses períodos com o fim de compreender a construção escolar tanto pelo campo político quanto no cotidiano da escola, e entender esta construção como conteúdo e forma que poderá trazer melhor compreensão deste espaço como dimensão material do currículo.

3.1.2. Descrição analítica

Na descrição analítica, três temas foram considerados por estarem articulados numa rede complexa e dinâmica de noções relacionadas à escola. Sobre eles, podemos explicitar alguns aspectos relevantes:

- *O espaço escolar e suas marcas* – Este tema-chave foi desmembrado em dois pontos. No primeiro, foi levada em consideração a percepção do espaço físico da escola como uma dimensão material/físico/espacial. Exemplo: tipo de construção, descrição de ambientes e materiais, entre outros. No segundo, foi levada em consideração a percepção do espaço do currículo como um fator relevante no projeto pedagógico que se desenvolve na instituição. Exemplo: formas de apresentação da escola, expectativas, ideal de escola, finalidades, entre outros.
- *Os personagens* – Com este tema-chave, buscou-se mapear os atores relacionados ao universo escolar: sua identificação e qualificação. Buscou-se também descrevê-los dentro de seu contexto, localizando sua posição na escola, sua ação e sua relação com os demais personagens.
- *Os símbolos* – Neste tema-chave, examinaram-se os tipos de símbolos e objetos que cercam as imagens da escola. Segundo Jovchelovitch (2002, p. 71), o símbolo “é uma representação de algo, produzida por alguém. A força de um símbolo reside em sua habilidade para produzir sentido”.

A construção de categorias e subcategorias de codificação, fundamentadas nos temas-chave foi sendo estruturada tendo como suporte a leitura minuciosa dos elementos presentes nos desenhos. Dessa forma, pode-se afirmar que as categorias não foram descritas *a priori*; foram extraídas a partir da observação dos desenhos.

Os resultados temáticos da análise de conteúdo indicaram 14 categorias e 153 subcategorias que foram assim distribuídas: *Espaço da escola* (7 categorias e 72 subcategorias); *Personagens* (3 categorias e 44 subcategorias) e *Símbolos* (4 categorias e 37 subcategorias).

As categorias, por sua vez, também foram descritas, porém foram constituídas a partir de outra orientação. A observação das imagens provocou uma série de questionamentos que foram se organizando e estruturando quando da exploração do material. Assim, as categorias foram constituídas com o objetivo de responder a estas indagações.

Temas-chave	Categorias	Descrição
Espaço da escola	1 - Tipo da escola	Como o autor a caracteriza? Refere-se à educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) ou à universidade?
	2 - Apresentação da escola	Como ela é apresentada ao observador em aspecto mais marcante?
	3 - Ideal de escola	Quais as qualidades da escola?
	4 - Potencialidade da escola	Qual a função da escola?
	5 - Construções	Quais os tipos de construções mais representados para a escola?
	6 - Materiais escolares	Quais os utensílios escolares mais marcantes? Didáticos? Mobiliário?
	7 - Ambientes escolares	Quais os ambientes mais característicos da escola?
Personagens	8 - Identificação dos atores	Qual o sexo dos personagens? E qual sua qualificação?
	9 - Figura humana	Como se encontram desenhadas as figuras dos desenhos? Detalhamento
	10 - Localização	Onde estão localizados os personagens?
Símbolos	11 - Tipos de símbolos	Há algum tipo de símbolo específico do tipo afetivo, religioso, musical ou outros?
	12 - Objetos	Quais são os objetos relacionados à escola?
	13 - Animismo	Os símbolos têm vida?
	14 - Natureza	Quais são os elementos da natureza relacionados à escola?

Quadro 2 – Descrição das categorias e subcategorias da Matriz descritiva dos desenhos

O processo de categorização permitiu-nos:

1. Tratar um maior número de informações.
2. Ajudar na identificação e no reconhecimento de objetos desconhecidos: a partir do momento em que os objetos podem ser reatados a uma dada categoria, é possível lhes atribuir as características próprias a dessa categoria.
3. Orientar condutas: as características de uma categoria determinam a conduta a se sustentar com respeito aos objetos dessa categoria.
4. Organizar informações.

A apreensão da representação social vai se concretizando na seqüência deste processo de categorização porque foi possível “conceber a representação como uma manifestação do processo de categorização.” (Vala, 1986, p. 16) Entretanto, não acreditamos que todos os elementos se encontrem totalmente inseridos nesse conjunto de categorias propostas para analisar os desenhos. A representação da escola pelo grupo avaliado foi se salientando à medida que novas informações foram exploradas e incorporadas à compreensão da imagem da escola.

O processo de categorização gerou uma estrutura que passamos a denominar como *Matriz descritiva dos desenhos*. A forma de registro foi do tipo ausência (0) e presença (1) de cada uma das subcategorias em programa *Excel*. Posteriormente, cálculos de freqüência e porcentagem foram realizados utilizando-se as ferramentas do próprio *software*. A partir da exploração dos dados descritivos, foi possível organizar tais dados segundo a quantidade, a ausência, a presença, a universalidade e algumas particularidades.

Foi possível também explorar os dados referentes a cada um dos cursos investigados: Pedagogia e Medicina. As análises descritivas revelaram aspectos importantes sobre os possíveis componentes da representação. O Quadro 3, a seguir, sintetiza esta fase do trabalho e apresenta a *Matriz descritiva dos desenhos* de forma completa, incluindo os focos, as categorias e as subcategorias propostas para o trabalho e as porcentagens calculadas, geral e por curso investigado.

Focos	Categorias	Subcategorias	Medicina	Pedagogia	Geral	
O espaço da escola	1- Escola - tipo	Não foi possível identificar	47%	40%	44%	
		Infantil/Fundamental	11%	53%	32%	
	2 - Apresentação da escola	Não foi possível identificar	45%	0%	22%	
		Símbolos afetivos, relações amorosas	11%	60%	36%	
		Presença do professor e do aluno	26%	78%	53%	
		Material escolar	34%	63%	49%	
		Estrutura física	53%	85%	69%	
		Movimento de transformação e mudança	18%	25%	22%	
		3 - Ideal de escola	Não foi possível identificar	42%	8%	24%
	Reflexão e conhecimento		13%	40%	27%	
	Movimento – transformação		16%	28%	22%	
	Investimento no aspecto físico		37%	30%	33%	
	4 - Potencialidade da escola	Cultura/conhecimento, educar, instruir e socializar	21%	45%	33%	
		Uma vida feliz	18%	33%	26%	
		Vencer na vida/profissionalização	21%	8%	14%	
		Transformação social	18%	13%	15%	
	5 - Construções	Sem construção	39%	15%	27%	
		Casa	11%	35%	23%	
		Prédio	55%	15%	35%	
		Sem muro e sem portão	47%	45%	46%	
		Sala de aula tradicional	21%	33%	27%	
		Sem portão	58%	85%	72%	
		Sem porta	21%	55%	38%	
		Porta fechada	26%	33%	29%	
		Porta aberta	18%	15%	17%	
		Sem indicação de entrada	89%	75%	82%	
		6 - Materiais escolares	Didáticos	Lousa/giz/apagador	29%	45%
	Livro			16%	45%	31%
	Mobiliário		Mesa	11%	33%	22%
			Carteira	28%	18%	23%
	7 - Ambientes escolares	Dentro	Não identificado	50%	38%	44%
			Sala de aula	34%	50%	42%
			Espaço cultural – Sala de arte	24%	25%	24%
		Fora	Quadra de esportes	16%	30%	23%
			Jardim	24%	45%	35%
			Pátio/campus	18%	28%	23%
Comunidade			21%	13%	17%	

Quadro 3 – Matriz descritiva dos desenhos

Focos	Categorias	Subcategorias	Medicina	Pedagogia	Geral			
Os personagens	8 - Identificação dos atores	Não há nenhum personagem na cena		13%	8%	10%		
		Não identificado		47%	40%	44%		
		Sexo	Masculino	39%	75%	58%		
			Feminino	42%	83%	63%		
		Especificação	Sem identificação		53%	33%	42%	
			Aluno		45%	75%	60%	
			Professor		26%	63%	45%	
	9 - Figura humana	Composição	Em grupo		63%	58%	60%	
			Corpo incompleto		84%	45%	64%	
		Esquema	Sem expressão		74%	58%	65%	
			Feliz		13%	60%	37%	
		Ação	Parado		76%	45%	60%	
			Movimento	Lecionando		21%	23%	22%
				Brincando		5%	30%	18%
	Estudando/lendo			16%	15%	15%		
	10 - Localização	Dentro – na sala de aula		29%	33%	31%		
		Fora	Dos muros da escola		68%	28%	47%	
			No pátio		37%	30%	33%	
			Na quadra		32%	23%	27%	
			No jardim		24%	23%	23%	

Continuação do Quadro 3 – Matriz descritiva dos desenhos

Focos	Categorias	Subcategorias	Medicina	Pedagogia	Geral		
Os símbolos	11 - Tipos de símbolos	Coração		3%	13%	8%	
	12 - Objetos; 13 - Animismo – nenhuma manifestação acima ou igual a 10%						
	14 - Natureza	Animal	Pássaro		11%	10%	10%
			Vegetal	Folhagem/verduras		5%	15%
		Gramma		21%	38%	29%	
		Árvore		37%	53%	44%	
		Mineral	Céu		24%	23%	23%
Sol			18%	30%	24%		

Continuação do Quadro 3 – Matriz descritiva dos desenhos

Depois de constituída, a *Matriz descritiva dos desenhos* serviu de base para outra etapa na qual foi realizada uma série de testes estatísticos. Para tanto, os componentes foram classificados com ausência (0) e presença (1) de todas as subcategorias, gerando uma tabela. O trabalho consistiu em submetê-la a mais um profissional da área da educação. Assim, a primeira análise foi realizada pela pesquisadora, e a segunda por uma diretora de escola, aposentada, com larga experiência no olhar sobre a escola.

Para verificar o grau de concordância entre as avaliadoras, os dados foram processados sob os ditames da estatística Kappa¹² do programa SPSS. Trata-se de um método de cálculo, uma razão que pode ir da concordância pobre à concordância quase perfeita.

O resultado comparativo dos dois conjuntos foi analisado para avaliar o grau de reprodutibilidade entre as educadoras, o qual foi dado por um conjunto de critérios (Quadro 4) estabelecidos por Landis & Koch (1977) para a interpretação da estatística Kappa. As análises apontaram uma medida de valor $k = 0,65$. Com base no valor deste teste, pode-se concluir que houve boa identidade quanto ao critério de classificação, fato evidenciado pela pouca variação no julgamento das categorias.

Estatística Kappa	Grau de concordância
< 0.00	Concordância pobre
0.00 - 0.20	Concordância muito leve
0.21 - 0.40	Concordância leve
0.41 - 0.60	Concordância moderada
0.61 - 0.80	Concordância substancial
0.81 - 1.00	Concordância quase perfeita

Quadro 4 – Critérios para interpretação da estatística Kappa

¹² Este índice permite verificar se as planilhas diferem em razão de alguma variação causal ou se há uma real concordância. O índice Kappa varia de 0 a 1, onde 0 indica que os resultados acontecem totalmente ao acaso, e 1 indica concordância perfeita.

Em seguida, foi aplicado um procedimento que procurou fazer uma análise hierárquica de similaridade e implicações por meio do programa Chic 2.3. Tal procedimento permitiu considerar simultaneamente os três temas escolhidos (espaço, personagens e símbolos) e gerar uma rede de relações capaz de ser visualizada. Essa rede, construída com base nas informações fornecidas pelos participantes do grupo, pode ser considerada uma síntese dos dados ou uma reunião dos elementos que compõem o todo e suas inter-relações.

Oteve-se, assim, uma representação gráfica das associações entre os constituintes da matriz, fazendo emergir quatro relações entre as subcategorias que foram estatisticamente significativas. São apresentadas na seqüência, Figura 2, a estrutura dessa árvore coesivo-implicativa e o Quadro 5, contendo as categorias descritivas, agrupadas segundo os resultados oferecidos pelo programa Chic 2.3. A base de dados inicialmente foi composta pelos dados de todo o universo de investigados (78 sujeitos).

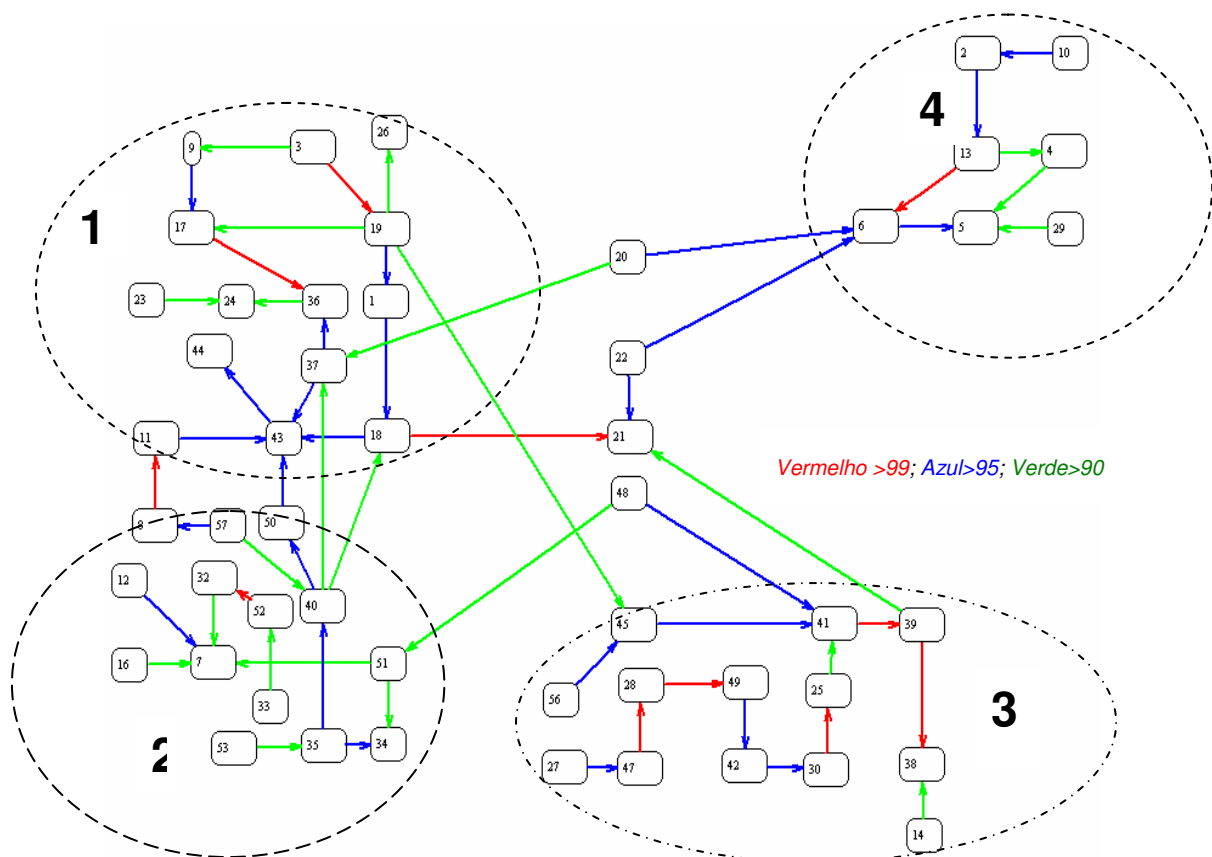


Figura 2 – Árvore coesivo-implicativa das categorias descritivas do desenho – Resultados do programa Chic – Dados gerais

Agrupamento	Nº. da categoria	Descrição das categorias
1	C01	Não foi possível identificar o tipo de escola
	C03	Não foi possível identificar elementos para a apresentação da escola
	C09	Não foi possível identificar o ideal de escola
	C11	Transformação dos que participam dela – ideal de escola
	C17	Construção: do tipo prédio
	C18	Construção: sem muro em portão
	C19	Construção fechada: muros com portão/porta
	C23	Apresentação da porta: fechada
	C24	Apresentação da entrada: sem indicação de entrada
	C26	Material escolar: livro
	C36	Não há nenhum ator na cena
	C37	Não identificado (sexo dois-atores)
	C43	Corpo incompleto (atores)
	C44	Figura humana: sem expressão (atores)
2	C07	Apresentação da escola: estrutura física e ambientes típicos
	C08	Movimento – transformação/mudança
	C12	Investimento no aspecto físico (ideal)
	C16	Construção: do tipo casa
	C32	Não identificado – ambiente da escola ao ar livre
	C33	Caracterização do ambiente escolar: quadra de esportes
	C34	Caracterização do ambiente escolar: jardim
	C35	Caracterização do ambiente escolar: pátio/campus
	C40	Sem identificação – (especificação – atores)
	C50	Personagem localizado dentro da escola
	C51	Personagem localizado ao ar livre: no pátio/campus
	C52	Localização do personagem: na quadra
	C53	Personagem localizado ao ar livre: no jardim
	C57	Vencer na vida sucesso/profissionalização/diploma (potencialidade da escola)
3	C14	Uma vida feliz: momentos felizes – vida integrada com a comunidade (potencialidade da escola)
	C25	Material escolar: didático: lousa/giz/apagador
	C27	Material escolar: mobiliário – mesa
	C28	Material escolar: mobiliário – carteira
	C30	Ambiente escolar: dentro da escola – sala de aula
	C39	Caracterização do personagem: feminino
	C38	Caracterização do personagem: masculino
	C41	Qualificação do personagem: alunos/estudantes
	C42	Qualificação do personagem: professor(a)
	C45	Expressão do personagem: feliz
	C47	Ação do personagem: lecionando (movimento dos atores)
	C49	Localização do personagem: na sala de aula
	C56	Representação da natureza: sol
	4	C02
C04		Apresentação da escola: símbolos afetivos, relações amorosas
C05		Apresentação da escola: presença professor-aluno
C06		Apresentação da escola: material escolar
C10		Ideal de escola: reflexão e conhecimento
C13		Ideal de escola: cultura – conhecimento (ideal de escola)
C29		Não identificado – ambiente dentro da escola

Quadro 5 – Categorias descritivas agrupadas segundo os resultados do programa Chic

Observando-se os dados indicados pela árvore coesivo-implicativa, foi possível identificar quatro agrupamentos distintos constituídos com base nas das categorias descritivas. As categorias foram selecionadas a partir de uma manifestação mínima de 17% de sujeitos, configurando uma significativa organização dos elementos da representação da escola pelos participantes da pesquisa.

O **agrupamento 1** revela uma forte ligação entre “construção: do tipo prédio” e “Não há nenhum ator na cena”, ambas localizadas próximas das categorias “Não identificado – sexo”, “Apresentação da porta: fechada” e da “Apresentação da entrada: sem indicação de entrada”. Outra forte ligação encontra-se entre a categoria “Não foi possível identificar – apresentação da escola” com a “Construção fechada: muros e portão/porta” cercada pela categoria “livro”, “Não foi possível identificar o ideal de escola”.

Explorando o sentido do **agrupamento 1**, foi possível identificar um conjunto de desenhos cuja compreensão da tarefa de desenhar a escola levou à expressão nuclear de sua construção física, fechada, em que há destaque para os atores. Agregam-se também desenhos com baixo investimento estético – figura humana com corpo incompleto, sem identificação de sexo, sem expressão. Quanto à escola, nas análises dos desenhos, não se reconheceram elementos que indicassem um tipo específico para atendimento (educação infantil, ensino médio ou universidade) ou elementos que caracterizassem o ideal de escola. A observação atenta possibilitou-nos identificar o desenho que mais caracteriza esse agrupamento, ou seja, um desenho que reúne um maior número de características levantadas nesse agrupamento. Tal desenho encontra-se no anexo 3A, “Exploração e análise dos desenhos”¹³, sob o número 3A1.

No **agrupamento 2**, revelou-se uma forte ligação com a categoria “apresentação da escola”, descrita como aquela que destaca ao observador o aspecto mais marcante. Enfatizaram-se o “movimento de transformação social” e o ideal de escola voltado para a “transformação dos que participam dela”. As análises indicaram uma “apresentação da escola” que valoriza as estruturas físicas e seus ambientes típicos (salas de aula, quadra, pátio, entre outros).

Os elementos nucleares, as flechas, pareceram indicar movimento de transformação e mudança, sugerindo, dessa maneira, a escola como uma instituição capaz de fazer diferença nos personagens que dela participam.

Os desenhos desse agrupamento foram elaborações que trouxeram a imagem da casa e a representação de uma escola sem muro nem portão. Os personagens, sem identificação de masculino/feminino ou qualificação professor/aluno, apareceram em abundância, sempre do lado de fora, ao ar livre na escola – no jardim, no pátio/*campus* e na quadra de esportes. Como potencialidade da escola, esses desenhos sugeriram reconhecer a transformação que essa instituição pode fazer em seus participantes, possibilitando com isso “vencer na vida”, “ter sucesso”, “adquirir um diploma”, enfim se “profissionalizar”. Os desenhos esboçaram ainda que o ideal de escola pode estar associado a investimentos que envolvem o aspecto físico dessa instituição. Os desenhos que mais caracterizam esse agrupamento se encontram no anexo 3A, sob os números 3A2, 3A3, 3A4. e 3A5.

No **agrupamento 3**, encontramos uma conexão que associou dois personagens importantes – *professor* e *alunos* – e suas ações. Os alunos foram identificados pela relação *feminino* e *masculino*. A expressão de *felicidade* e o *sol* foram também associados a eles. A potencialidade da escola foi percebida pelo conjunto destes elementos, os quais se revelaram capazes de proporcionar *uma vida feliz, momentos felizes, uma vida agregada à comunidade*. Os professores encontraram-se representados no interior da escola, mais especificamente *na sala de aula*, cercados de material escolar – *mesa, carteira, lousa/giz/apagador* – e na ação de *lecionar*. Os desenhos que mais caracterizam esse agrupamento se encontram no anexo 3A, sob os números 3A6, 3A7 e 3A8.

¹³ As imagens utilizadas como referência neste capítulo encontram-se no encarte localizado no final deste documento.

No **agrupamento 4**, destacaram-se elementos da sala de aula. Os personagens foram desenhados com o fim de sugerir uma aproximação – *presença do professor e alunos*, localizados num ambiente de *sala de aula tradicional*, cercados de “materiais escolares” e “símbolos afetivos e relações amorosas”. Os desenhos insinuaram uma escola do tipo “educação infantil/ensino fundamental”. Nesse agrupamento, foram identificadas duas categorias que descreveram os ideais, ou as qualidades da escola, que se integram e completam: “conhecimento e cultura” e “reflexão e conhecimento: arte/cultura/esporte/saúde”. Os desenhos que mais caracterizam esse agrupamento se encontram no anexo 3A, sob os números 3A9, 3A10 e 3A11.

A Figura 2 indica ainda a presença de quatro categorias que estão se posicionando como elementos de ligação entre os três agrupamentos apresentados. São elas C20 – *Construção: focada na sala de aula tradicional*; C22 – *Elaboração do desenho: sem porta*; C21 – *Elaboração do desenho: sem portão*; C48 – *Ação do personagem: brincando*; e C45 – *Expressão do personagem: feliz*.

A categoria C20 constituiu-se numa ligação entre os **agrupamentos 1, 2** e o **agrupamento 4**. As análises indicaram que o pesquisado que desenha a sala de aula tradicional (C20) não se preocupa com a identificação de seus personagens, principalmente com relação a seu: sexo C32 – *Não identificado – sexo*. Mas indica uma preocupação em caracterizar bem este ambiente – C6 – *Apresentação da escola: materiais escolares* –, procurando não deixar dúvidas ao observador de que o que foi desenhado se refere ao ambiente mais típico, ou melhor, o ambiente que melhor representa a escola. Além do ambiente, são também colocados como elementos nucleares os pontos destacados pelo **agrupamento 3**. Por exemplo, a presença dos dois personagens que também apareceram como elementos típicos dessa instituição: C5 – *presença do professor e aluno* ou a preocupação voltada para um determinado tipo de escola: C2 – *ed. infantil/ed. fundamental*. Os desenhos que mais caracterizam esta aproximação entre os agrupamentos se encontram no anexo 3A, sob os números 3A12 e 3A13.

As categorias C21 e C22 suscitaram uma ligação entre os elementos que compuseram especificamente os **agrupamentos 1, 3 e 4**. O desenho da escola constituído *sem porta* (C21) e *sem portão* (C22) foi relacionado à ausência de elementos. Quem desenha *sem porta* e *sem portão* também desenha uma escola *sem muros*(C18). Também desenha um personagem cuja figura humana é representada de *corpo incompleto* (C43). Apesar desta escassa produção de detalhes, os desenhos demonstram intenção de comunicação. Isso talvez seja indicado a partir da ligação desses dois agrupamentos.

O **agrupamento 3** é composto basicamente por categorias que descrevem a forma de apresentação da escola: C4, C5 e C6, como também as categorias que demonstram a forma de representar, ou seja, o que se deseja de uma escola, suas metas e objetivos: C10 e C13. Os desenhos que mais caracterizam esta aproximação entre esses dois agrupamentos se encontram no anexo 3A, sob os números 3A14 e 3A15.

A categoria C48 revelou uma ponte entre o **agrupamento 2** e o **agrupamento 3**. A ação de brincar (C48) está relacionada a alunos (C41) felizes (C45) no pátio (C51). O interessante foi observar que a felicidade parece estar associada à área externa da escola, cercada de jardins, ou à quadra de esportes. Os desenhos que mais caracterizam esta aproximação entre esses dois agrupamentos se encontram no anexo 3A, sob os números 3A16 e 3A17.

Por fim, a categoria C45 procurou aproximar os elementos contidos no **agrupamento 1** com aqueles contidos no **agrupamento 3**. Essa categoria compôs as *expressões de felicidade* com a categoria C19 – *Construção fechada: muros e portão/porta*. A essas categorias estão associadas a C17 – *Construção: do tipo prédio* e a categoria C26 – *livro*. Os desenhos que mais caracterizam esta aproximação entre esses dois agrupamentos se encontram no anexo 3A, sob os números 3A18, 3A19 e 3A20.

Com o objetivo de aprofundar a apreensão dos sentidos, oferecidos pelos constituintes do desenho, realizamos um novo conjunto de exploração dos dados. Reaplicamos o procedimento e procuramos fazer uma análise hierárquica de similaridade e implicações por meio do programa Chic 2.3. Tal procedimento permitiu considerar, além dos três temas escolhidos (espaço, personagens e símbolos), uma separação de dados por curso investigado. Buscávamos a diversidade informativa sobre a imagem da escola, procurando analisar as concepções vinculadas a 40 universitários de Pedagogia e 38 universitários de Medicina.

Obtiveram-se, assim, duas representações gráficas das associações entre os constituintes da matriz, fazendo emergir as subcategorias que foram estatisticamente significativas para os dois agrupamentos investigados. As figuras 3 e 4 apresentam, respectivamente, as estruturas das árvores coesivo-implicativas dos cursos de Pedagogia e Medicina. Os quadros 6 e 7 também são apresentados na seqüência, contendo as categorias descritivas, agrupadas segundo os resultados oferecidos pelo programa Chic 2.3.

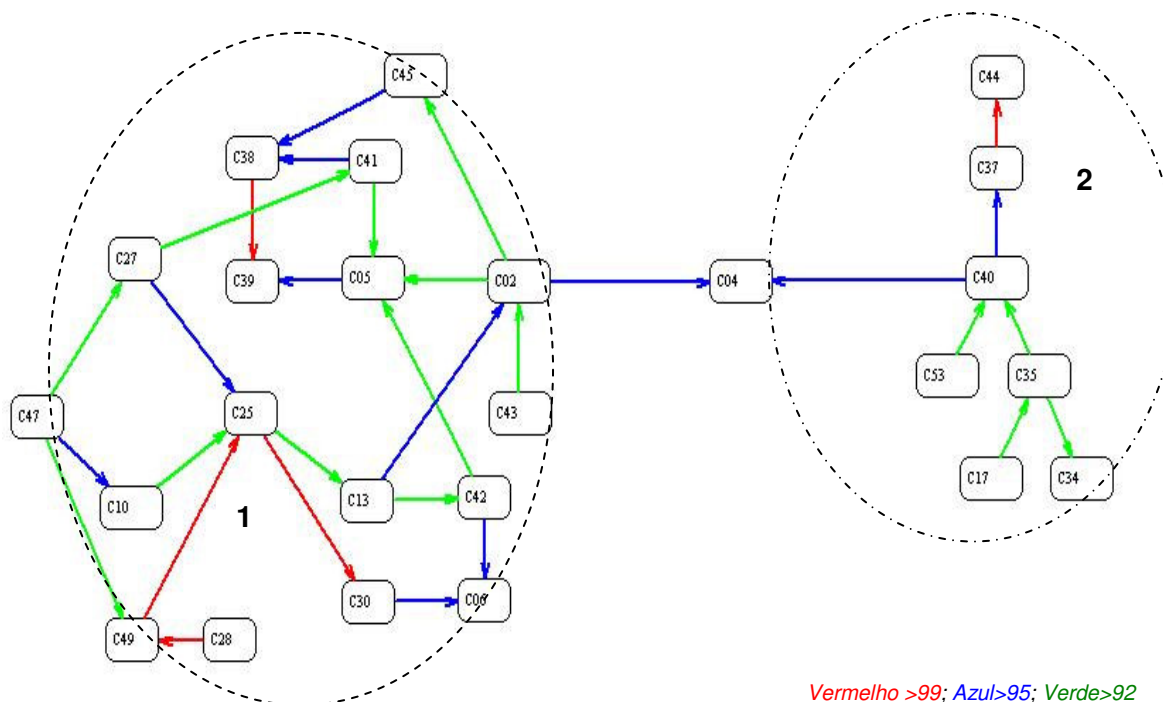


Figura 3 – Árvore coesivo-implicativa das categorias descritivas do desenho – Resultados do programa Chic – Dados fornecidos pelos estudantes de Pedagogia

Agrupamento	Nº. da categoria	Descrição das categorias	
1	C02	Tipo de escola: infantil/fundamental	
	C05	Apresentação da escola: presença professor/aluno	
	C06	Apresentação da escola: material escolar	
	C10	Ideal de escola: reflexão e conhecimento	
	C13	Ideal de escola: cultura, conhecimento (ideal de escola)	
	C25	Material escolar: didáticos – lousa/giz/apagador	
	C27	Material escolar: mobiliário – mesa	
	C28	Material escolar: mobiliário – carteira	
	C30	Ambiente escolar: dentro da escola: sala de aula	
	C38	Caracterização do personagem: masculino	
	C39	Caracterização do personagem: feminino	
	C41	Qualificação do personagem: alunos/estudantes	
	C42	Qualificação do personagem: professor(a)	
	C43	Corpo incompleto (atores)	
	C45	Expressão do personagem: feliz	
	C47	Ação do personagem: lecionando (movimentos – Atores)	
	C49	Localização do personagem: na sala de aula	
	C04	Apresentação da escola: símbolos afetivos, relações amorosas	
	2	C44	Figura humana: sem expressão (atores)
		C37	Não identificado (sexo – ator)
C40		Sem Identificação (especificação – atores)	
C35		Caracterização do ambiente escolar: pátio/campus	
C53		Personagem localizado ao ar livre: no jardim	
C34		Caracterização do ambiente escolar: jardim	
C17		Construção: do tipo prédio	

Quadro 6 – Categorias descritivas agrupadas segundo os resultados do programa Chic – Pedagogia

O QUE DESENHAM OS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

Observando-se os dados indicados pela árvore coesivo-implicativa, constituída a partir dos dados fornecidos pelos estudantes de Pedagogia, foi possível identificar dois agrupamentos distintos constituídos com base nas categorias descritivas. As categorias foram as mesmas utilizadas para a investigação geral dos estudantes (manifestação mínima de 17%)¹⁴.

No **agrupamento 1**, os estudantes de Pedagogia apresentaram implicações significativas (99) que enfatizaram o peso da materialidade como precondição para a noção de escola. Destacaram o espaço físico (sala de aula), o mobiliário (mesa, carteira, lousa) e a presença do professor e do aluno.

Outro ponto que se destacou dos desenhos produzidos por esse grupo foi a presença da escola de educação infantil ou fundamental. Essa escola pode ser reconhecida a partir de alguns elementos determinantes: um adulto representado com estatura maior que a da criança; crianças brincando; um parque com brinquedos como escorregador, gangorra, jaula de macaco, gira-gira, balança, brincadeiras infantis como roda, amarelinha, pipa, com bola, entre outras.

Esse desenho específico da escola de educação infantil ou do ensino fundamental se ligou, com a mesma força de implicação, aos símbolos afetivos que sugeriram significados sobrepostos ao seu referente, como foi o caso dos desenhos de corações, florzinhas, notas musicais, e à presença do professor e do aluno. Uma ligação menos intensa (90), mas bastante significativa, também se destacou entre esse tipo de escola e a categoria que agrega a representação do sentimento de felicidade dos atores. Essa felicidade foi aparentemente manifestada pelas bocas sorridentes dos atores, principalmente das crianças. A composição final desses desenhos sugeriu a imagem da escola como um espaço harmonioso, sem conflitos e permeado por um forte sentimento afetivo-amoroso.

¹⁴ Buscando explorar as características presentes no desenho dos estudantes de Pedagogia e Medicina que pudessem apontar diferenças em aspectos relevantes, foram consideradas também as porcentagens mais baixas para as análises comparativas.

No **agrupamento 2**, foram agregados os desenhos cujas figuras humanas se encontravam sem identificação de sexo e atores e também sem expressão. Apesar do baixo investimento estético, esses desenhos foram associados também aos símbolos afetivos (corações, florzinhas, notas musicais).

A centralidade dada aos símbolos afetivos amorosos da escola, o que aproximou os dois **agrupamentos 1 e 2**, pareceu indicar uma concepção significativa da escola por parte dos estudantes de Pedagogia, no sentido de captar que, no entorno da experiência escolar, há um clima de harmonia e de felicidade, um ambiente sem conflitos, que precisa ser protegido das mazelas do mundo. Os desenhos que mais caracterizam esta aproximação desse agrupamento se encontram no anexo 3A, sob os números 3A6, 3A10, 3A17 e 3A19.

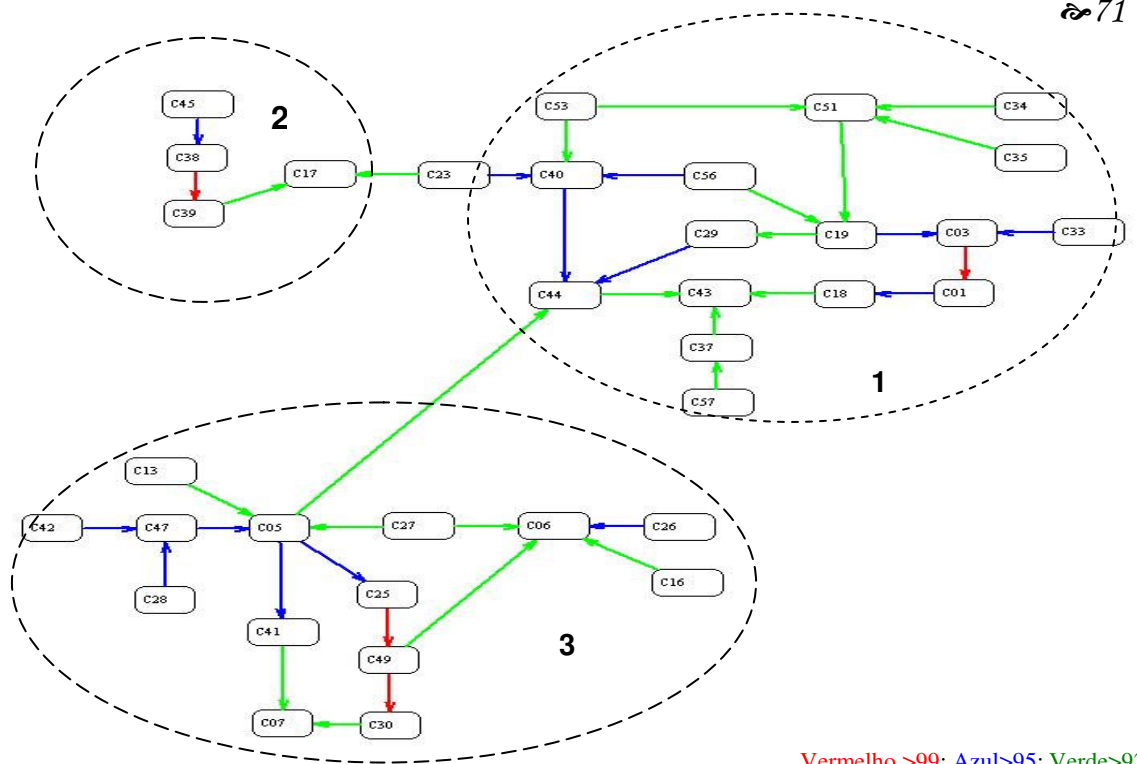


Figura 4 – Árvore coesivo-implicativa das categorias descritivas do desenho – Resultados do programa Chic – Dados fornecidos pelos estudantes de Medicina

Agrupamento	Nº. da categoria	Descrição das categorias
1	C33	Caracterização do ambiente escolar: quadra de esportes
	C34	Caracterização do ambiente escolar: jardim
	C35	Caracterização do ambiente escolar: pátio/campus
	C01	Não foi possível identificar o tipo de escola
	C03	Não foi possível identificar elementos para a apresentação da escola
	C57	Vencer na vida sucesso/profissionalização/diploma (potencialidade da escola)
	C37	Não identificado(sexo – ator)
	C43	Corpo incompleto (atores)
	C18	Construção: sem muro nem portão
	C19	Construção fechada: muros com portão/porta
	C29	Não identificado – ambiente dentro da escola
	C44	Figura humana: sem expressão (atores)
	C51	Personagem localizado ao ar livre: no pátio/campus
	C53	Personagem localizado ao ar livre: no jardim
	C56	Representação da natureza: sol
	C40	Sem Identificação (especificação – atores)
2	C45	Expressão do personagem: feliz
	C38	Caracterização do personagem: masculino
	C39	Caracterização do personagem: feminino
	C17	Construção: do tipo prédio
	C23	Apresentação da porta: fechada
3	C06	Apresentação da escola: material escolar
	C13	Ideal de escola: cultura, conhecimento
	C05	Apresentação da escola: presença professor/aluno
	C16	Construção: do tipo casa
	C25	Material escolar: didáticos – lousa/giz/apagador
	C26	Material escolar: livro
	C27	Material escolar: mobiliário – mesa
	C07	Apresentação da escola: estrutura física e ambientes típicos
	C28	Material Escolar: mobiliário – carteira
	C30	Ambiente escolar: dentro da escola – sala de aula
	C41	Qualificação do personagem: alunos/estudantes
	C42	Qualificação do personagem: professor(a)
	C47	Ação do personagem: lecionando (movimento – ator)
C49	Localização do personagem: na sala de aula	

Quadro 7 – Categorias descritivas agrupadas segundo os resultados do programa Chic – Medicina

O QUE DESENHAM OS ESTUDANTES DE MEDICINA

Observando-se os dados indicados pela árvore coesivo-implicativa, constituída a partir de informações fornecidas pelos estudantes de Medicina, foi possível identificar três agrupamentos distintos constituídos com base nas categorias descritivas. As categorias foram selecionadas de forma idêntica à dos estudantes de Pedagogia, ou seja, a partir de uma manifestação mínima de 17% de sujeitos do quadro geral, configurando uma significativa organização dos elementos da representação da escola pelos participantes da pesquisa.

No **agrupamento 1**, foram agregados os desenhos que não possibilitam a identificação do tipo de escola, de seus ambientes internos, do papel e do sexo dos seus atores. Esses atores, em muitos casos, foram desenhados de forma incompleta (ausência de braços ou pernas), sem expressão e na parte externa da escola (pátio/campus, na quadra de esportes, no jardim). Esses desenhos sugeriram a imagem de uma escola com amplos espaços, por onde transitam muitas pessoas. Não há destaque para um ator ou atores principais, apenas figurantes.

Apesar dos traços rudimentares, os desenhos conseguiram também insinuar que a escola tem capacidade de oferecer condições para os alunos vencerem na vida, terem sucesso e uma profissão. São desenhos constituídos de quadros que descreveram o percurso escolar que tem início na educação infantil e termina no ensino superior, e, em seguida, vem o atendimento aos pacientes. Os desenhos que mais caracterizam esse agrupamento se encontram no anexo 3A, sob os números 3A4 e 3A14.

O **agrupamento 2** confirmou a forte ligação existente entre os desenhos que simbolizaram a figura humana, masculina e feminina, associada à expressão de felicidade. Diferentemente dos alunos de Pedagogia, os alunos de Medicina não indicaram associação de felicidade especificamente às crianças, dado que suas figuras, em muitos casos, não diferenciam adultos de crianças. O desenho que mais caracteriza esse agrupamento se encontra no anexo 3A, sob o número 3A7.

A análise do **agrupamento 3** indicou a reunião do maior número de informações que detalharam a imagem da escola. A sala de aula aparece como um dos principais ambientes de localização dos professores e alunos. Mais que um espaço de encontro, os desenhos sugeriram o estabelecimento de uma relação que foi definida pela ação de lecionar do professor. Outro destaque sugerido nesse agrupamento foi a materialidade como pré-condição para a noção de escola. Assim como os estudantes de Pedagogia, os de Medicina valorizaram em seus desenhos a estrutura física (sala de aula e a área externa da escola), os materiais escolares (lousa, giz, livro) e mobiliários (carteiras e mesas) da escola. Os desenhos típicos desse agrupamento se encontram no anexo 3A, sob os números 3A5 e 3A8.

3.1.3. Discussão dos resultados

As análises dos desenhos realizadas nesta Fase 1 revelaram dois conjuntos de elementos simbólicos preponderantes que poderiam ser compreendidos ou como composição de duas representações sociais diferenciadas sobre a imagem de escola ou como elementos diversificados de uma única representação social da escola para esse grupo investigado.

- O primeiro conjunto de elementos caracterizou-se pela materialidade. Essa tendência pode ser traduzida quanto aos aspectos que caracterizam o *espaço escolar*: constituído por uma área interna que tem a sala de aula como ambiente mais característico. Na área externa, encontraram-se o pátio, o jardim e a quadra de esportes. Os materiais didáticos mais mencionados foram: a lousa, o giz e o apagador. O mobiliário resumiu-se à mesa e à carteira.
- O segundo enfatizou o espaço de relação. A representação foi marcada por uma forte relação entre os *personagens* professor e aluno. A eles foram associados o interior do espaço escolar, os símbolos afetivos, as relações amorosas e os materiais didáticos. Observamos, em particular, a questão da felicidade expressa nos desenhos elaborados. Tal questão foi contida numa dimensão estética associada à presença da sensibilidade, da afetividade e da amorosidade. Os desenhos representados com uma boca sorridente puderam sugerir um ambiente repleto de alegria. Segundo Rios & Lorieri (2004, p. 56): “Muitas vezes a alegria tem sido considerada um assunto fora da escola”. Esses autores afirmam ainda que a alegria tem a ver com a afetividade e é considerada fundamental para o desenvolvimento do trabalho de professores, professoras, alunos e escola na sua totalidade. Essa é uma faceta da escola importante para o entendimento da imagem projetada por esses estudantes, que nos leva a questionar que a alegria, indicada nos desenhos, está realmente contida na representação da escola para esses universitários.

Na proposta moscoviana, a reprodução de um objeto implica um remanejamento das estruturas, uma remodelação dos elementos, uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções e das regras. Assim, ao desenhar a escola, os sujeitos conferiram aos seus desenhos não um simples reflexo da realidade, mas um conjunto referencial de fatos, pessoas, coisas ou sentimentos que permaneceram na memória e no imaginário de cada um.

Ao analisar os dados coletados, de forma separada, fazendo um corte nas informações oferecidas por universitários de Pedagogia (40) e de Medicina (38), obtivemos dois conjuntos de elementos simbólicos distintos, passíveis de comparação. Estudantes de Pedagogia e de Medicina retomam e combinam os conceitos que gravitam no entorno da escola, sempre em consonância com a sua visão de universidade ou de formação, e com suas atitudes de jovens universitários. Como nos indica Moscovici, a formação de uma representação é constituída

Em primeiro lugar, veiculada a um sistema de valores, de noções e práticas que confere aos indivíduos as formas de se orientarem no meio social e material, e de o dominarem. Em segundo lugar, propondo-os aos membros de uma comunidade a título de veículo para suas trocas e de código para denominar e classificar de maneira clara as partes do seu mundo, de sua história individual ou coletiva. (1978, p. 27)

A comparação revelou-nos que a diferença da imagem da escola pode ser creditada aos pontos de ancoragem de cada um dos grupos de sujeitos investigados, uma vez que os elementos da objetivação, os que correspondem à face figurativa, são comuns aos dois grupos investigados. Isso fica claro quando observamos a tabela de categorias e nela encontramos a distribuição de porcentagens, tanto para a coluna que representa os estudantes de Pedagogia como para a que representa os de Medicina.

Neste sentido, para os **estudantes de Pedagogia** a imagem da escola sugere um ambiente de ensino infantil ou fundamental cuja função é a de educar, oferecer formação instrutiva e socializar. Um espaço fechado por muros e portões envolto num clima harmonioso onde não há lugar para conflitos e lutas. As imagens parecem vir de uma vivência que já passou – imagens marcantes de uma infância ingênua e distante da escola em que vivem hoje como alunos.

Arroyo apresenta em seus estudos uma questão importante com relação às imagens:

Do que acompanho nas escolas, insisto em que no espelho dos educandos nos descobrimos e formamos. Nós vemos como os vemos. Nós imaginamos como os imaginamos. As metáforas do magistério sempre foram construídas em correspondência às metáforas da infância. (2004, p.64)

Esta afirmação vem ao encontro das análises realizadas com desenhos. São representações que sugerem proteção, harmonia, afetividade e amorosidade. Um espaço projetado para o outro, ou melhor, para os alunos. Rico em materiais, cercado pela natureza e com a iluminação do sol. Associados a bem-estar e prazer, os lugares desenhados lembram ambientes fora da sala de aula. São jardins, pátios e quadras. Nesses espaços, os desenhos sugerem alunos em liberdade, prazer e movimento.

Para os **estudantes de Medicina** a imagem da escola parece ser constituída por elementos que caracterizam a própria Faculdade de Ciências Médicas onde eles mesmos são alunos. São exemplos: a estrutura física que sugere a construção de um prédio representado por vários andares, o estetoscópio, os leitos, os pacientes em atendimento e o símbolo da universidade.

Uma oposição divide os estudantes de Medicina em dois grupos. Do primeiro fazem parte aqueles que acreditam ser a escola um acontecimento que, por sua importância, marca as histórias pessoais que determinarão o futuro profissional. Para o segundo, assim como para os estudantes de Pedagogia, a escola tem a função de educar, oferecer formação instrutiva e socializar. Ambos os grupos representam a escola como um resultado positivo da ponderação entre o esforço subjetivo (fazer um percurso educacional até chegar à faculdade, estudar até tarde, receber o diploma) e a realização de uma meta (formar-se, ser médico).

Os desenhos da escola podem ser definidos como o primeiro conjunto de informações, constituído de características e propriedades, que o grupo de pesquisados atribuiu a essa instituição. Na Fase 2 da análise de dados, a seguir, buscamos aperfeiçoar os conjuntos de elementos simbólicos identificados por esse grupo de universitários investigados, explorando as narrativas escritas produzidas a partir do que foi desenhado.

O estudo dos diferentes elementos que conceituam a imagem da escola, produzida pelo grupo de estudantes investigados, foi desencadeado a partir da exploração de seus desenhos. Em seguida, efetuamos análises baseadas nos dados de suas narrativas escritas, das associações livres, das suas respostas às questões abertas e, por fim, das entrevistas realizadas.

3.2. FASE 2: Exploração e análise das narrativas escritas

A análise das narrativas escritas sobre os desenhos possibilitou outros olhares e novos significados ao conjunto de elementos simbólicos, já esboçado inicialmente. Avançamos no estudo investindo na identificação e na recuperação de outros elementos da imagem da escola que pudessem refletir a representação social da escola para esse grupo de universitários investigados. Para alcançar tais objetivos, empregamos, aos dados, uma análise da centralidade que busca salientar os conteúdos, ou seja, os elementos organizados da representação social.

As representações sociais são elementos simbólicos que os sujeitos expressam também mediante o uso de palavras. Nesta pesquisa, utilizando-se da escrita, os estudantes de Pedagogia e Medicina explicitaram o que pensam, como percebem, que opinião formulam, que expectativas desenvolvem a respeito da escola. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, segundo Jodelet (2001), são construídas socialmente e estão, necessariamente, ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem.

3.2.1. Pré-análise

Nesta etapa da pesquisa, foram analisados os dados coletados das 78 narrativas escritas sobre os desenhos. Iniciamos nosso trabalho transcrevendo todo o material coletado. As análises do conteúdo dos textos resultantes da transcrição das narrativas escritas possibilitaram o levantamento de aspectos de interesse para esta fase do trabalho. Procuramos interpretar o conteúdo manifesto após a leitura e releitura do material, classificando as convergências. Trabalhamos inicialmente com os mesmos temas-chave utilizados na fase anterior: espaço da escola, seus personagens e seus símbolos.

Posteriormente, para o tratamento analítico do material utilizou-se o programa Alceste¹⁴. Esse programa, como já descrito no capítulo 2 Metodologia, faz uso do método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que consiste em organizar as Unidades de Contexto Elementar (UCE) – pequenos recortes das narrativas escritas – em classes, manuseando o vocabulário que as compõe, de forma que se obtenha o maior valor possível numa prova de associação (*qui-quadrado*). O programa executa também outros cálculos complementares que possibilitam uma descrição mais detalhada de cada uma das classes encontradas por meio da aproximação de vocabulário semelhante.

3.2.2. Descrição analítica

Pelas condições técnicas do programa Alceste, que exigem cálculos baseados nas leis de distribuição do vocabulário, ficou inviabilizado o corte nos bancos de dados para a exploração das narrativas escritas por curso. Isso porque as Unidades de Contexto Inicial (UCI) precisam de um *corpus* com número suficiente de palavras para iniciar os procedimentos de análise. A divisão do *corpus* inicial em dois, um para Medicina e outro para Pedagogia, gerou aproveitamento das UCE abaixo da consideração ideal de 60%.

Assim, realizamos a exploração das narrativas escritas considerando o conjunto total das informações. O *corpus* preparado constituiu-se de três aspectos relevantes: idade, sexo e faculdade (Pedagogia e Medicina). O objetivo era explorar o conjunto de segmentos de texto típicos de cada classe.

Atendendo aos critérios do programa e analisando inicialmente a validade do material fornecido, pode-se afirmar que houve aproveitamento das UCE revelando um discurso homogêneo passível de análises e conclusões, pois esse aproveitamento das palavras se estimou em cerca de 76,80% do *corpus*. Este, como dito inicialmente, foi composto de 78 (setenta e oito) UCI (narrativas escritas) e dividido em 139 segmentos (UCE), que continham 1.414 palavras diferentes. Desconsideramos as palavras com frequência igual ou inferior a 3. É importante ressaltar que as UCE não correspondem ao número de pesquisados, isso porque elas são recortes da narrativa escrita.

¹⁴ A documentação referente aos resultados gerados pelo programa encontra-se no Anexo 3B.

A análise geral de todo o *corpus* identificou, com base na Classificação Hierárquica Descendente (CHD), quatro blocos de sentidos organizadores dos significados, nos quais as narrativas escritas foram divididas em classes. Para esta pesquisa, foram constituídas as seguintes classes: **1) Escola: lugar valoroso**, **2) Escola dos médicos**, **3) Escola: lugar de crescimento pessoal**, e **4) Escola: lugar idealizado**. A seguir, é apresentada uma figura constituída com base em informações fornecidas pelo programa: na Figura 5, em forma de dendrograma, é possível verificar a ligação entre as classes e a representatividade de cada uma delas (%) dentro do *corpus* avaliado.

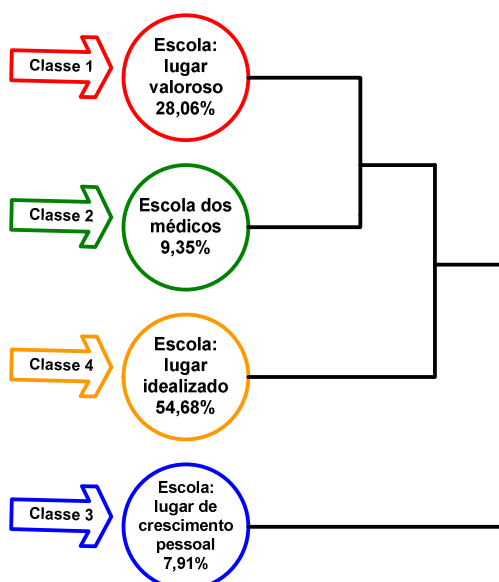


Figura 5 – Classificação Hierárquica Descendente (CHD)

Na Figura 5, observa-se que a produção discursiva foi distribuída em blocos que se interligam mostrando, com isso, uma aproximação do que o grupo investigado escreveu sobre a escola. A primeira **classe 1 (Escola: lugar valoroso)**, encontrou-se ligada à **classe 2 (Escola dos médicos)**. Este conjunto atrelou-se à **classe 4 (Escola: lugar idealizado)**, formando um novo conjunto que se conectou com a **classe 3 (Escola: lugar de crescimento pessoal)**.

Apesar de relacionadas, as classes indicam diferenças entre seus conteúdos, esboçando talvez, quatro diferentes blocos de sentidos envolvendo a escola. Em cada uma dessas classes indicadas, sua exploração foi organizada e apresentada por seu vocabulário (por ordem de frequência de ocorrência) e pela indicação da significação da sua ligação com a classe (*qui-quadrado*). Para a contextualização das UCE apresentamos recortes de trechos das narrativas escritas mais significativas para a ilustração de cada classe.

3.2.2.1. Classe 1 – Escola: lugar valoroso

Essa primeira classe foi constituída por 39 UCE, representando 28,06% do total das UCE analisadas no conjunto da Classificação Hierárquica Descendente. A análise das variáveis descritivas dessa classe permitiu caracterizá-la como associada a quase 50% dos pesquisados do sexo masculino e 35% dos futuros pedagogos do Centro Universitário, que trabalham durante o dia e freqüentam a faculdade no período noturno.

Pelas freqüências de ocorrência e pelas ligações com os contextos mais significativos (Quadro 8), essa dimensão da escola foi constituída por noções de “vida” e aspectos que aproximam ações de “aprender” e “viver”. Foram registrados, também, elementos, menos freqüentes, que envolvem a noção de “sociedade”, de “cidadãos” e de “crianças”, entre outras.

Real		% na classe	chi ²	Identificação
Nº. abs. classe	Nº. abs. todo			
10	12	83,33	19,88	aprenda (1), aprende (1), aprendem (1), aprendemos (1), aprender (5), aprenderem (1), aprendesse (2)
16	25	64	19,51	vida (15), vidas (1)
4	4	100	18,90	vive (1), vivem (2), viver (5), viveu (1)
6	7	85,71	12,14	família: família (6)
4	4	100	10,56	serão
7	10	70	9,39	nossa
9	15	60	8,50	criança (2), crianças (10)
3	3	100	7,86	temos
5	7	71,43	6,87	cidadão (1), cidadãos (2), cidade (3)
5	7	71,43	6,87	tempo
8	14	57,14	6,52	forma (1), formação (3), formais (1), formam (1), formar (2)

Quadro 8 – Palavras características da classe 1, por ordem de freqüência

O exame das palavras indicadas no Quadro 8 oferece a essa classe um caráter valorativo explicitado predominantemente pelos sujeitos do sexo masculino, uma vez que as narrativas escritas identificadas como típicas estão significativamente associadas (50%) aos estudantes daquele sexo.

Nesta primeira classe, a importância das noções “de aprender”, “de vida” e “de viver” é identificada no destaque das palavras feito a partir de alguns recortes das narrativas escritas:

*A escola é a nossa segunda casa, lá devemos **aprender**, crescer e **viver**.* (UCE 78)

*A primeira escola pela qual passamos é nossa família, que nos dá valores, sentidos, educação, cidadania. Depois passamos para as escolas formais de ensino fundamental e médio, onde continuamos a **aprender** e nos preparamos para entrar na escola seguinte: a universidade.* (UCE 144)

*Uma escola que fosse formadora de opiniões e cidadãos. O aluno não só **aprendesse** a matéria, mas também aprendesse a **viver**.* (UCE 25)

*Na escola **aprendemos** a **viver** em grupo, lidando com nossas diferenças.* (UCE 113)

*É muito importante a educação que o professor deve dar a essas crianças. Devem educá-las com amor e carinho para que elas se tornem pessoas de bem. Também precisam de um pouco de diversão e de companhia de outras crianças para aprenderem a **viver** em sociedade.* (UCE 69)

*(...) os profissionais dessa área, devem buscar mais informações e inovações, conseqüentemente conscientizando o seu aluno e parentes da importância da escola na **vida** e na formação de cidadãos conscientes (...).* (UCE 80)

*Precisamos de escolas que não apenas passem conhecimentos que não serão utilizados, mas que se empenhem por formar um cidadão, que na escola aprenda a conviver em grupo, ache sua identidade, tenha autonomia, que com certeza usarão durante toda sua **vida**.* (UCE 106.)

A análise dos verbos desta classe destaca uma significativa presença da forma nominal infinitiva: educar, aprender, participar, informar, formar, destinar, conviver, cuidar, valorizar, buscar, estudar e viver. A forma verbal carrega em si a falta de exatidão com relação ao tempo em que se pretende localizar a escola. Neste sentido, a representação da escola valorosa não está definida, para esses sujeitos, como uma escola do presente, ou do passado ou do futuro.

3.2.2.2. Classe 2 – Escola dos médicos

Os conteúdos da segunda classe da análise hierárquica associam a representação social da escola ao universo específico do cotidiano dos jovens médicos. Isso porque as análises das variáveis descritivas dessa classe permitiram caracterizá-la como associada a 100% de estudantes de Medicina que se declararam, no momento da coleta de dados, com menos de 24 anos e freqüentando integralmente a faculdade. Essa classe foi constituída por 13 UCE representando 9,35% do total do conjunto da CHD, e foi denominada Escola dos médicos.

Segundo mostra o Quadro 9, essa dimensão da escola está associada a substantivos – “o Hospital das Clínicas”, “a Faculdade de Ciências Médicas” e “os amigos”. Mostram também as ações de “ir ou trabalhar no hospital” e “entrar na faculdade”. Destacam-se dois verbos que indicam a alegria de “chegar” à universidade e a meta de poder “ajudar” os outros. São exemplos das narrativas escritas dos universitários:

A Faculdade de Ciências Médicas, onde estudo hoje, será para sempre uma espécie de casa para mim; os livros são o meio de atingir meu objetivo de trabalhar no Hospital das Clínicas e meus amigos são companheiros durante o tempo que passo na UNICAMP e depois na vida profissional. (UCE 42)

Eu desenhei a Faculdade de Ciências Médicas e o Hospital das Clínicas, os dois lugares onde aprenderei muitas coisas nos próximos 6, 7 anos. Desenhei meus amigos, que já são como uma família para mim. (UCE 36)

Real		% na classe	chi ²	Identificação
Nº. abs. classe	Nº. abs. todo			
9	9	100,00	93,27	hospital (9), hospitalar (1)
6	7	85,71	50,70	amigos
5	5	100,00	50,27	clínicas
5	6	83,33	40,48	meus
5	7	71,43	33,50	ciências (5)
5	7	71,43	33,50	médicas (5)
8	17	47,06	32,48	faculdade
4	5	80,00	30,53	novos (4)
2	3	66,67	11,88	estou
2	4	50,00	8,03	ajudar (2)
2	4	50,00	8,03	chegar (2)
2	4	50,00	8,03	feliz (2)
2	4	50,00	8,03	Unicamp

Quadro 9 – Palavras características da classe 2, por ordem de freqüência

As palavras do Quadro 9 indicam que existe um alto envolvimento pessoal desses pesquisados quando pensam sobre a escola. Esse envolvimento é indicado pela alta freqüência da utilização de pronomes na primeira pessoa: oblíquo (*mim*) e possessivo (*meu(s)*).

3.2.2.3. Classe 3 – Escola: lugar de crescimento pessoal

Esta terceira dimensão foi constituída por apenas 11 UCE, representando 7,91% do total das UCE analisadas no conjunto da Classificação Hierárquica Descendente. A análise das variáveis descritivas desta classe permitiu caracterizá-la como associada a quase 77% dos pesquisados do sexo feminino e 23% do masculino. Os futuros pedagogos estão aqui em número maior (67%).

O grupo desta classe declara também não estar ligado ao mundo do trabalho, indicando, por isso, um olhar sobre a escola do ponto de vista do aluno que tem o estudo como sua principal fonte de desafios.

Do meu cotidiano que é estudar muito para conseguir boas notas nas provas para que eu não seja reprovada. Esta vida que eu tenho vivido ultimamente tem muitas coisas novas, diferentes, curiosas, então para mim tem sido um desafio a cada dia. (UCE 97)

Real		%na classe	chi ²	Identificação
Nº. abs. classe	Nº. abs. todo			
4	5	80,00	36,98	integração (2), integrada (1), integral (1), integram (1)
4	6	66,67	29,70	necessário (4)
3	4	75,00	25,44	saber
3	5	60,00	19,31	cotidiano (3)
3	6	50,00	15,24	coisa (1), coisas (2)
3	6	50,00	15,24	ideal (3), idéia (1)
3	6	50,00	15,24	seja (3)
2	3	66,67	14,52	ainda
3	7	42,86	12,35	físico (3)

Quadro 10 – Palavras características da classe 3, por ordem de freqüência

Pelas suas frequências de ocorrência e pela sua ligação com os contextos mais significativos (Quadro 10), essa dimensão da imagem da escola se apresenta constituída por dois conjuntos de noções: o cotidiano que reflete a necessidade de integração e a visão do trabalho técnico da escola.

O primeiro conjunto de noções evidenciou a presença/vivência cotidiana do estudante na escola, o que lhe permitiu arrolar, com base nas informações de seu entorno, o que é necessário para se alcançar a escola ideal. Apontam como dificuldades que a escola precisa superar para ser ideal: “a inclusão”, “a integração entre o físico e o intelectual”, “a integração entre a responsabilidade e liberdade”, “a mistura de raças”, “a gratuidade da escola”, “a transmissão do saber de forma integral e integrada”, “aprendizado e diversão”, entre outras. Todos esses elementos se aproximam da noção de escola como um espaço fragmentado, o qual, portanto, necessita de diferentes tipos de integração.

A escola perfeita é aquela em que se cuida tanto do intelecto quanto do físico. Para isso é necessário não só uma boa estrutura física quanto um bom grupo de professores. (UCE 164)

(...) integração entre responsabilidade e liberdade, aprendizado e diversão, proporcionando o que é necessário para motivar e conduzir o aprendizado. (UCE 124)

Brincadeiras do cotidiano como esconde-esconde, jogar bola com lata, na falta dela, até de ladrão e polícia. Essa hora em que se integram socialmente com outros, sem intervenção de um adulto. (UCE 100)

Desejo uma escola inclusiva, onde cada indivíduo seja valorizado como ser humano que é onde haja compromisso em transmitir o saber de forma integrada e integral. (UCE 21)

O segundo conjunto de noções sugeriu a escola como um lugar de trabalho técnico e, portanto, de particular operacionalização. As necessidades são possíveis de ser levantadas, mas, para algumas delas, os alunos demonstraram dificuldade em propor encaminhamentos de superação. Parecem indicar uma falta de condição ou imaturidade para tanto.

Na verdade seria prematuro, fazer qualquer comentário com relação a como seria a escola ideal. O que desenhei representa um ideal no que diz respeito a espaço físico, integração, relacionamentos, mas com relação a conteúdo, transmissão do saber, responsabilidades, posso só dizer do que eu gostaria que fosse, mas não como fazê-lo. (UCE 20)

Leitura, música, dança, esportes, folclore, pintura, são detalhes importantes. Outra coisa que considero interessante é a mistura de raças dentro do ambiente escolar. Além disso, precisamos chegar ao ponto onde essa escola seja oferecida a todos gratuitamente. Essa é a minha idéia, ainda imatura, sobre a escola. (UCE 53)

3.2.2.4. Classe 4 – Escola: lugar idealizado

Finalmente, a última classe da análise hierárquica envolveu 54,68% (vide Figura 5) do total das UCE do conjunto do material analisado. Neste sentido, resultou ser a classe mais importante. Pelas suas freqüências de ocorrência e pela sua ligação com os contextos mais significativos desta última classe (Quadro 11), essa dimensão da representação social da escola exhibe um conteúdo muito rico. Os pesquisados desta classe pertencem a ambos os sexos e faculdades e se encontram distribuídos por todas as faixas etárias. Esta classe indica uma faceta da imagem da escola como a mais compartilhada se comparada com as demais classes apresentadas (C1=28,06%; C2=9,35%; C3 = 7,91%).

Real		% na Classe	chi ²	Identificação
Nº. abs. classe	Nº. abs. todo			
23	23	100	22,8	sala (17), salas (10)
33	39	84,6	19,6	aluno (9), alunos (31)
18	18	100	17,1	aula (20), aulas (3)
32	39	82,0	16,3	professor (12), professora (10), professores (14)
29	38	76,3	9,8	desenhar (1),desenhei (12),desenhista (1),desenho (21)
11	12	91,6	7,2	mostra (6), mostrando (1), mostrar (3), mostrei (1)
7	7	100	6,1	conquista (1), conquistam (1), conquistar (2), conquistas (2), conquistou (1)
7	7	100	6,1	lazer
7	7	100	6,1	quadra (3), quadras (2), quadro (2)
7	7	100	6,1	ter
14	17	82,3	5,9	ser
9	10	90	5,4	área (11), areia (1)
6	6	100	5,2	instituição (5), instituições (2)
6	6	100	5,2	luta (3), lutar (1), lutas (1), lutei (1)
13	16	81,2	5,15	conhecimento (11), conhecimentos (4)
5	5	100	4,3	biblioteca (4), bibliotecas (1)
5	5	100	4,3	cultura (1), culturais (4)
5	5	100	4,3	freqüentam (2), freqüentar (2), freqüente(1), freqüento (1)
5	5	100	4,3	livre (1), livres (1), livro (3)
5	5	100	4,3	prática (3), praticando (1), praticar (1)
5	5	100	4,3	quis
5	5	100	4,3	área verde
13	17	76,4	3,7	lugar
7	8	87,5	3,6	prédio
7	8	87,5	3,6	há
9	11	81,8	3,5	esporte
9	11	81,8	3,5	porque
4	4	100	3,4	num
4	4	100	3,4	prazer
4	4	100	3,4	haver
12	16	75	3,0	eu

Quadro 11 – Palavras características da classe 4, por ordem de freqüência

Os conteúdos dessa dimensão remeteram a quatro tipos de noções. Uma, com relação ao aspecto físico e material da escola (expressa pelas palavras: *sala de aula, quadra, biblioteca, prédio, área verde, quadro, livro*). Outra, com relação aos personagens (indicada pelas palavras *aluno e professor*). Uma terceira noção, com embora periférica, pela escassa frequência no contexto, referiu-se aos enfrentamentos expressos pelas palavras *lutas e conquistas*. A quarta noção apontou aspectos ligados à função da escola: *oferecer cultura, lazer e conhecimento*.

Estas noções se encontram interligadas entre si. Nas UCE desta classe, podemos verificar que, juntas, elas carregam um caráter idealizado, que os universitários transferem para a escola, definindo-a como possuidora de qualidades positivas que se ajustam a um modelo preestabelecido.

A escola que eu desenhei é a que eu considero ideal, juntando a área educacional com o lazer e com os esportes para as crianças. Entretanto esta não é a escola que há no país; aquela maioria só tem uma quadra e um prédio para as aulas! É necessário haver uma grande estrutura para valorizar a educação e o desenvolvimento intelectual dos brasileiros. (UCE 116)

A escola ideal é aquela em que alunos de todas as raças, e de ambos os sexos, deficientes físicos ou não, são iguais perante o professor, o qual ensina por prazer, e seus alunos conquistam o conhecimento para se tornarem verdadeiros cidadãos. (UCE 154)

No meu desenho, quis mostrar de maneira simples e completa o que, na minha concepção, considero ser o modelo ideal de escola. Como está no desenho, considero importante que exista uma área verde, livre para que os estudantes possam conversar ou se divertir em contato com a natureza. (UCE 8)

O meu desenho tem muito a ver com a escola que, um dia, eu quero construir. Tenho o sonho de ter uma escola onde haja muitas coisas diferentes que as escolas de hoje não têm, como, por exemplo, incentivo do aluno na área dos esportes, criação de olimpíadas, jogos educativos, educação ambiental. (UCE 22)

Com base nos dados quantitativos apresentados, foi possível identificar alguns aspectos do funcionamento da representação social, evidenciados a partir de interpretações referentes a: *aspectos físico e material da escola; sua função e seus enfrentamentos*.

A representação social da escola, refletida pelas diversas facetas que compõem sua imagem, foi se revelando a partir das nossas interpretações referentes aos aspectos da ancoragem. Neste contexto o grupo avaliado atribuiu maior número de referências, em suas narrativas escritas, a aspectos concretos (salas de aula, aluno, professor, aula etc.), porém vinculando-os às denúncias de seus problemas, os quais a escola deverá assumir caso deseje se aproximar do modelo idealizado por eles.

Denunciam:

- a falta de universalização da escola:

(...) Isso deveria acontecer porque existe ainda um grande número de pessoas que não freqüentam uma escola. (UCE 12)

(...) e que principalmente haja vagas para todos, (...) (UCE 58)

- A austeridade ou a rigidez dos hábitos, com relação aos aspectos físicos:

Considero ser o modelo ideal de escola, como está no desenho. Considero importante que exista uma área verde, livre para que os estudantes possam conversar ou se divertir em contato com a natureza. (UCE 8)

(...) Além disso, considero essencial a existência de instituições como a biblioteca e a sala de artes, buscando diversificar os conteúdos com um pouco de descontração e aprendizado literário. (UCE 10)

- A ausência de um professor mais afetivo e feliz:

E também professores que sejam os melhores amigos dos alunos, a inclusão de deficientes auditivos, visuais, muito teatro, pintura, dança, música, biblioteca. (UCE 23)

Desenhei a professora longe dos alunos só para destacar quem é quem, mas, acho eu, deve haver proximidade e troca de aprendizado, não deve ser uma via de mão única. (UCE 45)

- A necessidade de um espaço interessante e com harmonia:

Diferente daquela sala de aula desinteressante, onde os alunos ficam quietos, só o professor fala e a aula é chata e desinteressante. (UCE 51)

O convívio harmonioso, a liberdade de expressão e o respeito devem ser primordiais nesse ambiente. Procurei retratar tudo isso em meu desenho, exercitando a prática de esportes, o incentivo a freqüentar a biblioteca, a existência de atividades culturais extensivas à comunidade. (UCE 51)

Essas denúncias, misturadas entre sonhos e chavões, traduzem de outra forma a compreensão de direito universal da educação. Um direito feito à medida das grandes conquistas: a liberdade, a democracia, a igualdade de todos, a inclusão etc. Direitos estes já adquiridos pelos pesquisados, uma vez que se encontram num patamar privilegiado de formação universitária (50% estudam em escolas públicas) e num momento de vida em que podem apenas estudar (90% não trabalham, somente estudam).

Assim, nosso grupo investigado, apesar da amplitude das denúncias, recortou do tema “universalização da educação” apenas os pontos que dizem respeito às necessidades por eles vividas. Oferecem uma “cara”, toda própria, ao direito à educação: incorporada de suas vivências, sua produção cultural, seus saberes, que eles reconhecem e que possibilitem ampliar o que já são. Este aspecto nos remete ao pensamento de Arroyo (2004, p. 120), no que se refere à constatação de que “o estatuto do direito à educação básica e universal ainda é muito ambíguo quando seus sujeitos são os setores populares”.

Fazendo uso do estudo das representações sociais, centramos nossa atenção nos valores, desejos, nas crenças dos nossos jovens universitários sobre a escola, ampliando a nossa compreensão sobre a relação estabelecida entre o discurso dos direitos à educação e os focos de superação dos problemas centrados nas necessidades comuns a esses universitários.

3.2.3. Discussão dos resultados

Estudar a elaboração e o funcionamento de uma representação social implica também a compreensão da sua composição ou organização. Isso significa levar em consideração o que propôs Moscovici (1978). Para ele, existem três dimensões sob as quais os conteúdos de uma representação podem ser organizados: o campo da representação ou da imagem, o da informação e o da atitude.

A **dimensão do campo** remete-nos à estrutura interna dos conteúdos das proposições referentes à escola. A estrutura permite constatar que uma representação é sempre uma unidade de elementos *ordenada e hierarquizada*. Segundo Campos:

Essa concepção nos leva a perceber as representações como uma construção sociocognitiva, quer dizer, uma construção submetida a uma dupla lógica cognitiva e social, submetida à influência do contexto discursivo e do contexto social. (2002, p. 22)

Buscando a compreensão desta lógica, cognitiva e social, as análises da dimensão do campo das representações sociais da escola foram esboçadas inicialmente pela exploração dos elementos dos desenhos e, posteriormente, ampliadas pela análise dos constituintes das narrativas escritas.

Os resultados indicaram quatro dimensões da imagem da escola para esse grupo de estudantes. Duas delas são mais fortemente compartilhadas: a primeira (valorativa) e a quarta (idealizada). A terceira, menos compartilhada, apresenta-se como extensão da quarta (idealizada), porque trata das mesmas noções só que estabelece um olhar da posição de aluno. A segunda (Escola dos médicos), apesar de pouco compartilhada, é muito significativa, pois revela a especificidade de um grupo de estudantes que têm como imagem da escola a representação social constituída por elementos que se encontram no entorno imediato de seus cotidianos: o Hospital das Clínicas e a Faculdade de Ciências Médicas.

A segunda dimensão, **a informação**, refere-se à qualidade de informações que o grupo conhece acerca do objeto da representação (Moscovici, 1978). Os resultados indicam que:

- Os alunos de Pedagogia, principalmente aqueles que trabalham durante o dia e estudam no período noturno, elaboraram a imagem da escola como um espaço valoroso que tem como objetivo fazer crescer o outro, principalmente as crianças. A escola é uma extensão da família, que tem como meta a formação mais ampla dos alunos.
- Os estudantes de Medicina refletiram as características da escola na qual vivem como alunos, definindo, em muitos casos, as lutas e as conquistas vistas por uma ótica de caráter pessoal – estudar até tarde, ficar longe da família, manter-se na universidade, integrar-se à faculdade.
- Os alunos que estão fora do mercado de trabalho tendem a reconhecer os enfrentamentos dos problemas cotidianos numa perspectiva de escola idealizada. Colocam-se na posição de alunos, justificando sua incapacidade de ação. Declaram, por conhecerem o interior da escola, os pontos que precisam de investimentos – aspectos físicos, materiais, de relacionamento, de conteúdos, de “transmissão” –, mas não sabem como os fazer. Já os poucos alunos que se encontram dentro do mercado de trabalho reconhecem as lutas e conquistas voltadas para a formação de valores, cidadania e ética. Ambos os grupos, dos que trabalham ou dos que não estão no mercado de trabalho, reconhecem o direito à educação e relacionam suas lutas ao atendimento de necessidades levantadas no ambiente escolar.
- Para os estudantes de Medicina a boa escola está associada a experiências do cotidiano e de suas vivências escolares. Um ensino de período integral, cercado de amigos e que exige muito em termos de aprendizagem.

A terceira dimensão, **da atitude**, reflete o conjunto de disposições afetivas ou as orientações positivas ou negativas com relação ao objeto socialmente representado, seja uma atitude favorável, desfavorável ou neutra. A constituição da atitude refere-se às experiências subjetivas, fruto de processos comparativos decorrentes da interação social. Segundo Moscovici (1978), é por meio dela que o homem representa as orientações globais acerca de um objeto social. Assim ela [interação social] consegue incutir um sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações que está vinculada ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes.

Do ponto de vista da Teoria das Representações Sociais, uma das funções de uma representação é a de saber, compreender e explicar a realidade. Segundo Abric:

Essa função permite que sujeitos adquiram conhecimentos e os integrem em um quadro assimilável e compreensível para eles próprios, em coerência com aquilo que já sabem e os valores aos quais eles aderem. (1998, p. 28-29)

A análise das facetas, realizada nestas duas primeiras fases da pesquisa, possibilitou uma constatação: os pontos positivos destacados pelos universitários sobre a escola atribuem-lhe um *status* de lugar de aprender.

Esse *status* pode, também, ser relacionado com outra função da representação social: a de identidade. Essa função tem por objetivos definir a identidade e especificidade dos grupos e assegurar um lugar primordial nos processos de comparação social. Abric (1998, p. 28-29) salienta que a representação do grupo se caracteriza sempre por uma superavaliação de seus aspectos considerados positivos: “Essa função tem um papel importante no controle social exercido pela coletividade sobre cada um de seus membros e nos processos de socialização”.

A afirmação “controle social exercido pela coletividade” levou-nos a observar que a diferença entre os estudantes de Pedagogia ou de Medicina vai além do conjunto de seus currículos acadêmicos. Ser estudante de um determinado curso é também construir uma identidade a partir de representações e práticas que os sujeitos organizam em suas relações. Além de uma dimensão acadêmica, ser estudante de um determinado curso comporta uma ordem simbólica que deve ser investigada em outras dimensões.

Essa outra dimensão seria o campo do simbólico como espaço da ação humana e, como tal, pertinente ao estudo da representação social da escola. Buscando uma forma de compreender como esses estudantes se percebem, o simbólico é uma dimensão da realidade, cujo significado é encontrado não na direta correspondência com o real, mas na forma como interpretam o real.

Para Bronislaw Baczko (1985), a imaginação social é um aspecto significativo da sociedade. É por meio dela que as sociedades se percebem, elaboram uma imagem de si próprias e atribuem identidades sociais do que venham a ser um estudante de Pedagogia e um de Medicina.

É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição de papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe”, o “bom súdito”, o “guerreiro corajoso”, etc. (Baczko, 1985, p. 409)

Diante do exposto, indagamo-nos: Qual a identidade revelada pelos estudantes de Pedagogia e Medicina? Os resultados do programa Alceste indicaram uma classe específica para os estudantes de Medicina. E uma outra constituída por um percentual significativo de estudantes de Pedagogia (67%).

Assim, os dados sugerem que, na identidade dos estudantes de Medicina, podem estar impressos elementos que os identifiquem como um grupo:

- VITORIOSOS pela entrada na faculdade de Medicina. Sentem-se orgulhosos pela passagem no vestibular:

Esse ano iniciou-se ótimo. Entrei na faculdade desejada, e assim, a cada dia conheço novas pessoas, adquiero novos conhecimentos e tenho experiências novas. Estou muito feliz, e espero continuar assim para sempre. (18)

- POSITIVO pela expectativa com relação ao seu percurso de formação, estabelecendo um compromisso duradouro com a escola e seus amigos:

A Faculdade de Ciências Médicas, onde estudo hoje, será para sempre uma espécie de casa para mim; os livros são o meio de atingir meu objetivo de trabalhar no Hospital das Clínicas e meus amigos são companheiros durante o tempo que passo na faculdade e depois na vida profissional. (41)

- CONVICTO por sua escolha pela área médica:

A faculdade representando o meu dia-a-dia e meus amigos que estão convivendo integralmente ao meu lado. Novos desafios são vencidos a cada dia. Tudo é novidade. A integração com a faculdade e com o curso só me dá mais certeza da minha escolha. (32)

A identificação do grupo de estudantes de Pedagogia pode estar associada a um grupo:

- IDEALIZADOR por seu conjunto de idéias:

Estão aprendendo a pensar sobre a escola. O que ela significa, qual a sua importância na vida das pessoas, qual o seu papel, como ela se apresenta no momento e como deveria ser. Na verdade, seria prematuro fazer qualquer comentário com relação a como seria a escola ideal. O que desenhei representa um ideal no que diz respeito a espaço físico, integração, relacionamentos (...). (6)

- MEDIADOR por suas denúncias de falta de integração:

O desenho idealiza a escola. Representa que as atividades produzidas em uma área agradável, em contato com a natureza. Ele sugere que a vida é quem ensina e somos nós, professores e alunos, meros mediadores dos ensinamentos. (11)

Os dados não foram suficientes para o aprofundamento da identidade dos grupos. Acreditávamos que, na continuidade da pesquisa, esse aprofundamento poderia ser ampliado com a exploração do próximo conjunto de dados. Tivemos também como objetivo continuar a identificação das estruturas representacionais, procurando entender a constituição da imagem da escola e de seus conteúdos.

Optamos por investir na técnica de associação livre. No próximo tópico, apresentaremos definições e resultados que tornarão mais claros os conceitos referentes a essa técnica.

3.3. FASE 3: Exploração da associação livre de palavras

A “associação livre de palavras” é uma técnica bastante difundida em pesquisas que utilizaram como suporte teórico/metodológico as representações sociais (Kowalski, 2001; Nascimento, 2002; Villas Boas, 2003; Marcondes, 2004), uma vez que possibilita acesso aos conteúdos periféricos e latentes.

Essa técnica, segundo Bardin (1977), ajuda a localizar zonas de bloqueio e de recalque de um indivíduo. Consiste em solicitar “aos sujeitos que associem, livre e rapidamente, a partir da audição das palavras indutoras (estímulos), outras palavras (respostas) ou palavras induzidas” (p. 52). No presente estudo, a técnica foi operacionalizada pela associação do objeto indutor ao desenho. Foi solicitado aos estudantes de Pedagogia e Medicina que, ao término da realização do desenho, circulassem, no próprio desenho realizado, utilizando caneta vermelha, um único elemento que considerassem o mais importante. Em seguida, escolhessem mais três novos elementos desenhados que entendessem ser relevantes e os registrassem em ordem de importância.

3.3.1. Pré-análise

Nesta etapa da pesquisa, foram analisados os dados coletados dos 78 sujeitos, perfazendo um universo de 311 evocações e 94 palavras diferentes. A proposta de categorização teve início com a organização e classificação das unidades de registro por ordem alfabética e por critério de frequência simples.

Posteriormente, a partir da listagem das palavras diferentes, foi realizada a construção de um dicionário organizado a partir das frequências evocadas (variáveis de 1 a 15 vezes). Essa construção utilizou como suporte o *Dicionário Houaiss* (2001), que possibilitou a consideração de diferentes sentidos com relação a cada verbete consultado, assim como o contexto da emissão pelo sujeito, analisando os sentidos das diferentes unidades de registro.

Essa forma de encaminhar da construção, dada pelo dicionário foi similar aos procedimentos utilizados por Marcondes (2004), que resultaram em dois universos distintos de palavras: um dos estudantes de Pedagogia e outro para os de Medicina, contendo os agrupamentos constituídos por aproximação semântica, as categorias descritivas e as interpretativas.

Depois de agrupadas, as unidades de registro foram inventariadas de acordo com o tema e o núcleo de significação das palavras. O material explorado foi submetido à técnica da análise de conteúdo categorial, conforme os pressupostos de Bardin (1977). Seguindo esse pensamento, Bardin (1977) afirma que é indicada a utilização dessa técnica quando o interesse é conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça, ou seja, é uma busca de outras realidades por intermediário das mensagens. Foram elaboradas 72 categorias descritivas para o grupo de estudantes de Pedagogia e 51 para os de Medicina.

A exploração e a análise das palavras geraram dois quadros que se encontram no Anexo 3C sob os números 3.C.1 e 3.C.2, com os títulos *Agrupamento por aproximação semântica: categorias interpretativas, descritivas e unidades de registro – Medicina e Pedagogia*, respectivamente.

3.3.2. Descrição analítica

Para a exploração das 311 evocações utilizou-se o programa Evoc (*Logicien Evoc, version 2000*)¹⁵. Esse programa, como já descrito no capítulo 2, referente à metodologia, tem como objetivo a coleta de dados espontâneos, ou seja, elementos constitutivos do conteúdo das representações sociais subdivididos em núcleo central e periférico¹⁶.

A proposta de aplicação do programa foi inventariar *todas* as palavras, de *todos* os participantes da pesquisa, possibilitando uma investigação na organização interna das representações sociais associadas a esse conjunto de palavras.

Partiu-se da premissa de que as palavras que atendessem, ao mesmo tempo, a maior frequência e aquelas assinaladas com a caneta vermelha no desenho supostamente teriam maior importância no esquema cognitivo do sujeito, ou seja, se configurariam, como hipótese, pertencentes ao núcleo central da representação social investigada (Abric, 1994).

¹⁵ A documentação referente aos resultados gerados pelo programa encontra-se no Anexo 3C sob o número 3.C.3.

¹⁶ A respeito da organização interna e hierárquica da representação, uma das contribuições teóricas mais interessantes tem sido a “Teoria do Núcleo Central” e o modelo figurativo desenvolvido pelo próprio Moscovici (1978). Autores como Abric (1998), Rouquette (1994), Moliner (1988) e Guimelli (1993) se constituem atualmente em uma forte corrente de estudos das representações sociais, sobretudo no que se refere aos aspectos estruturais. São denominados grupo MIDI – pesquisadores do Sul da França, da região do Mediterrâneo, especificamente de Aix-en-Provence e Montpellier, no campo das representações (Sá, 2002). Abric e Flament desenvolveram a chamada “Teoria do Núcleo Central”. Segundo essa teoria, as representações sociais são orientadas por duas grandes organizações: *o sistema central*, vinculado às condições históricas, sociológicas, ideológicas, normas e valores sociais, que define o significado da representação; *o sistema periférico*, que está associado ao contexto vivido, à história pessoal do indivíduo e que é facilmente adaptado às necessidades. É importante ressaltar o distanciamento conceitual entre o núcleo figurativo e o núcleo central. Segundo Sá (2002), o núcleo central não tem um caráter imagético como necessariamente ocorre com o núcleo figurativo. Outra ressalva é que tanto o núcleo figurativo quanto o núcleo central se organizam dando sentido às representações sociais, e a dificuldade apontada encontra-se na captura e no entendimento da relação entre a cognição, a afetividade e o social, estabelecidos entre o sujeito pensante e um determinado objeto social que lhe é apresentado como novidade.

O Quadro 12, a seguir, mostra os principais conteúdos relacionados com os elementos destacados nos desenhos da escola para os universitários investigados. Levamos em consideração a freqüência e a ordem média de apontamentos, que ainda considerou as palavras assinaladas no desenho, com a caneta vermelha, como as mais importantes pelos respondentes. Estabelecemos que a ordem média das palavras registradas fosse igual a 3 e a freqüência média em 12.

		<i>Número total de evocações = 311</i>				<i>Número total de palavras diferentes = 94</i>			
		<i>Ordem média das evocações</i>							
		<i>Inferior a 3, 0</i>				<i>Superior a 3, 0</i>			
Freqüência	Acima ou igual a 12 evocações	24	infra-estrutura	2, 79	17	branco	3, 23		
		24	professor	2, 25	12	atividade extra curricular	3, 16		
		19	aluno	2, 26	11	natureza	3, 27		
		15	sala de aula	2, 66					
		12	amigo	2, 20					
	Abaixo ou igual a 12 evocações	9	área de recreação	2, 55	8	quadra	3, 12		
		8	integração	2, 00	7	livro	3, 00		
		7	biblioteca	2, 71	5	material escolar	3, 40		
		7	instituição	2, 71					
		7	sentimento positivo	2, 57					
		5	hospital	2, 40					
		5	professor-qualificado	2, 40					

Quadro 12 – Elementos da representação da escola, dos sujeitos pesquisados, em razão da freqüência e da ordem média das evocações

Os resultados apresentados no *Quadro 12* foram dispostos em quatro quadrantes organizados em dois eixos. O eixo vertical corresponde à freqüência de evocação das palavras e o eixo horizontal, à ordem de evocação.

Encontramos assim o seguinte mapeamento: no primeiro quadrante superior esquerdo, registraram-se as palavras que provavelmente fazem parte do núcleo central. As palavras, nesse quadrante, foram associadas às altas freqüências e à imediata evocação. No segundo quadrante superior e no terceiro quadrante inferior, encontraram-se as palavras menos salientes na estrutura da representação, pertencentes ao núcleo periférico. Sá (2002) identifica estes dois quadrantes por “periferia próxima”. No quarto quadrante inferior à direita, reuniram-se as palavras mais afastadas do núcleo central por serem menos freqüentes e menos imediatas.

Os resultados indicam a presença dos personagens significativamente mencionada pelos participantes: professor (24), aluno (19) e amigo (12) como prováveis constituintes do núcleo central da escola. Reforçando esse núcleo, registrou-se também a palavra infra-estrutura (24), que salientou aspectos materiais da escola, sobretudo aqueles que identificam os espaços físicos, principalmente a sala de aula (15).

No núcleo periférico foram anotados os seguintes elementos: *sentimentos positivos* (felicidade, esperança, amizade, alegria, afeto e solidariedade); *atividade extracurricular* (atividades esportivas, de música, de teatro, de artes plásticas); *natureza* (sol, animais, espaço ecológico e árvores, flores); área de recreação,

- integração (*relacionamento interpessoal, proximidade entre alunos e professores*),
- biblioteca,
- hospital,
- instituição,
- professor-qualificado (*bons professores, professor, disposto, interessado, bem remunerado, com formação profissional e evoluído*)

A importância dos elementos periféricos encontra-se, segundo Flament (1987), na garantia do funcionamento da representação. Para o autor

Os elementos periféricos indicam, às vezes de modo muito específico, o que é normal (e, por contraste, o que não é); e, portanto, o que é preciso fazer compreender ou memorizar. Esses esquemas normais permitem à representação funcionar economicamente, sem que seja necessário, a cada instante, analisar a situação em relação ao princípio organizador que é o núcleo central. (Flament, 1987, p. 177)

No último quadrante, inferior direito, estão registrados os materiais escolares, incluindo o livro, e também a quadra como ambiente típico da escola. Esses elementos são os menos representativos, pois além da baixa frequência suas posições são muito afastadas do núcleo central. A inferência com relação aos elementos é que eles entram na composição do desenho como elementos complementares. Surgem em forma de detalhes, fundo de cena. A baixa frequência justifica-se pela significativa variação: cadernos, lápis, pastas, borracha, apagador, giz, mochila, livro, lousa, carteira, bandeira nacional, entre outros materiais.

Retomamos, então, as análises qualitativas iniciais das palavras, utilizadas no desenvolvimento da pré-análise. Resgatamos as 72 categorias descritivas para o grupo de estudantes de Pedagogia e 51 para os de Medicina, e as associamos às palavras consideradas mais significativas, indicadas pelo Evoc. A triangulação de informações entre as análises qualitativas envolvendo os dados dos universitários de Pedagogia e Medicina e do Evoc geraram a elaboração de 11 categorias interpretativas.

1. *Personagens* – relação de atores relacionados ao universo escolar: sua identificação;
2. *Qualificação de personagens* – descrição referente à qualificação dos atores relacionados ao universo escolar;
3. *Infra-estrutura* – elementos que abrangem os aspectos físicos e os ambientes típicos da escola;
4. *Material escolar* – utensílios didáticos de uso do professor e do aluno;
5. *Elementos da natureza* – referem-se à relação de animais, vegetais e minerais;
6. *Universo médico* – compõem-se de elementos que gravitam no entorno da Medicina;
7. *Tendências valorativas* – abrangem elementos de positividade e negatividade que gravitam no entorno da escola;
8. *Universo pedagógico/curricular* – compõem-se de elementos que gravitam no entorno da educação;
9. *Escola/instituição* – refere-se a uma determinada instituição escolar;
10. *Escola ideal/futuro* – configura-se como uma expectativa, um desejo, uma meta;
11. *Palavras não categorizadas* – não incluídas nas categorias anteriores e que constituíram um agrupamento à parte.

A análise dos conteúdos das categorias interpretativas indica um ponto em comum entre os dois grupos de estudantes investigados: as categorias interpretativas que se apresentaram em primeiro lugar, de acordo com a frequência, foram *infra-estrutura* (Pedagogia 25% e Medicina 31%) e *personagens* (Pedagogia 22% e Medicina 4%). A partir disso, podemos dizer que os elementos que compuseram o conjunto semântico dessas duas categorias interpretativas têm grande probabilidade de se encontrar no núcleo central da representação social de escola, para os dois grupos de estudantes de Pedagogia e Medicina.

A exploração das palavras acrescentou à imagem da escola mais um personagem: o amigo. Para os estudantes de Medicina a palavra “amigo” (9) foi a que apareceu com maior frequência. A palavra “amigo” para os estudantes de Pedagogia foi inexpressiva, pois só foi mencionada uma vez. Para os futuros pedagogos, a palavra “professora” (8) apresentou maior frequência. O trabalho de análise que utilizou dados originais, operados sem ajustes semânticos, possibilitou a identificação de dois componentes da representação da escola para os grupos investigados. Os estudantes de Medicina salientaram a presença do “amigo/amizade” como um dos elementos possíveis para a representação social da escola e os estudantes de Pedagogia destacaram a “professora” como possível elemento central.

Outro ponto que aproximou os dois grupos diz respeito à escolha para a qualificação de personagens. Os estudantes de ambos os grupos descreveram qualificação para o professor. Os alunos de Pedagogia definiram, de forma mais específica, características a este personagem. Para esses estudantes o professor deve ser “evoluído, disposto, interessado, bem remunerado, ter boa formação profissional e vontade para dar aulas”. Os estudantes de Medicina foram menos descritivos; dizem apenas que ele precisa ser “bom”.

Neste sentido, o que ressaltou na representação manifestada, tanto para os estudantes de Pedagogia como para os de Medicina, foi o papel privilegiado que se atribuiu ao professor-qualificado na organização da escola. Isso pode indicar o quanto esse personagem se cristalizou no conhecimento do senso comum ante a responsabilidade da tarefa de formação dos alunos, afastando, com isso, o foco dos demais personagens da escola (diretor, coordenador pedagógico, assistentes, auxiliares, entre outros).

As análises indicaram também aspectos próprios encontrados no universo dos estudantes de Medicina. Além dos amigos, a representação da escola foi associada a um pequeno (5,1%) mas significativo universo médico, constituído pelas palavras “hospital”, “médico-paciente” e “saúde”. Ainda para esses estudantes, a categoria Escola/instituição é também destacada como própria para esse grupo. Alguns estudantes de Medicina (5%) desenharam identificando, em seus desenhos, a própria instituição em que estudam.

Para os estudantes de Pedagogia, a categoria interpretativa definida como “Tendências valorativas” se destacou (11%) quando comparada com a dos estudantes de Medicina (5,8%). Palavras e expressões, que indicaram a positividade do ambiente escolar, foram assim registradas: “afeto”, “amizade”, “alegria”, “as várias cores iniciais”, “o coração com as mãos” e “o sorriso no rosto do aluno”.

Cabe finalmente observar que os objetivos, nesse momento da pesquisa, foram organizar os elementos constitutivos da representação social da escola para os dois grupos de estudantes investigados e ampliar as análises das dimensões da representação da escola, já iniciadas na Fase 1 (exploração dos desenhos) e na Fase 2 (narrativas escritas).

A discussão dos dados foi pautada pela análise dimensional (Moscovici, 1978): *atitude*, ou julgamento de valor da escola, a *informação*, ou organização do conhecimento, e o *campo de representação*, focalizando-se a imagem, ou a figura, inerente ao conceito de escola. Tal análise permitiu salientar as observações predominantes, nos dois grupos de estudantes: Pedagogia e Medicina.

3.3.3. Discussão dos resultados

Os resultados coletados por meio do teste de associação livre de palavras, como instrumento de apreensão de significados do conhecimento, possibilitaram a nossa imersão em campos semânticos referentes a escola. As duas abordagens utilizadas – análise qualitativa e uso do programa Evoc – permitiram-nos identificar mais elementos da imagem da escola para os dois grupos de estudantes investigados. Verificamos que, apesar de existirem pontos em comum, os estudantes de Pedagogia diferenciam-se dos de Medicina, confirmando mais uma característica da representação que não foi a reprodução rigorosa das qualidades do objeto, mas uma remodelagem concebida como não separada da atividade simbólica do sujeito, ele mesmo solidário de uma inserção no meio social (Moscovici, 1978).

A análise das três dimensões da representação da escola – *a atitude, a informação e o campo* – focalizou a imagem inerente ao conceito de escola que nos permitiu destacar as semelhanças e diferenças predominantes nos dois grupos investigados.

A *atitude* positiva, expressa de modo geral e comum aos dois grupos, revelou-se predominantemente na associação entre “ambiente harmonioso” e o “relacionamento interpessoal amigável”.

Podemos indicar, ainda, que o julgamento de valor da escola está associado à “solidez de uma boa instituição”, reconhecida, principalmente pelos, estudantes de Medicina. Articularam-se a este julgamento traços de sua formação pessoal, “dedicação” e “determinação” de quem estuda “em busca de um ideal”. Notamos que no caso dos alunos, principalmente os de Pedagogia, a imagem de “bom professor” também foi configurada por traços de uma formação pessoal – “formação profissional”, “interessado”, “disposto”, “vontade de dar aula” – que é, em grande parte, resultado do talento pessoal.

Salientar questões que envolvam esses dois personagens, professor e aluno, é identificar aspectos diretamente ligados à representação social da escola para os dois grupos de estudantes investigados. Isso porque esses personagens foram associados ao núcleo central. Segundo Abric (1998), o núcleo central

é determinado, de um lado, pela natureza do objeto representado, de outro, pelo tipo de relações que o grupo mantém com este objeto e, enfim, pelo sistema de valores e normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo.” (Abric, 1998, p. 31)

Ainda, é no âmbito do núcleo central que as representações sociais concretizam, a partir da vinculação de idéias, de mensagens de homogeneização corporificadas, as quais são mediadas pela realização de ações concretas, as possibilidades de mudanças.

Assim, professores e alunos salientam-se com a percepção de um declarado conceito do que significa ser “bom”. Essa análise permitiu supor um processo de natureza ideológica, constitutiva na idéia do “esforço” individual e de qualidades pessoais que acompanham a cultura da escola. Os retrocessos dessa cultura foram denunciados, com maior veemência, nas décadas de 1980/90, por meio da literatura da pedagogia crítico/social propagada por autores como Libâneo (1985), Saviani (1991), Gadotti (1985, 1987), entre outros. Esta abordagem concebe a escola como um local de sistematização do saber e propõe condições em que professores e alunos possam colaborar para fazer progredir essas trocas. Essa discussão sobre a natureza ideológica, que permeia a cultura da escola, será novamente abordada nas nossas considerações finais, quando teremos condições de entremear outras informações constituintes da imagem da escola.

Do ponto de vista da *informação*, as análises indicaram que os conhecimentos específicos referentes à escola são poucos. Eles são traduzidos a partir das categorias interpretativas que descrevem objetos e ações típicas referentes ao universo escolar – “universo pedagógico curricular” e “*material escolar*” – que correspondem a porcentagens pouco significativas para os dois universos investigados (25% e 5% para os estudantes de Pedagogia e 31% e 4,4% para os estudantes de Medicina, respectivamente).

Os estudantes de Pedagogia descreveram a infra-estrutura e seus ambientes típicos, principalmente a sala de aula. Não definiram com precisão quais são os materiais escolares, mas identificam o livro e a lousa como tais. Os estudantes de Medicina destacaram a área de recreação, a biblioteca e a sala de aula como ambientes significativos da escola e o livro como material escolar típico.

A análise do *campo de representação* considerou a organização e a hierarquização das palavras para o entendimento do esquema figurativo da escola que estrutura a representação social. Tais procedimentos metodológicos favoreceram ainda a presença de elementos típicos ou relevantes para cada um dos dois diferentes grupos de estudantes investigados, Pedagogia e Medicina, embora alguns desses elementos típicos tenham sido registrados anteriormente por meio da análise dos desenhos e das narrativas escritas.

Os dados indicaram que os alunos de Pedagogia projetaram a imagem de uma escola constituída por elementos positivos. A presença da palavra “criança” indicou-nos que a grande maioria desses estudantes enalteceu características de uma escola que não é aquela em que estão hoje como alunos, visto que as palavras fizeram menção a aspectos de uma escola de educação infantil ou do ensino fundamental – “duas meninas de mãos dadas”, “brincadeira-jogo”, “cantinho da leitura”, “sala de prece”, “brincando no recreio”, entre outras”.

Os estudantes de Medicina indicaram aspectos de um tipo de escola mais próxima ao da universidade que freqüentam como alunos. Destacaram o “hospital”, a “saúde” e a “relação médico-paciente”. As referências à sua própria escola, em alguns casos, foram explícitas. A presença de amigos também foi um destaque para esses alunos, associada às palavras de “amizade” e “companheirismo”.

Os resultados obtidos nesta Fase 3 da análise dos dados, acrescidos aos demais nas fases anteriores, foram somados e discutidos ao final deste trabalho. Por enquanto passemos a explorar e analisar o próximo conjunto de dados, ou seja, as respostas às questões abertas do Questionário da Escola (Q1): 1) *Dê um título ao seu desenho;* 2) *Por que tudo isso é escola?;* 3) *Quais são os personagens de seu desenho?;* 4) *Quais são as lutas?;* 5) *Como enfrentá-las?;* 6) *Quais as conquistas?.*

3.4. FASE 4: Exploração e análise das questões abertas

A exploração dos dados, nesta Fase 4 da investigação, recorreu novamente ao método de análise de conteúdos, que orientou a organização e o tratamento das informações com base nas das contribuições de Bardin (1977). Para o exame das respostas utilizamos, como já descrito anteriormente, uma adaptação do método de análise de conteúdo, constituída de três momentos: pré-análise, descrição analítica e discussão dos resultados.

3.4.1. Pré-análise

Na **pré-análise** iniciamos os procedimentos pela leitura flutuante de todas as respostas abertas, sem fazer distinção entre os grupos de estudantes de Pedagogia e de Medicina. Optamos pela análise temática, que é um tipo de exploração de conteúdo. Tal proposta, segundo Bardin, consiste em:

observar os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação, e cuja presença (frequência e percentuais de aparição) poderá significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. (1977, p. 105)

Para cada uma das seis questões investigadas, foram construídas categorias e subcategorias integrando as estruturas semânticas ou lingüísticas às estruturas sociológicas ou psicológicas a que correspondiam os significados caracterizados pelo contexto organizacional.

A técnica consistiu em classificar, para cada uma das seis questões avaliativas, as diferentes respostas fornecidas pelos participantes da pesquisa. Para cada questão, foi elaborado um conjunto de categorias com critérios capazes de receber determinadas qualidades que fizeram “surgir um sentido capaz de introduzir uma certa ordem na confusão inicial.” (idem, *ibid.*, p. 37)

As questões avaliativas foram planejadas procurando responder aos propósitos que serão apresentados mais adiante no próximo item, 3.4.2, quando das apresentações das descrições analíticas específicas realizadas para cada uma delas.

A classificação das informações gerou a montagem de sete tabelas, assim organizadas:

Tabela	Questão avaliativa	Nº. de categorias e subcategorias
Tabela 1	Dê um título ao seu desenho	9 categorias
Tabela 2	Por que tudo isso é escola?	3 categorias e 13 subcategorias
Tabela 3	Quais os personagens do seu desenho?	24 categorias
Tabela 4	Quais a lutas?	7 categorias e 33 subcategorias
Tabela 5	Como enfrentá-las?	3 categorias e 10 subcategorias
Tabela 6	Quais as conquistas?	5 categorias e 26 subcategorias
Tabela 7	Quais a lutas? E Quais as conquistas? – Análise comparativas	7 categorias e 59 subcategorias

Posteriormente à construção dessas tabelas¹⁷ cada uma das categorias e subcategorias foi estudada e classificada por meio de uma escala, a qual atribuiu zero (0) para sua ausência e um (1) para sua presença. Esse tipo de análise levou em consideração a totalidade de cada uma das respostas, passando-as pelo crivo do arrolamento, segundo a frequência de presença ou ausência de elementos de sentido. Isso constituiu o início das análises para se alcançar as interpretações dos dados, levando em consideração uma das regras propostas Bardin, na qual, “codificações diferentes, devem chegar a resultados iguais.” (1977, p. 36)

¹⁷ No Anexo 3D – Exploração e análise das questões abertas – são encontradas as tabelas 3D1, 3D2, 3D3, 3D4, 3D5 e 3D6, denominadas – “Distribuição de Frequências por categorias e subcategorias” onde, foram organizadas informações referentes às questões contidas no Questionário da Escola (Q1): Títulos – Por que tudo isso é escola? Quais são os personagens de seu desenho? Quais são as lutas? Como enfrentá-las? Quais as conquistas? Também, no mesmo Anexo 3D é encontrada a tabela 3D7 denominada “Análises compartilhadas – lutas e conquistas”.

3.4.2. Descrição analítica

A descrição analítica das tabelas e, portanto, de cada uma das questões avaliativas, teve o propósito de identificar valores, finalidades, sistemas de normas, o conjunto de produções culturais e ideológicas que não haviam sido exploradas nas fases anteriores e que poderiam ser consideradas dimensões da imagem da escola. Assim, a seguir é apresentada a exploração de cada questão investigada.

Este tipo de tratamento das respostas abertas nos permitiram deduzir dados importantes sobre os diferentes temas, ou facetas, investigados, a partir de cada uma das questões avaliativas propostas, que nos possibilitaram ter uma idéia sobre em quais delas os universitários se sentiram mais à vontade para revelar as imagens da escola.

3.4.2.1. Títulos

Compreendendo o título de uma obra como um elo na cadeia da comunicação verbal (Braga, 2001), seu estudo foi proposto com dois objetivos: investigar a síntese do conteúdo do que foi desenhado e capturar elementos relacionados à temática.

O estudo realizado a partir dos títulos elaborados pelos estudantes levou em consideração nove categorias descritivas, assim finalizadas e exemplificadas:

1.^a) Identificação da “minha” escola – referência à própria escola:

Ex.: “Minha facu” (84161073)¹⁸; “Minha vida” (24220273).

2.^a) Escola idealizada, do futuro – que se ajusta exatamente a um modelo, a um ideal; perfeita:

¹⁸ A identificação dos sujeitos seguiu a orientação empregada no projeto “Imaginário e representação social de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira”: número do sujeito (01 a 20) – código da região (1 a 5) – código da dependência administrativa (1 ou 2) – código da instituição (1 a 28) – código do município (01 a 11) – código do estado (1 a 7) – código do curso (1 a 5).

Ex.: “A escola perfeita” (74161073); “A escola ideal” (34220274).

3.^a) Qualificativo – oferece algum tipo de qualificação para a escola:

Ex.: “Escola da comunidade” (1541211374); “A escola é um lugar de pessoas felizes!” (184220274).

4.^a) O ambiente escolar – referente a espaços e situações típicos da escola:

Ex.: “Relacionamento professor e aluno” (104220274); “As multífaces do ambiente escolar” (124220274).

5.^a) Questões de enfrentamento – abordagem de problemas que envolvem a escola:

Ex.: “O descaso” (24161073); “A preparação para a vida” (174220273).

6.^a) Tipos de escola – referente a uma escola específica:

Ex.: “Escola primária” (164220273); “A escola de medicina da Unicamp” (34220273).

7.^a) Conquista pessoal – títulos que declaram metas pessoais:

Ex.: “Meu grande sonho” (184161073); “Vitória” (44220274).

8.^a) Outros – elementos que não foi possível classificar dentro das categorias propostas:

Ex.: “Isso é apenas o começo” (124161073); “A infância na escola” (241211374).

9.^a) Em branco – ausência de resposta.

O Quadro 13, a seguir, apresenta o conjunto de categorias, a frequência e os percentuais de distribuição dos títulos coletados.

Categorias descritivas	Freq.	%
Identificação da “minha” escola	3	3,8
Escola idealizada, do futuro	9	11,5
Qualificativo	8	10,3
O ambiente escolar	14	17,9
Questões de enfrentamento	19	24,4
Tipos de escola	13	16,7
Conquista pessoal	4	5,1
Outros	3	3,8
Em branco	5	6,4
Total	78	100

Quadro 13 – Categorias dos títulos e distribuição percentual

Para descrever e interpretar as informações contidas no quadro anterior, levamos em consideração o estudo de três estruturas que envolvem as representações sociais: a cognição, os afetos e as ações. Tais estruturas, segundo Jovchelovitch (2000, 2002), são descritas como profundamente ligadas à própria noção de representações sociais:

O fenômeno das representações sociais, e a teoria que se ergue para explicá-lo, diz respeito à construção de saberes sociais e, nessa medida, ele envolve a cognição. O caráter simbólico e imaginativo desses saberes traz à tona a dimensão dos afetos, porque, quando sujeitos sociais empenham-se em entender e dar sentido ao mundo, eles também o fazem com emoção, com sentimento e com paixão. A construção da significação simbólica é, simultaneamente, um ato de conhecimento e um ato afetivo. Tanto a cognição como os afetos que estão presentes nas representações sociais encontram a sua base na realidade social. (2002, p. 20)

Tais categorias foram assim descritas por Jovchelovitch:

Cognição: porque representações sociais envolvem certo modo de conhecer o mundo. Elas são saberes sociais, isto é, formas de saber e fazer que circulam em uma sociedade, que fazem parte da cultura popular, erudita e científica, que se mesclam e penetram umas nas outras, e emergem como recursos dos quais uma comunidade dispõe para dar sentido à sua realidade e entender seu cotidiano.

Afeto: porque saber envolve o desejo de saber ou o desejo de não saber, envolve investimento e paixão, em relação ao objeto do saber e ao ato do saber.

Ação: porque a cognição e os afetos são atividades, que envolvem sujeitos, que falam, se relacionam, se engajam. Essas atividades são práticas sociais e elas envolvem fazeres de várias ordens. (2000, p. 177)

Para a *dimensão ação* os dados gerais destacam “enfrentamentos” como a categoria de maior frequência (24,4%), oferecendo um caráter dinâmico ao conjunto integral do trabalho (desenho e título). Dizemos dinâmico pois os títulos dessa categoria agregam conteúdos que sugerem movimentos à composição estática do desenho – “sai da frente que está chegando uma geração diferente”, “transformar sem se esquecer das raízes”, “Educação – desenvolvimento do ser”.

Esse caráter se confirmou quando enfatizamos a presença constante da palavra “vida” nos títulos dos desenhos. Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* esta palavra tem diferentes significados, entre os quais destacamos os mais referidos nos títulos dos desenhos. São eles:

- propriedade que caracteriza os organismos cuja existência evolui do nascimento até a morte; (...)
- período de um ser vivo compreendido entre o nascimento e a morte; existência. (2001, p. 2.858)

Esses significados oferecem sentidos de transformação, movimento, evolução. São exemplos: “A preparação para a vida”, “Por trás do muro ou vencendo na vida”, “Seqüência de escolas da vida” e “Escola da vida”. Observamos que os títulos dos desenhos dos estudantes se articulam com esses significados, antecipando o conteúdo dos desenhos, podendo, portanto, auxiliar o leitor que os lê no sentido literal a interpretar, de forma ampliada, o que foi desenhado.

A categoria “conquista pessoal” (5,1%) também foi considerada um componente da *dimensão ação*, pois é constituída pelo esforço pessoal para a entrada na universidade: “Até que enfim!”, “Meu grande sonho”, “Vitória”, “Unicamp: o sonho é real”.

Na *dimensão cognição* os dados mostram que os títulos que fazem referência ao “ambiente escolar” (17,9%) trazem informações sobre o espaço físico em que decorrem as ações da escola. As leituras desses títulos informam ao leitor a descrição do “Dia-a-dia” ou “O mundo da escola” ou, melhor ainda, “As multifaces do ambiente escolar”, particularizando alguns de seus detalhes: “A fila”, “A sala de aula”, “A hora do recreio” e “A relação professor-aluno”.

A *dimensão afetivo* foi percebida nos títulos de 21,8% dos estudantes – Escola idealizada (11,5%) e Qualificativos da escola (10,3%). São exemplos: “Escola felicidade”, “A escola é um lugar de pessoas felizes”, “A escola do futuro: em busca da perfeição”, “A escola perfeita” e “A escola ideal”.

3.4.2.2. *Por que tudo isso é escola?*

O propósito desta questão foi buscar outras dimensões para a imagem da escola, utilizando um conjunto de “opiniões” formuladas a seu próprio respeito. Deve-se compreender, contudo, que o fato de a representação social constituir um universo de opiniões formuladas não significa que ambos os fenômenos sejam iguais:

Como se sabe, a opinião é, por um lado, uma fórmula socialmente valorizada a que um indivíduo adere; e, por outro lado, uma tomada de posição sobre um problema controverso da sociedade. Quando convidamos indivíduos a responder perguntas (...) indicam-nos o que uma coletividade pensa da aplicação mencionada. Nada é dito do seu contexto, nem dos critérios de julgamento, nem dos conceitos que lhe são subjacentes (...) mais geralmente, a noção de opinião implica:

- uma reação dos indivíduos a um objeto que é dado de fora, acabado, independente do ator social, de sua intenção ou de suas propensões;
- um vínculo direto com o comportamento; o julgamento recai sobre o objeto ou o estímulo, e constitui, de algum modo, um anúncio, uma réplica interiorizada da ação a vir. (Moscovici, 1978, p. 46)

A aproximação entre esses dois fenômenos pode ser considerada uma vez que ambos compartilham dos mesmos elementos constitutivos, ou seja, quantidade de informações a respeito do objeto estudado. Ambos, ao nível simbólico, encontram-se recheados de imagens e trazem implícito um direcionamento para a ação. Todavia, a opinião, manifestada tanto para manter uma marca de identificação quanto como estratégia para ser aceita em um grupo, ou ainda para a solução imediata de uma questão conflituosa, revela seu caráter parcial e flutuante. Em oposição, a representação social possui um caráter mais amplo, orgânico e estruturado.

A exploração das respostas à questão “Por que tudo isso é escola?” proporcionou um complemento para nosso olhar sobre as múltiplas facetas que compõem a imagem da escola. Segundo Moscovici (1978), uma opinião pode indicar uma “preparação para a ação”. Portanto tem caráter preditivo, uma vez que, segundo o que o indivíduo diz, podemos deduzir a natureza de suas idéias a respeito do que lhe foi perguntado.

Buscando a compreensão do que disseram os estudantes investigados, a análise alicerçou-se em 3 categorias e 13 subcategorias, assim descritas e exemplificadas:

1. Categoria: Qualificação valorativa – consideração valorativa a respeito do que a escola é agora (presente) ou será (futuro)

Subcategorias:

1.1 - Escola idealizada, do futuro – que se ajusta exatamente a um modelo, a um ideal; perfeita:

Ex.: “Pois assim ela deveria ser. A escola deveria estimular também o esporte” (174161073), “É o que idealiza” (64220274);

1.2 - Escola do presente:

Ex.: “Porque essas são as características básicas do atual modelo de ensino: salas fechadas, professores à frente dos alunos” (174220273), “É o padrão de escola atual, salas, quadro, pátio...” (1541211374);

1.3 - Qualificação positiva – enaltece qualidades positivas:

Ex.: “Porque escola é vida, em que tudo que passamos e sentimos pode influenciar na relação indivíduo e escola, e estamos sempre aprendendo e ensinando” (741211374), “Porque a escola é um lugar de progresso, evolução de novo mundo cheio de novidades” (1641211374);

1.4 - Qualificação negativa – referência a algum tipo de enfrentamento:

Ex.: “O processo de exclusão, desrespeito às diferenças, competitividade e esquecimento (ou falta de consciência histórica) está, infelizmente, bastante presente na escola atual” (24220274), “Porque é o modelo de escola que temos, uma sala de aula, alunos, professor, lousa e carteiras (quando têm)” (154220274).

2. Categoria: Qualificação não-valorativa – qualquer descrição ou explicação de sua realidade objetiva

Subcategorias:

2.1 - Escola cidadã – busca de formação social ampliada:

Ex.: “São os lugares onde aprendemos a ser cidadãos” (194220273), “Pois é um microcosmo de uma sociedade, com suas obrigações, ordens etc.” (124161073);

2.2 - Integração – a partir das relações, da troca de vivências:

Ex.: “Pois é um local de troca de experiências mútuas entre mestres e aprendizes” (184161073), “Porque está presente no dia-a-dia da escola, da educação, do educador e do educando” (1141211374);

2.3 - Destaque para valores:

Ex.: “Porque é o lugar onde os valores da vida são ensinados” (94220274), “Porque para se construir a escola são necessários os elementos, que podem estar trazendo paz, gratidão e união” (541211374);

2.4 - Destaque para os aspectos físicos da escola:

Ex.: “Considero a escola como espaço físico e também as pessoas que a frequentam” (34220273), “Porque representa a estrutura física da escola, os estudantes e os relacionamentos pessoais, tudo o que constitui a escola” (164220273);

2.5 - Destaque para a aprendizagem, o crescimento, a formação:

Ex.: “Porque, na definição de escola, é o lugar em que íamos para aprender algo” (14161073), “Crescer como pessoa e como profissional” (154220273);

2.6 - Destaque para os conhecimentos, os saberes, as informações:

Ex.: “Porque é onde você vai aprender a lidar com a vida” (114161073), “Pois são os lugares onde aprendemos tudo o que sabemos e somos” (184220273).

3. Categoria: Outros – respostas que não foi possível classificar entre as categorias propostas

Subcategorias:

3.1 - Identificação da “minha” escola – referência à própria escola:

Ex.: “É o ambiente que estou vivendo aqui” (64161073), “Porque este imaginário apresenta simbolicamente seus elementos a partir de minhas visões e significações pessoais” (204220273);

3.2 - Desenho como indicação de informação – faz referencia ao desenho elaborado:

Ex.: “Pois a escola para ser completa precisa no mínimo desses componentes” (94161073), “Porque a escola é composta, basicamente, dos itens que desenhei, essas são as coisas que acho primárias” (144220274);

3.3 - Em branco – ausência de resposta.

O Quadro 14, a seguir, apresenta o conjunto de categorias, subcategorias, a frequência absoluta e os percentuais de distribuição das respostas coletadas:

Categorias	Subcategorias descritivas	Freq.	%
Qualificação valorativa 14%	Escola idealizada, do futuro	2	2,6
	Escola do presente	3	3,8
	Qualificação positiva	3	3,8
	Qualificação negativa	3	3,8
Qualificação não-valorativa (função) 55,3%	Escola cidadã	2	2,6
	Integração a partir das relações, da troca de vivências	7	9
	Destaque para valores	2	2,6
	Destaque para os aspectos físicos da escola	8	10,3
	Destaque para a aprendizagem, o crescimento, a formação	15	19,3
	Destaque para os conhecimentos, os saberes, as informações	9	11,5
Outros 30,7%	Desenhos como indicação de informação	10	12,8
	Identificação da “minha” escola	10	12,8
	Branco	4	5,1
Total		78	100

Quadro 14 – “Por que tudo isso é escola?” e distribuição por frequências e percentual

Os dados gerais indicam que uma significativa parcela dos alunos investigados (55,3%) associa a escola às suas funções social e educativa. Valorizam a escola como espaço de aprendizagem, formação e crescimento (19,3%), aquisição de conhecimento e informação (11,5%). Os universitários destacam também o espaço físico como função educativa (10,3%). A qualificação valorativa foi salientada por apenas 14% dos investigados.

3.4.2.3. Quais são os personagens do seu desenho?

A Teoria das Representações Sociais é basicamente uma teoria sobre construção social. Isso porque o conhecimento que as pessoas têm do seu universo é o resultado de processos discursivos e, portanto, socialmente construído dentro de determinado grupo (Wagner, 2000).

A partir desta concepção orientamos o estudo das imagens considerando que as relações cotidianas se estabelecem na intersubjetividade entre diferentes personagens, com seus respectivos papéis, construídos socialmente. Segundo Lautier, a construção de um personagem começa na infância:

Quando a criança compreende o emprego da significação dos gestos, das atitudes de seus próximos, ela começa a se socializar. Os gestos da mãe ou do irmão mais velho reconhecidos como símbolos significantes são associados para formar um “personagem” socialmente reconhecido. São papéis representados pelos próximos, os “outrem significativos” que permitem à criança organizar reações, interações esperadas (...). Como nos jogos regulamentados, a criança deve respeitar a organização da regra comum. Ela compreende que o outro não é mais um parceiro singular mas a organização das atitudes daqueles que estão engajados no mesmo processo social. (2001, p. 15)

Vale a pena ressaltar que, apesar de aceitarmos a maioria dos padrões impostos aos diferentes papéis de nosso mundo social, há de ser considerada a nossa capacidade de escolha. O reconhecimento deste paradoxo, entre a imposição de padrões e a liberdade de escolha, reafirma nossa percepção do ser humano como um elemento constituído de múltiplas dimensões. Um ser que vive imerso em grupos sociais e que orienta sua ação pelas expectativas de outros, tanto quanto um ser de liberdade que faz escolhas e pensa com autonomia.

Com relação aos os personagens descritos pelos universitários, os dados mostraram a presença de 24 personagens diferentes na escola. Destacamos os mais nomeados: aluno (27,7%); professor ou mestre (27%); amigo (8,2%). Com o mesmo percentual de 3,1% cada, outras categorias foram citadas entre os personagens: o diretor, eu, criança e a ausência de personagens.

Destacando os personagens mais nomeados investigamos as possíveis presenças combinadas desses personagens. Criamos, para tanto, cinco categorias:

1. *A presença de um único personagem* – Ex.: “Crianças” (14220273), “Meus amigos” (154161073);
2. *A presença de dois ou três personagens* – Ex.: “Alunos e professores” (1741211374), “Alunos, professores, funcionários” (204220274);

3. *A presença de quatro ou mais personagens* – Ex.: “Professores. Alunos. Pais, enfim a comunidade” (1941211374), “Os alunos, a professora, diretora, supervisora, merendeira, pais de alunos” (144220274);

4. *Outros* – elementos que não foi possível classificar entre as categorias propostas;

5. *Em branco* – ausência de resposta.

O Quadro 15, a seguir, apresenta o conjunto de categorias, a frequência em números absolutos e os percentuais da distribuição das respostas coletadas.

Categorias descritivas	Freq.	%
Um personagem	17	21,8
Dois ou três personagens	40	51,2
Quatro ou mais personagens	7	9
Outros	12	15,4
Em branco	2	2,6
Total	78	100

Quadro 15 – “Quais são os personagens? e distribuição percentual

O estudo de presenças ou ausências de personagens confirma a dimensão, encontrada na análise anterior dos desenhos, que revelou uma noção de escola associada a um espaço inter-elacional. Isso porque uma significativa porcentagem (60,2%) declara a presença de no mínimo dois personagens, com papéis diferentes, estabelecendo alguma forma de relação: papel de professor com o papel de aluno, papel de aluno com o papel de amigo etc.

O papel do professor ou o papel do aluno é uma tipificação do comportamento humano. Goffman (2002), em seus estudos sobre os processos interacionais, afirma que os personagens regulam suas atuações, representam, mostrando aos seus interlocutores controle, de ações, falas e gestos, durante o contato efetivado. O propósito é oferecer ao interlocutor uma imagem idealizada e estereotipada de seu personagem, por meio da adoção de atributos associados a valores institucionalizados e reconhecidos socialmente. Neste sentido, podemos afirmar que temos indícios do que as pessoas fazem quando sabemos que papéis estão representando.

O autor ainda resalta que há dois locais constituintes do processo desta representação: a “região de fachada” e a “região de fundo”. Apesar de separadas, juntas essas regiões formam um todo com funções diferenciadas. A primeira região, vivenciada pelo sujeito num processo relacional direto com o outro, é caracterizada como sendo o espaço de troca, e de construção de impressões, isto é, o local de exposições onde alguns aspectos e características adotados pelo papel escolhido são selecionados e outros, que porventura sejam incompatíveis ou que venham a comprometer a coerência desse papel, são suprimidos; é “onde uma dada encenação está ou pode estar em curso.” (Goffman, 2002, p. 126)

A segunda, “região de fundo” de uma representação, localiza-se “numa extremidade onde ela está sendo apresentada, ficando separada por uma divisão e passagens protegidas.” (Goffman, 2002, p. 107) Utilizando uma metáfora, poderíamos associar a “região de fundo” aos bastidores de uma encenação, onde são construídos os elementos que são apresentados na “fachada pessoal”. Essa região também pode ser entendida como um lugar onde se fabrica

laboriosamente a capacidade de uma representação expressar algo além de si mesma (...) onde as ilusões e impressões são abertamente construídas (...) e o ator pode descontrair-se, abandonar a fachada, abster-se de representar e sair do personagem. (Goffman, 2002, p.106-107)

Utilizando novamente um artifício metafórico, associamos os desenhos da escola, produzidos pelos universitários da pesquisa, a uma composição teatral. Teremos assim que a “região de fachada” foi associada ao cenário que representa o espaço físico da escola e aos personagens, mais característicos, que nela convivem – professor, aluno e amigos. Associadas à “região de fachada” também se encontram descrições das posturas intersubjetivas – professor na frente dos alunos, alunos sentados e professor em pé, alunos representados em tamanho menor que o dos professores, entre outras – e ações padronizadas – professor lecionando, crianças brincando, estudando, lendo, entre outras.

A “região de fundo”, ou os bastidores, foi aproximada das descrições dos papéis sociais que carregam consigo uma definição da situação, uma visão de mundo, uma série de valores, enfim uma identidade, implicando uma forma de ver cada personagem e, principalmente, um modo de perceber-se a si mesmo, considerando que todos os participantes da pesquisa são alunos e alguns deles são professores.

Podemos dizer que o objetivo desta fase do trabalho foi buscar imagens emanadas desses personagens típicos que compõem o cenário da escola: professor e aluno. A escola, para os universitários, foi representada de forma mais completa a partir dos elementos que compõem a “região de fachada”.

3.4.2.4 *Quais são as lutas e quais as conquistas?*

Nesta investigação, lutas e conquistas foram, em muitos casos, interpretadas de forma associada pelos universitários. Uma das hipóteses talvez seja o fato de muitos estudantes utilizarem o sentido figurado da palavra “conquista” – *obtenção de melhoramento, direitos políticos ou sociais* – associado ao significado, também figurado, da palavra “luta” – *esforço para superar, para vencer obstáculos ou dificuldades*. Assim, decidimos para esse momento de descrição analítica, explorar os dados de forma conjunta.

Após análise, as respostas às questões “Quais são as lutas?” e “Quais as conquistas?” foram classificadas segundo as seguintes categorias:

1. Obstáculos enfrentados:

Ex. de lutas: “A luta pelo conhecimento, cidadania, fraternidade” (184220273), “É superar os medos e buscar caminhos para enfrentá-los e vencê-los” (741211374);

Ex. de conquistas pessoais: “Diploma e principalmente o conhecimento para a vida” (114220273), “Conhecimento e satisfação pessoal” (124161073).

2. Conquistas – melhorias:

Ex. de lutas: “Melhora do campus e da estrutura da faculdade” (104161073), “Uso da tecnologia da informática. Visão humanística do cidadão e do espaço que ocupa. Espaço escolar saudável, fugindo dos padrões de ostentação” (54220274);

Ex. de conquistas: “Para obter uma estrutura melhor e um ensino melhor” (24161073), “Eu acho que a luta é poder dar uma aula com qualidade, num local agradável que pode contribuir para aprendizagem dos alunos” (154220274).

3. Reverter o quadro atual (escola pública):

Ex. de lutas: “Reverter o quadro atual, e proporcionar uma educação que seja conscientizadora e libertária, que respeite o ser humano” (24220274), “A luta é feita através da dissolução dos padrões tradicionais de sala de aula. É a possibilidade de aprender com a vida no tempo corrente sem determinação de espaço e tempo, não contabilizando o ensino como produção” (114220274);

Ex. de conquistas: “Direito à escola a todos, utilização do lúdico e da tecnologia para manter a escola viva e cheia de alegria” (741211374), “A conscientização da necessidade de mudança e o desejo de fazê-la” (14220274).

4. Resultados:

Ex. de lutas (obter, tornar-se, transformar-se, para ser, poderem ter, busca): “Adquirir o máximo de conhecimento para se ser um bom profissional” (74161073), “Formar-se um bom profissional” (134161073);

Ex. de conquistas: “Um futuro profissional e social” (134161073), “As conquistas são formação de pessoas mais sensíveis e críticas, aptas a lidar solidariamente com a sociedade que encontram ao sair da escola” (124220274).

5. Outros – elementos que não foi possível classificar entre as categorias propostas:

Ex.: “Não há luta. Há batalhas” (44161073), “Cumprir todas as tarefas com satisfação e prazer” (44220274).

O Quadro 16, a seguir, apresenta o conjunto de categorias e o percentual de freqüência da distribuição das respostas coletadas quanto a lutas e conquistas apontadas pelos universitários.

Categorias	Quais são as lutas? (%)	Quais as conquistas? (%)		
		Conquistas pessoais		
Avanços	25,7	23,1		50,10
		Conquistas e melhorias	27,0	
Obstáculos enfrentados	28,3	0,0		
Reverter o quadro atual	12,9	6,4		
Resultados/futuro	9,0	17,9		
Manutenção	5,1	0,0		
Em branco	2,6	3,8		
Outros	16,7	21,8		

Quadro 16 – Categorias associadas, ao mesmo tempo, às lutas e às conquistas

Como já explorado anteriormente nos títulos, as conquistas e as lutas também foram investigadas considerando-se as três dimensões (Jovchelovitch, 2000) inseparáveis que envolvem a estrutura de uma representação social: a ação, a cognição e o afeto. O objetivo da retomada dessas dimensões foi ampliar a compreensão das imagens, esboçadas inicialmente com os dados dos títulos, incorporando novos elementos advindos dos dados referentes às lutas e conquistas (vide anexo 3D7 – *Análise compartilhadas: lutas e conquistas*).

Associamos a **dimensão ação** às categorias “avanços”, “conquistas e melhorias” e “conquistas pessoais que juntas indicaram um panorama da escola do presente. Essa indicação, de certa forma, apontou os limites e as misérias traduzidas a partir das análises do que a ‘escola não é’ ‘ou não tem’. Os pesquisados declaram a falta de qualidade do ensino (12,8%) e reivindicam: uma melhor formação para todos (5,1%),

De forma geral, as respostas dos universitários explicitam atributos para uma definição mais precisa do significado para “qualidade de ensino”, associada à categoria descritiva “conquistas/melhorias”. Apesar dos baixos percentuais que aparecem nas respostas há uma grande variedade de definições referentes a expressão qualidade de ensino. Os universitários a percebem como sendo a melhoria da qualificação docente (1,3%), das condições para a realização da prática pedagógica com recursos materiais (6,4%), dos prédios escolares (2,6%), do currículo (1,3%), do aprendizado dos alunos (2,6%).

Em contrapartida, mesmo delineando contornos que cercam o que realmente é necessário para a qualificação do ensino e conseqüentemente a melhoria da escola, reconhecem a necessidade dessa instituição para a formação de seus alunos. A escola é capaz de contribuir para que se possa ter um avanço no sentido pessoal “pessoa com mais conhecimento”(1,3%), “pessoa melhor”(7,7%), “profissional melhor, médica melhor”(6,4%), “ajudar as pessoas”(3,8%).

O estudo da categoria “conquistas pessoais”, realizado também a partir do estudo do anexo 3D7, apontou aspectos que confirmaram a imagem de escola associada a um local de realização e conquistas pessoais: “fazer o que sempre sonhei” (2,6%); “entrar na universidade”(5,1%); “aprimorar-se na formação” (3,8%); “conseguir se formar” (1,3%).

Para a **dimensão ação** também foi associada a categoria “obstáculos enfrentados por ele, uma vez que a superação dos mesmos, foram também associadas à ações individuais: “superar nossos próprios defeitos”(1,3%), “estudar”(5,1%), “aprender”(11,5%), “acordar cedo”(1,3%), e “superar a saudade de casa”(1,3%).

Podemos inferir que os universitários projetam uma imagem escola como uma entidade capaz de prepará-los para competir no mercado, considerando o mérito e esforço individuais. As análises indicaram que há uma visão individual nos processos de conquistas onde cada indivíduo se torna o único responsável pelo seu destino, em decorrência das opções certas ou erradas que fizer. Essa lógica é possível de ser deduzida se considerarmos a ausência de elementos macros que ultrapassam seus muros situando-a numa rede de relações atrelada a um dado contexto sócio-cultural. A organização da sociedade não é questionada, mas tida como "natural" e histórica, uma vez que as lutas são relacionadas ao presente e as conquistas ao futuro. Não há referências ao passado.

O apontamento do que “falta” para a escola foi associado ao que o sujeito já viveu (passado) e o que ele projeta para mais adiante (futuro). Esse envolvimento simultâneo dos tempos presente, passado e futuro é inseparável dos estoques culturais, o que garante a significação do processo histórico e nele a condição de participação do sujeito.

Esse ponto de imbricação dos tempos presente, passado e futuro está relacionado à organização das representações sociais enquanto estruturas simbólicas.

Os campos simbólicos de cada um deles variam em complexidade e na forma como a experiência imediata é utilizada para construir a representação da escola.

Neste sentido, as representações sociais são inseparáveis da dinâmica do cotidiano, onde a mobilidade das interações do presente pode, potencialmente, desafiar tradições estabelecidas, abrindo novos sentidos para as tradições vindas do passado. (...). Esses dois aspectos, constância e mudança, são integrais na formação das representações sociais. A história passada e a história presente estão aqui em uma relação dialética, e juntas elas se mesclam para evocar uma história possível. A capacidade para evocar realidades alternativas, através da reflexividade e do diálogo, marca os trabalhos das representações sociais. (Jovchelovitch, 2000, p. 176)

A **dimensão cognitiva** foi associada à análise do conjunto que explora a ação de “Reverter o quadro atual da escola pública” uma vez que explica características do mundo contemporâneo. Essa categoria também foi explorada a partir das análises compartilhadas para lutas e para as conquistas (vide anexo 3D7) que apontaram como ponto em comum a necessidade de “socializar conhecimento” (6,4% e 5,1% lutas e conquistas respectivamente). Outros exemplos de lutas associadas à escola pública puderam ser assim registrados: “dissolução dos padrões tradicionais”(1,3%), “falta de recursos”(1,3%) e “escola para todos” (2,6%).

A imagem referente a escola pública parece indicar elementos negativos se considerarmos a socialização de conhecimento como uma luta, ou seja, algo a se buscar próximo a universalização da escola ou “escola para todos”. A imagem negativa da escola pública pode estar associada ao que Valle (1997) denomina de “crise imaginária” associada à crise da sociedade em seu poder de criação e na sua disposição para construir e desconstruir valores e práticas.

Nesse debate, o que está em jogo são concepções de escola pública e de cidadania. Na visão dos universitários, por causa da precarização da educação pública, a questão de qualidade em educação é, assim, tratada apenas como um problema técnico e desideologizado, ou seja, uma qualidade dos produtos educacionais e, não, uma qualidade dos processos educacionais.

Se aproximarmos a essa idéia - valorização técnica – às de individualismo, desigualdade e de competição levantadas anteriormente podemos inferir que estes universitários apresentam certa tendência a encaminharem suas resposta sobre a escola influenciados por uma tendência da ideologia neoliberal. Os alunos idealizaram lutas e conquistas para a escola e o fizeram tomando como referência as condições reais que vivenciam no cotidiano de suas faculdades. Assim a dimensão cognitiva como constituída de produtos concretos, e transmissíveis estão fortemente influenciados por essa tendência.

Diante desta afirmação acima, numa visão crítica da ideologia neoliberal concordamos com Gentili, ao definir a educação dentro desta perspectiva como "...a atividade de transmissão do *estoque* de conhecimentos e saberes que qualificam para a ação individual competitiva na esfera econômica, basicamente no mercado de trabalho." (Gentili, 1998, p. 104)

Finalmente, a **dimensão do afeto** buscou aqui também completar as informações sobre cargas afetivas associadas a imagem da escola pelos universitários. Nos dados referentes a lutas e conquistas reforçam a idéia de uma imagem de escola fragmentada distanciada de uma possibilidade de síntese pois a dimensão afetiva e suas questões correlatas, ficaram restritas à conduta individual.

3.4.2.5. Como enfrentá-las?

A análise das respostas a esta questão foi diretamente associada a outras respostas referentes às duas questões exploradas anteriormente: “Quais são as lutas?” e “Quais as conquistas?”. Como apresentado anteriormente, os universitários também constituíram uma aura de idealização para as respostas referentes ao enfrentamento das lutas. Uma aura que destaca o esforço pessoal (34,4%) para a solução dos problemas e uma percepção muito genérica, com poucos atributos (32,8%), para o encaminhamento dos mesmos.

Após análise, as respostas à questão “Como enfrentá-las?” foram classificadas segundo as seguintes categorias.

1. Categoria: Solução impessoal

Subcategorias:

1.1 - Proposta de associação:

Ex.: “A união de todos e a perseverança na busca” (1141211374), “União e determinação de todos” (164220274);

1.2 - Proposta palpável:

Ex.: “Colocando professores que tenham capacidade de motivar os alunos a estudarem e desenvolverem-se. E lutar por bons livros, boas pesquisas” (184220274), “É preciso investimento financeiro para o ambiente, capacitação dos funcionários da escola e quanto à família, é necessário conscientização” (144220274);

1.3 - Proposta vaga:

Ex.: “Para enfrentar tantas dificuldades, é preciso ter muito controle sobre a escola; é preciso ter muita sabedoria para lidar com as situações difíceis” (74220274), “Tendo atitudes inovadoras e enfrentando a hierarquia e falta de vontade dos administradores dessas entidades” (204220274).

2. Categoria: Solução pessoal

Subcategorias:

2.1 - Esforço pessoal:

Ex.: “Sendo forte, superando obstáculos e persistindo” (164220273), “Nessa batalha em relação a nós mesmos é necessário força de vontade, disciplina, estudo e muita humildade” (194220274);

2.2 - Chavão:

Ex.: “Fazendo cada um sua parte” (94161073), “Com união, respeito e interesse” (1541211374);

2.3 - Proposta palpável:

Ex.: “Inteligência, pensamento, organização e planejamento” (64220273), “Conscientização dos professores” (1741211374);

2.4 - Proposta vaga:

Ex.: “Com dedicação e aproveitando o tempo” (134161073), “Com amor, só o amor entra no coração delas” (94220274).

3. Categoria: Outros

Subcategorias:

3.1 - Em branco

3.2 - Não sei:

Ex.: “Não sei, ainda. Pretendo aprender a fazer diferença no que diz respeito às transformações necessárias tanto no nível material como humano para a escola ter qualidade” (64220274), “Não sei” (94220273);

3.3 - Outros:

Ex.: “Tornando-se uma lei” (174161073), “Escalando, observando e construindo as suas ante-salas” (204220273).

Diante dessas constatações a respeito da forma de enfrentamento das lutas da escola, os universitários tendem a revelar mais duas imagens significativas para a composição da representação social da escola: a primeira indicou o descompromisso e a fuga de responsabilização, por parte dos alunos, para o enfrentamento dos problemas e o encaminhamento das lutas. Isso porque ora atribuem o *status* de protagonista, aquele capaz de encaminhar as ações, a um personagem despersonalizado que tem “uma meta, uma força de vontade e coragem”, mas não tem identificação, um sujeito indeterminado para enfrentar as adversidades, como “os profissionais capacitados”, “o Estado”, “todos” e “a sociedade/comunidade”.

A segunda categorização sugeriu a escola como um espaço sem conflitos. Os discursos analisados das propostas para o confronto das lutas trouxeram propostas descompromissadas e pouco mobilizadoras de mudanças práticas – “Tendo atitudes inovadoras e defrontando-se com a hierarquia e falta de vontade dos administradores dessas entidades”, “com amor e sabedoria”, “por meio de novos métodos e formação contínua” que certamente revelam, por seu significativo grau de generalização, a dificuldade para o enfrentamento de contraposições e as contradições de idéias.

O Quadro 17, a seguir, apresenta o conjunto de categorias e a frequência, absoluta e porcentual, da distribuição das respostas coletadas.

Categorias descritivas		Freq.	%	
Solução genérica 42,2%	União com alguém	5	6,4	
	Propostas	mais concretas	18	23
		Vazias	10	12,8
Solução individual 50%	Esforço pessoal	27	34,6	
	Chavão	2	2,6	
	Propostas	Concretas	3	3,8
		Vazias	7	9
Outros 7,8%	Em branco	2	2,6	
	Não sei	2	2,6	
	Outros	2	2,6	
Totais		78	100	

Quadro 17 – “Como enfrentá-las?” e distribuição por porcentagem

3.4.3. Discussão dos resultados

É preciso considerar que, em um dado grupo social, a representação de um objeto corresponde a um conjunto de informações, de opiniões e de crenças relativas a esse objeto (Moliner, 1996). Esse conjunto de subsídios é fruto de experiências individuais e de trocas interindividuais. Esses elementos serão acionados cada vez que se falar, escrever ou desenhar sobre o objeto ou de se manter a seu respeito uma conduta precisa, porque eles constituem uma base de conhecimentos. Todavia, a elaboração dessa base de conhecimentos não resulta do trabalho de um especialista.

Isso porque, segundo Abric (1994), as representações sociais são da natureza das relações dos indivíduos ao seu contexto social, além de constituírem um elemento essencial na compreensão de determinados comportamentos e práticas sociais. Este duplo sistema de determinação entre representações sociais e práticas confere um grande potencial heurístico à Teoria das Representações Sociais. Segundo este autor, idem, a representação social “é constituída por um conjunto de informações, crenças, opiniões e atitudes relativamente ao respectivo objeto.” (1994, p. 18)

Quando interrogamos os universitários investigados sobre as lutas e conquistas referentes à escola, recolhemos os discursos que abordam os obstáculos enfrentados por eles, os problemas encarados cotidianamente pela escola pública, o levantamento das melhorias necessárias para o trabalho escolar ou os resultados particulares almejados por eles. Todos esses elementos resultaram, evidentemente, da experiência própria dos sujeitos interrogados.

A este respeito Moliner acrescenta ainda:

(...) interrogarmos-nos sobre a representação que um dado grupo elaborou a respeito de um determinado objeto, pressupõe que estejamos efetivamente em presença de um fenômeno representacional. Do meu ponto de vista uma resposta a esta questão só é possível se cinco condições estiverem reunidas. Estas condições, que são também as condições de emergência de uma representação social, determinam cinco questões prévias a qualquer investigação neste campo. Elas referem-se às noções de objeto, de grupo, de "elos" dentro do grupo, de dinâmica social e de ausência de ortodoxia. (1996, p. 33)

Nesta fase 4 da análise dos dados já podemos assegurar com alguma confiança que a imagem da escola tem importância para esse grupo de participantes. Isso porque ela consegue reagrupar socialmente diferentes e múltiplas visões, presentes muitas delas nos "elos" estabelecidos pelos diferentes grupos investigados: universitários de Pedagogia e Medicina. Para Moliner (1996) esses elos só podem ser compreendidos numa perspectiva de interação do grupo a estudar com outros grupos sociais, o que significa que o objeto de representação deve estar inserido numa *dinâmica social* que envolverá vários grupos, embora cada um deles mantenha a sua identidade social, o que também foi possível verificar nesses dois grupos de participantes em razão dos critérios utilizados para a respectiva constituição da investigação.

O estudo das questões abertas foi baseado num procedimento que permitiu integrar as análises produzidas a partir dos dados qualitativos – análises das seis questões abertas – 1) Dê um título ao seu desenho: 2) Por que você acha que tudo isso é escola? 3) Quais são os personagens de seu desenho? 4) Qual é a luta? 5) Como enfrentá-la? 6)Quais as conquistas? – com os dados quantitativos (análise das variáveis independentes,como sexo, curso, idade etc.). O objetivo foi investigar indícios para ampliar a compreensão da imagem da escola. O estudo¹⁹ encontrou mais duas imagens da escola para o grupo de universitários investigados: uma delas fortemente compartilhada pelos estudantes de Pedagogia e a outra, pelos estudantes de Medicina.

A primeira, descrita pelos futuros pedagogos, traça uma escola idealizada com seus materiais escolares e ambientes típicos. Identificam as lutas e conquistas qualificando a escola de forma mais positiva. O trabalho da escola está focado na aquisição de conhecimento, saber e informação. Os personagens são descritos em grupos de duas ou três pessoas, e a luta é indicada pelas melhorias. Essas lutas serão enfrentadas de maneira coletiva, e as conquistas, relegadas ao futuro, reverterão o atual quadro da escola pública.

A segunda, descrita pelos futuros médicos, expõe a escola do presente, ou a escola de que eles participam como alunos. Uma escola que precisa investir no desenvolvimento, no crescimento e na formação dos indivíduos, oferecendo condições materiais e físicas. O aluno é o personagem central que se destaca porque encara os obstáculos cotidianos, que variam desde a luta enfrentada para entrar na faculdade até como se manter nela, sempre com a meta de se tornar um sujeito mais qualificado. O enfrentamento da luta se dará por meio de investimentos individuais, o que implicará conquistas também pessoais.

¹⁹ No Anexo 3 D – Exploração e análise das questões abertas – encontram-se nas tabelas 3D8 (Títulos), 3D9 (Por que tudo isso é escola), 3D10 (Personagens da escola), 3D11 (Quais são as lutas?), 3D12 (Como enfrentá-las?) e 3D13 (Quais são as conquistas), estas tabelas foram geradas a partir do estudo sob o título “Análises comparativas –Pedagogia e Medicina”

Os dados analisados indicam-nos ainda que a referência pessoal da escola em que vivem como estudantes é mais fortemente manifesta pelos alunos de Medicina (70%) que pelos de Pedagogia (30%), do presente (66,7%) e por valorizarem a escola do futuro. Os alunos de Pedagogia destacam-se por expressarem qualificações da escola tanto positivas (100%) quanto negativas (66,7%), como também valores (100%). A aquisição de conhecimento e informação é fortemente destacada para esse grupo de estudantes (77,8%). Entre os estudantes de Medicina, apenas 22,2% destacam como significativa essa qualificação.

Finalmente, os dois grupos de estudantes equivalem-se quando resguardam em suas imagens da escola características de atributos de “fachada”, ou seja, desenham com mais facilidade aspectos visíveis que representam seus espaços, seus mobiliários e seus personagens. E expressam com mais dificuldade os atributos de “fundo”, ou seja, os aspectos emocionais da relação estabelecida entre os personagens, as lutas e as conquistas da escola.

3.5. FASE 5: Exploração e análise das entrevistas reflexivas

Neste momento da pesquisa, avançamos na análise investindo na validação e identificação de outros elementos centrais da imagem da escola. Para tanto, aplicamos um conjunto de *entrevistas reflexivas* que foram orientadas por um roteiro de perguntas constituído por quatro eixos. O primeiro, constituído por três questões, procurou aproximar pesquisado e pesquisador e iniciar a exploração do campo. O segundo desenvolveu-se por meio da narração, buscando respostas a oito itens centrais, que corresponderam aos interesses iniciais de validação dos dados já estudados nas fases anteriores. O terceiro eixo explorou duas questões que incentivaram a possibilidade de alteração do desenho. No quarto e último eixo, com o objetivo de ampliar nossos conhecimentos para a apreensão da imagem da escola, propuse-nos a explorar uma questão cujo conteúdo foi associado aos propósitos da pesquisa mais ampla²¹, que investigou a “escola brasileira”.

- Questões iniciais:

Pergunta 1: *Foi você quem fez este desenho?*

Pergunta 2: *Você se lembra dele?*

Pergunta 3: *Você lembra do que foi solicitado?*

- Questões centrais:

Pergunta 4: *Você pode descrevê-lo quanto ao espaço da escola?*

Pergunta 5: *E os seus personagens? Fale um pouco sobre eles.*

Pergunta 6: *O que você entende por lutas?*

Pergunta 7: *Você as representou no seu desenho? Por quê?*

Pergunta 8: *O que você entende por conquistas?*

Pergunta 9: *Você as representou no seu desenho? Por quê?*

Pergunta 10: *Qual elemento desenhado você destacou no seu trabalho?*

Pergunta 11: *E o título? Por que você deu esse título ao seu desenho?*

- Questões para o fechamento:

Pergunta 12: *Depois de olhar e explorar seu desenho, você faria alguma modificação nele?*

Pergunta 13: *Para deixá-lo mais completo você acrescentaria alguma coisa?*

- Questão para ampliação de conhecimento:

Pergunta 14: *Esta seria uma escola brasileira? Por quê?*

Para o desenvolvimento desta última fase, como procedemos nas anteriores, o tratamento das transcrições das entrevistas utilizou uma adaptação de método de análise de conteúdo e, dentro dessa perspectiva, as análises foram organizadas em três etapas: pré-análise, descrição analítica e discussão dos resultados.

²¹ Imaginário e representação social de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira. *Escola: as imagens que as representações sociais revelam – Análise dos dados – fase 5*

3.5.1. Pré-análise

No estudo das entrevistas foram analisados os dados coletados de dez universitários de Pedagogia (cinco da universidade particular e cinco da universidade pública). Os critérios de seleção dos entrevistados encontram-se expostos no capítulo 2, que descreve a metodologia empregada para o desenvolvimento da investigação.

Iniciamos nosso trabalho transcrevendo todos os diálogos, mantidos na íntegra, coletados nos encontros com os alunos. Em seguida, “cortamos” o texto em unidades de análise de base para posterior “reagrupamento” dessas em categorias. A categorização, segundo Bardin, “tem como primeiro objetivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos.” (1977, p. 119)

As análises dos conteúdos contidas nos textos das transcrições possibilitaram o levantamento de aspectos de interesse para esta fase do trabalho. Validamos algumas facetas detectadas nos estudos dos desenhos: tendência à “materialidade”, que pode ser traduzida quanto aos aspectos que caracterizam o *espaço escolar* (constituído de uma área interna, que tem a sala de aula como ambiente mais característico, e de uma área externa, com pátio, jardim e quadra de esportes). Validamos também a tendência à “forte relação” entre os *personagens* professor e aluno. A eles estão associados o interior do espaço escolar, os símbolos afetivos, as relações amorosas e os materiais didáticos. Exploramos como investimento para a aquisição de novas informações, além das já exploradas anteriormente: a escola brasileira e os enfrentamentos.

A *entrevista reflexiva* demonstrou ser um instrumento fértil para as pesquisas associadas ao uso do desenho. Por meio dela, foi possível revelar certo grau de abstração e de invenção dos elementos desenhados. O desenho, “para se revelar, obriga o olho – e o espírito – a uma série de vaivéns das partes para o todo, da experiência do espectador para aquela, infinitamente complexa e desenvolvida pelo autor.” (Francastel, 1993, p. 117) A seguir, são apresentados os desenhos realizados pelos universitários e a eles associados recortes de sua entrevista que sugerem uma significativa ampliação do entendimento das obras.



Figura 6 = Desenho = Entrevistado 1

“... todo professor deve lutar, pra ter estas conquistas, ou seja, que os professores... a educação não é só chegar lá e aprender o A-E-I-O-U. Acho que também tem que ensinar a ter respeito, a ter união com seu próximo.”
F. C. M. (541211374)

“Acho que é a relação entre as pessoas, os alunos e também a comunidade em geral. Eu acho que a escola tem que formar pessoas éticas, acima de tudo que saibam conviver com outras pessoas, respeitar o diferente, estar sempre aberto ao novo, eu acho que isso é o mais importante.” N. L. A. (174220274)



Figura 7 = Desenho = Entrevistado 2



Figura 8 = Desenho = Entrevistado 3

“Essa professora é que está fazendo o ensino simultâneo como eu disse. Assim, não seria uma professora que só fala.... fala... fala! Está parecendo aqui que é professora que só fala, mas não é. É uma professora que mostra, que tenta compreender a realidade dos alunos. Consegue ver a carinha da criança feliz. Ela não está ‘enchendo o saco’ da criança com a aula dela.” G. G. (104220274)

“Às vezes no nosso cotidiano atual as crianças estão cada vez mais nas escolas partilhando um tempo maior, e menos no ambiente doméstico, no ambiente familiar. Então a escola também seria assim uma maneira de proporcionar a elas essa condição de ter também uma rotina particular, própria num ambiente natural, a escola não precisaria estar formatada num ambiente só educacional, fechado, restrito, pelo contrário, ter uma ampliação dos valores dentro desse espaço, que muitas vezes hoje em dia tem sido muito deixado de lado por conta da saída das mulheres para o mercado de trabalho.” E. G. (054220274)



Figura 9 = Desenho = Entrevistado 4



Figura 10 = Desenho = Entrevistado 5

“As conquistas... bom as conquistas, eu quis salientar aqui o espaço da sala de artes e da biblioteca, porque... assim quando você pensa em escola você pensa aquela coisa, sala de aula, professora, lousa, aluno sentado nas carteiras, aquela coisa assim... e eu vejo que hoje as escolas estão muito mais abertas, têm uma visão muito mais aberta.” D. M. J. (034220274)

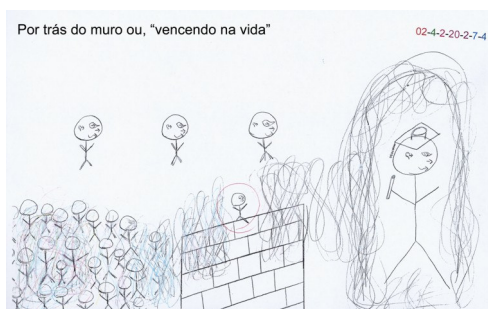


Figura 11 = Desenho = Entrevistado 6

“Então eu basicamente desenhei fatores externos, quer dizer esses espaços da escola, como espaço muito mais de competição, o espaço da escola em si não, mas o espaço mais amplo, eu não tenho conceito, não sei o que ela espera, mas o espaço da sociedade como espaço de competição pra SUCESO mesmo, no sentido profissional, financeiro, mercado e tudo mais, e cada vez mais a escola vem atendendo a esses conceitos, atender essas idéias e essas ideologias eu diria.”
C. F. O. C. (024220274)

“ (...) nós da universidade passamos por momentos de alegria e momentos de tristeza, mas todo mundo também está unido pra que, por um objetivo que é se formar, que por mais que tenham momentos difíceis, de tristeza, sofrimento, as provas, os trabalhos, fui mal nessa, fui bem nessa prova, mais assim todo mundo junto pra conseguir suportar tudo isso e ultrapassar os obstáculos.”

M. B. (1641211374)



Figura 12 = Desenho = Entrevistado 7

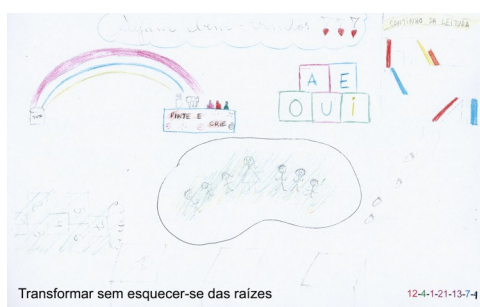


Figura 13 = Desenho = Entrevistado 8

“ (...) o desenvolvimento que a escola sofreu ao longo dos anos. Que assim não é mais aquela coisa tradicional de uma lousa, caderno, a professora falando, falando, falando, mas sim o aluno participando junto, é isso que eu demonstrei.” K. M. F. (1241211374)

“O pânico que é o medo que ... tanto medo que os professores passam pros alunos em sala de aula, pros alunos ficarem quietos e tanto o pânico pessoal, por exemplo, principalmente de alunos novos, estudantes novos que vêm de outra escola, e fica (sic) com aquele pânico, será que eu vou conseguir me socializar, como é que eu vou me sair bem.” G. B. R. (741211374)



Figura 14 = Desenho = Entrevistado 9



Figura 15 = Desenho = Entrevistado 10

“Eu fiz o prédio da escola com as portas fechadas, mas as janelas abertas, porque pra mim essa liberdade, esse brincar, esse desenvolvimento, a subjetividade e a identidade ainda não é uma coisa de livre acesso.” E. C. C. (441211374)

Para o aprofundamento do material, utilizamos novamente o programa *Alceste*²² como procedimento de análise de dados. Tal procedimento já havia sido utilizado na *Fase 2* da investigação, quando analisamos as narrativas escritas dos desenhos. Esse programa, por fazer uso do método de **C**lassificação **H**ierárquica **D**escendente (CHD), organizou as unidades de contexto elementar (UCE) – pequenos recortes das transcrições – em três classes. Os resultados obtidos, associados às categorias levantadas *a priori*, foram explorados, organizados e são apresentados a seguir.

3.5.2. Descrição analítica

Atendendo aos critérios do *Alceste* e analisando inicialmente a validade do material fornecido, pode-se afirmar que houve aproveitamento das (UCE), revelando um discurso homogêneo passível de análises e conclusões, pois esse aproveitamento das palavras foi estimado em cerca de 61,46% do *corpus*. Este, como dito inicialmente, foi composto de dez unidades de contexto inicial (entrevistas) e dividido em 244 segmentos (UCE), que continham 3.130 palavras diferentes. Desconsideramos as palavras com frequência igual ou inferior a **três**. É importante ressaltar que as UCE não correspondem ao número de pesquisados, isso porque elas são **fragmentos** da entrevista.

A análise geral de todo o *corpus* identificou, a partir da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), três blocos de sentidos organizadores dos significados, **ou seja**, as entrevistas foram divididas em **três** classes: **(1) Classe 1 – Escola: imagem dinâmica**, **(2) Classe 2 – Escola: imagem brasileira** e **(3) Classe 3 – Escola: imagem organizada**. A seguir é apresentada uma figura constituída com base em informações fornecidas pelo programa: na *Figura 16*, em forma de dendrograma, é possível verificar a ligação entre as classes e a representatividade de cada uma delas (%) dentro do *corpus* avaliado.

²² A documentação referente aos resultados gerados pelo programa encontra-se, no Anexo 3E.

Escola: as imagens que as representações sociais revelam – Análise dos dados – fase 5

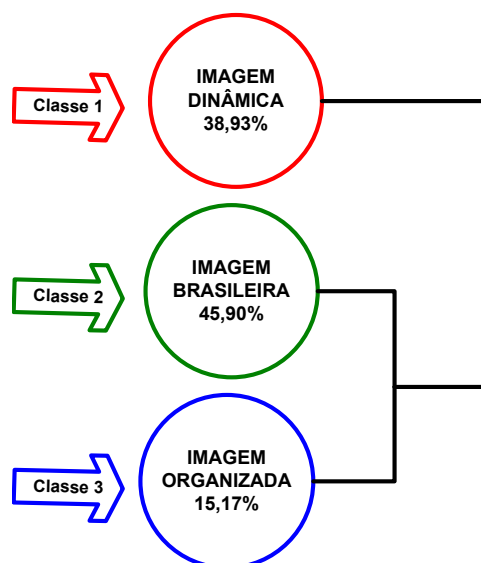


Figura 16 – Classificação Hierárquica Descendente (CHD) para as entrevistas

Observa-se na Figura 16 que a produção discursiva foi distribuída em blocos que se interligam, mostrando, com isso, uma aproximação entre o que se escreve sobre a escola. A **Classe 2 – Escola: imagem brasileira** encontra-se ligada à **Classe 3 – Escola: imagem organizada**. Este conjunto se liga à **Classe 1 – Escola: imagem dinâmica**, formando um novo conjunto.

Apesar de relacionadas, as três classes apresentam diferenças entre seus conteúdos, indicando com isso a presença de diferentes facetas da imagem da escola. A **Classe 2 – Escola: imagem brasileira** traz elementos novos para a composição dessa imagem. Estudá-los foi antes de tudo investigar aspectos significativos para o projeto “Imaginário e representação social de jovens universitários sobre o Brasil e a escola brasileira”, ao qual este trabalho se encontra vinculado.

As outras duas classes, ou blocos de sentidos – “**Escola: imagem dinâmica**” e “**Escola: imagem organizada**”, já foram exploradas como resultado da análise de dados das fases anteriores. As entrevistas constituíram uma importante escolha metodológica para o aprofundamento dos blocos de sentidos. O conjunto de perguntas que orientaram o roteiro semi-estruturado das entrevistas tinha como objetivo explorar outras perspectivas, ou pontos de vista, dos estudantes, além daqueles já coletados com o desenho e as narrativas escritas.

Em cada uma das três classes indicadas, a exploração foi organizada e apresentada a partir do vocabulário (por ordem de frequência de ocorrência) e a indicação da significação da sua ligação com a classe (*qui-quadrado*). Para a contextualização das UCE são apresentados recortes de trechos das entrevistas mais significativas de cada classe.

3.5.2.1. Classe 1 – Escola: imagem dinâmica

Esta primeira classe foi constituída por 95 UCE, representando 38,93% do total das UCE analisadas no conjunto da Classificação Hierárquica Descendente.

Pela sua frequência de ocorrência e pela sua ligação com os contextos mais significativos (Quadro 18), esse bloco de sentido se apresentou constituído por noções centrais amplas, como “vida”, “sociedade”, “movimento” e “transformação”. A palavra “muro” foi associada à superação de obstáculos.

Real		% na classe	chi ²	Identificação
Nº. abs. classe	Nº abs. total			
11	11	100	18,07	<u>muro</u> _(19), <u>muros</u> _(1)
12	13	92,31	16,45	<u>vida</u>
9	9	100	14,66	<u>sociedade</u> _(7), <u>sociedades</u> _(3)
16	21	76,19	13,41	<u>existe</u> _(18), <u>existem</u> _(5)
8	8	100	12,97	<u>comenta</u> _(2), <u>comentam</u> _(1), <u>comentar</u> _(1), <u>comentasse</u> _(2), <u>comente</u> _(2)
8	8	100	12,97	<u>título</u> _(20), <u>títulos</u> _(1)
21	31	67,74	12,40	<u>quer</u> _(16), <u>queria</u> _(2), <u>quero</u> _(6)
7	7	100	11,30	<u>transformação</u>
7	7	100	11,30	<u>valor</u> _(3), <u>valores</u> _(7)
9	11	81,82	8,91	<u>movimento</u>
5	5	100	8,01	<u>diria</u>
5	5	100	8,01	<u>escala</u> _(4), <u>escalada</u> _(1), <u>escalas</u> _(1)
5	5	100	8,01	<u>família</u> _(1), <u>familiar</u> _(5), <u>famílias</u> _(1)
5	5	100	8,01	<u>realidade</u> _(6), <u>realidades</u> _(1)
5	5	100	8,01	<u>realização</u> _(2), <u>realizada</u> _(1), <u>realizam</u> _(1), <u>realizando</u> _(1), <u>realizar</u> _(1)
5	5	100	8,01	<u>vir</u> _(1), <u>vira</u> _(3), <u>virou</u> _(1)

Quadro 18 – Palavras características da classe 1, por ordem de frequência

Nesta primeira classe, a importância das noções “muro” (superação de obstáculos), “movimento”, “mudança de vida” e “de sociedade” é identificada no destaque das palavras manifesto a partir de alguns recortes das entrevistas:

Olha filho veja isso: fulano venceu na vida! É uma escala social. É uma questão de valores de trabalho, de estudo e de tudo mais que está exatamente introjetado na sociedade. (UCE 16)

Isso quer dizer que a pessoa venceu na vida. Ai existe essa cultura mesmo quer dizer que a pessoa que foi lá, se esforçou, batalhou, estudou, virou noite trabalhando, estudando e tudo mais e hoje venceu na vida porque estudou. (UCE 15)

O que poderá ter de mudança aí? Então o meu desenho na verdade trouxe proposta de luta, de conquista e de mudanças pra uma idéia de uma escola ideal, mas ela se pauta na idéia que essa escola não existe, ela está por se realizar. (UCE 14)

Não sei deveria mudar. Às vezes o professor é muito preocupado com o aprendizado, mas, acho que eles deveriam... sei lá, ter aulas dinâmicas não só em relação ao aprendizado. Você pode ensinar muita coisa pra criança né! (UCE 13)

Estas palavras carregam um conjunto de diferentes significados. O que as aproxima é a valorização da escola, com ênfase nas possibilidades de transformação individual.

Na verdade é um espaço de luta individual, não é um espaço de luta coletivo, não é um espaço de luta transformadora, mas é um espaço de luta de formação pessoal. (UCE 5)

Tanto aqui dentro da universidade como fora em escolas também particulares cada uma tem a sua luta, cada uma tem o seu objetivo, tem aquela meta que você tem de alcançar. (UCE 6)

A escola surge como um espaço de possibilidades, onde o aluno é reconhecido como aquele que precisa ser “humanizado”, portanto receber uma “boa formação”, tanto “acadêmica como de personalidade”. O professor precisa ser “bem formado, bem informado” e “estar bem, pra poder estar passando alguma coisa”.

3.5.2.2. Classe 2 – Escola: imagem brasileira

Esta classe foi constituída por 112 UCE, representando 45,9% do total do conjunto da CHD e foi denominada “Escola: imagem brasileira”. Os conteúdos dessa segunda classe da análise hierárquica especificam alguns aspectos da faceta da imagem da escola brasileira projetada por esses estudantes de Pedagogia que participaram da entrevista.

Segundo mostra o Quadro 19, as dimensões dessa faceta estão associadas às palavras “aluno”, “brasileira”, “união”, “achar” e “faltar”.

Real		% na classe	chi ²	Identificação
Nº abs. classe	Nº abs. total			
80	107	74,77	63,94	acha_(18), acho_(103)
19	23	82,61	13,78	alunos
19	23	82,61	13,78	brasileira_(25), brasileiras_(3)
12	13	92,31	11,91	acrescentar_(6), acrescentaria_(8)
9	9	100	11,01	união
51	85	60	10,44	você
8	8	100	9,75	falta_(9), faltando_(1)
8	8	100	9,75	tempo
15	19	78,95	9,06	pergunta_(14), perguntava_(1), perguntou_(1)
9	10	90	8,17	sabe
6	6	100	7,25	atenção
6	6	100	7,25	dinâmica_(6), dinâmicas_(2), dinâmico_(4)
6	6	100	7,25	expressão_(4), expressar_(3)
6	6	100	7,25	respeitar_(1), respeito_(6)
5	5	100	6,02	aprendizado_(5), aprendizagem_(1)
5	5	100	6,02	deve_(4), devi_(2)
5	5	100	6,02	mudar
5	5	100	6,02	preconceito

Quadro 19 – Palavras características da classe 2, por ordem de frequência

Essa escola é uma escola brasileira? Nem sempre, nem sempre. Não sei acho que a escola não dá tanto apoio assim. Tinha que mudar muita coisa. (UCE 18)

Se ela seria uma escola brasileira? Eu gostaria que fosse, mas assim eu acho que ainda falta bastante, e no aspecto público eu acho que ainda falta muito pra chegar a isso. (UCE 11)

Acha (sic) que essa é uma escola brasileira. Sim, porque a grande maioria da escola brasileira é formada assim, de carteiras, lousa, professor, livro, às vezes não tendo muito esse ambiente natural, mas cadeira, mesa, professor, aluno e sala de aula sempre tem. (UCE 13)

As análises das palavras do Quadro 19 indicaram um alto grau de impressão ou opinião subjetiva quando os universitários pensam sobre a escola. Esse envolvimento foi indicado pela alta freqüência da utilização das palavras “acho” e “acha”. As suposições ou crenças foram interpretadas como elementos formados sem provas verificáveis e positivas. Parecem associar a escola brasileira com a escola pública. Não qualquer escola pública, mas aquela estruturada para a realização do ensino básico.

Revelando certa homogeneidade no conjunto dos entrevistados, encontramos a escola brasileira associada a indicativos de atitudes negativas, como “preconceito”, “desigualdade”, “falta de organização”, “carência de materiais”, falta de formação dos professores” entre outros.

Algumas, nem todas, algumas ainda tentam, quando os professores têm aquela força de vontade, conseguem. Têm algumas que não... Quer dizer, a maioria não, principalmente as públicas, acho que as particulares ainda têm uma condição de ter material, de ter as coisas, espaço mais organizado, as públicas não. (K. M. F.)

Eu conheço professores que trabalham em escola pública. Às vezes ficam cansados. É mais por ter falta de material, por às vezes não ter recurso ou mesmo não ter uma formação apropriada pra estar trabalhando com os alunos dessa maneira e tem a questão salarial também. (M. B.)

Então eu acho que cabe tudo, todos os objetos as peças que eu coloquei, cabem na escola brasileira, só que eu acho que não é tão aperfeiçoada quanto as escolas de fora de outros países, ou até mesmo se comparar com algumas escolas particulares dentro do Brasil mesmo. (G. B. R.)

Eu acho que a escola brasileira, ela escraviza... eu acho que ela não liberta. (E. G.)

Segundo Valle:

De um certo ponto de vista, esta crise que a escola enfrenta, atualmente, nada tem de novo: é ainda crise de sentido, ou crise dos sentidos que lhe podem ser atribuídos na sociedade e, como tal, um fenômeno acompanhou a história da instituição, definindo-a, exatamente, como lugar de uma incessante reconstrução imaginária. (1997, p. 18)

Tal constatação permitiu-nos analisar o caráter dinâmico da constituição da imagem da escola, ampliando seus contornos em razão das informações, muitas vezes imprecisas, que impedem a superação de dificuldades, pois não apontam a direção desejada para a superação da “crise” sugerida.

Com relação a uma possível “crise” da escola, Valle nos oferece um ponto de vista bastante interessante:

Analisando o teor das críticas, somos obrigados a admitir que, muito freqüentemente, dizer que a escola vai mal também foi uma maneira de anunciar que ela poderia estar melhor e como ela poderia estar melhor; (...). No que concerne, portanto, à escola pública e, sobretudo, em face do sentido muito especial que ela adquire para uma sociedade, a insatisfação nem sempre se constitui em vícios: pode significar, ao contrário, um importante sinal de vitalidade. (1997, p. 7)

3.5.2.3. Classe 3 – Escola: imagem organizada

Esta terceira classe foi constituída por 37 UCE, representando 15,16% do total das UCE analisadas no conjunto da Classificação Hierárquica Descendente.

Pela sua freqüência de ocorrência e ligação com os contextos mais significativos (Quadro 20), para esta classe a dimensão da imagem da escola se apresentou constituída por conteúdos referentes a aspectos físicos da escola, principalmente seus espaços (sala de aula e biblioteca) e seus materiais (lousa e livro). Alguns desses conteúdos já foram salientados na *Fase 1, quando do* estudo dos desenhos. Voltar a falar dos espaços, dos materiais, dos personagens talvez se justifique pelo planejamento da aplicação da *entrevista reflexiva* que foi iniciada com a exploração oral do desenho.

Mesmo com a repetição de alguns conteúdos, as entrevistas trouxeram aspectos relevantes que possibilitaram uma complementaridade para alguns deles. Foi o caso da sala de aula, que, apesar de ser considerada um espaço muito significativo da escola, recebeu uma crítica por ser um espaço demasiadamente estabelecido, onde acontece a relação ensino/aprendizagem. Mais um exemplo é a biblioteca. Apesar de ter sido muito considerada fisicamente nos desenhos, as entrevistas denunciam seu restrito acesso.

O espaço de comunicação possibilitado pelo encontro e diálogo entre pesquisador e pesquisado ofereceu a oportunidade de ampliação de sentidos da realidade. Isso porque na interação foi possível acrescentar informações e confirmar idéias e com isso esclarecer mais aquilo que já haviam desenhado.

Eu acho que coloquei pouco aluno, se essa escola é ideal, eu acho que ela tem que ter bastante aluno. (D.M. J.)

A única coisa que eu colocaria, ...um personagem... um personagem que seria o professor, o fundamental da escola que eu não pus na época. (G. G.)

Procuramos ao longo das entrevistas explorar as estruturas elementares em torno das quais se cristalizam os sistemas de representação. Tais sistemas só puderam ser estudados em representações sociais já constituídas (referentes), ou seja, aquelas que foram constituídas pela relação SUJEITO → REPRESENTAÇÃO → OBJETO.

A *entrevista reflexiva*, experiência entre pesquisado e pesquisador, foi provocadora de um processo que caracteriza a representação como forma de um saber já constituído sobre o objeto estudado. Não há representação de alguma coisa sobre a qual não existe referência.

A relação SUJEITO → REPRESENTAÇÃO → OBJETO é reconhecida por Jodelet como um fenômeno cognitivo:

O estudo do fenômeno cognitivo se faz a partir dos conteúdos representativos, tomados de diferentes suportes: linguagem, discurso, práticas, dispositivos materiais, sem prejudicar, no caso de alguns autores, a existência correspondente de eventos intra-individuais ou de hipóteses coletivas (espírito, consciência de grupo). (2001, p. 37)

Esse fenômeno é particularmente a objetivação, processo já explorado anteriormente no capítulo 1, que nesta fase recebeu novamente destaque. O efeito da comunicação estabelecida na experiência da *entrevista reflexiva* destaca o processo de objetivação, porque provocou nos entrevistados a necessidade de uma *construção seletiva*, de uma *esquematisação estruturante* e de uma *naturalização* dos conteúdos referentes à escola. Para a continuidade da objetivação, a ancoragem conferiu aos conteúdos trabalhados pelos entrevistados “um valor funcional para interpretação e a gestão do ambiente.” (Jodelet, 2001, p. 39)

(...) Então (...) é que está mostrando a sala de aula, que é o relacionamento entre professor e aluno e foi essa maneira que eu fiz, o professor está conversando com o aluno, dialogando com o aluno. Não só passando o conteúdo, assim só falando, falando. (UCE 17)

Sabe não tinha assim (...) uma professora pra ensinar a gente a fazer as coisas de atividades extracurriculares. (...) Os alunos não tinham nenhum acesso à biblioteca, assim era a biblioteca para os professores, só os alunos não tinham acesso à biblioteca. (UCE 18)

A seguir, são apresentados o Quadro 20, contendo o vocabulário (por ordem de frequência de ocorrência) desta classe, e a contextualização de algumas UCE, obtidas a partir de recortes significativos de trechos das entrevistas.

Real		% na classe	chi ²	Identificação
Nº. abs. classe	Nº abs. todo			
15	21	71,43	56,54	Sala
7	7	100	40,32	biblioteca (10)
15	27	55,56	38,50	aula (15)
6	6	100	34,41	brincadeira (2), brincadeiras (4)
5	5	100	28,56	disciplina (2), disciplinas (3)
5	6	83,33	22,22	Lousa
7	11	63,64	21,04	Visão
6	9	66,67	19,27	livre (4), livro (3)
3	3	100	16,99	fechadas (3)
3	3	100	16,99	Janelas
4	5	80	16,68	mostrando (3), mostrar (1), mostrei (1)
6	10	60	16,29	fundamentais (2), fundamental (6)
5	8	62,5	14,41	quis (5)
6	11	54,55	13,89	arte (1), artes (5)
8	18	44,44	12,95	ambiente (12)
4	6	66,67	12,68	Acesso
4	6	66,67	12,68	desenvolver (4)
5	9	55,56	11,85	aberta (1), abertas (3), aberto (2)
3	4	75	11,32	Fiz
3	4	75	11,32	portas (3)

Quadro 20 – Palavras características da classe 3, por ordem de frequência

Os dados do quadro 20 resgatam aspectos da infra-estrutura da escola, indicando uma valorização desses aspectos. Possivelmente essa valorização observada na entrevista reflexiva possa ser mais bem compreendida pelas características do próprio grupo de entrevistados: universitários do curso de Pedagogia e alguns já atuando como docentes.

Eu às vezes eu me sinto assim tão “pau de manobra” na sala de aula, dou aula pro pré e pra 4.^a série. Pra 4.^a série, então, eu vejo muito assim... (pausa). Não tem, não existe isso, existe só o formal mesmo só dentro da escola, as disciplinas, as matérias, os conteúdos, as crianças sentam, eu só enxergo a cabeça deles, daqui pra cima, o resto não existe. (E. C. C.)

Além da relação entre professor e aluno dentro da sala de aula, a disciplina, a teoria eu acho que é fundamental, mas então... eu considero fundamental, por exemplo, o acesso à biblioteca. (UCE 21)

É que nem, no caso, eu faço Pedagogia, então estou me formando professora. Eu coloquei que tudo fica ligado porque você vai tendo um desenvolvimento junto com aquelas pessoas com que você estuda e também pelo fato de estar se tornando educadora, você vai ajudar o outro a se desenvolver, a criança, a se desenvolver. (M. B.)

Na discussão dos resultados, procurou-se responder às questões sugeridas por Jodelet (2001) para a análise das representações sociais: “Quem sabe e de onde sabe?”, “O que e como se sabe?”.

3.5.3. Discussão dos resultados

O conjunto de tratamento de dados e análises realizadas dos dados da entrevista possibilitou níveis de validação e aprofundamento que favoreceram a identificação da imagem da escola, tanto pelo diálogo com o conjunto das análises já realizadas como também pelo conjunto de desvelamentos de algumas especificidades, como a noção de escola brasileira.

Dadas as características da *entrevista reflexiva*, a resposta à questão “Quem sabe e de onde sabe?” pode ser assim encaminhada: lidamos com a hipótese de que os elementos contidos nos desenhos fazem parte da representação social que os universitários têm da escola. Portanto, quando re-pensam, re-citam e re-apresentam as idéias e os sentidos a estes elementos, os pesquisados estariam expressando verbalmente elementos específicos do campo representacional, atribuindo-lhes crenças, valores e afetos.

Sobre isso afirma Guareschi:

É nossa percepção que a dimensão valorativa, ética, jamais pode ser separada das ações e, por isso, de uma maneira ou outra, ela está presente tanto no processo de construção das RS = representações sociais = como em sua estrutura. Perder a dimensão da não-neutralidade dos processos e representações é empobrecer e mistificar tanto a uns como outras. (1982, p. 45)

Com relação à validação dos dados, constatamos que esta ficou acima de nossa expectativa. Grande parte das análises realizadas na Fase 1 da pesquisa foi válida na Fase 5. Ampliamos somente alguns sentidos, como já anunciamos anteriormente. De maneira inversa, a oportunidade oferecida aos pesquisados para alteração em seus desenhos ficou abaixo das expectativas. Poucas foram as modificações elaboradas.

Para a compreensão destes resultados, constatamos a necessidade de explorar o estudo da centralidade, o que nos permitiu aprofundar a Teoria das Representações Sociais. De acordo com o estudo, há uma hipótese de que a representação social é composta de elementos cognitivos centrais, uma parte resistente da representação, aos quais estão ordenados esquemas estáveis, também denominados periféricos, uma parte mais flexível da representação (Abric, Flament e Guimelli). Nas entrevistas reflexivas os entrevistados confirmaram o destaque dos elementos constitutivos da escola: *alunos, professores e infra-estrutura (sala de aula)*. Esses elementos foram repetidamente levantados nas fases anteriores.

Há um destaque para a Fase 3, na qual exploramos a associação de palavras. Os resultados dessa fase apontam estas mesmas palavras como elementos significativos da representação social. A hipótese defendida é a de que, pelo estudo de suas freqüências e posição de escolha, estas palavras estão associadas a um subconjunto de elementos em torno do qual as representações sociais estão organizadas.

Tratamos aqui de reconhecer que estas palavras como elementos significativos dos conteúdos de pensamento dos universitários não podem ficar apenas sob um efeito descritível. Avançamos na exploração de suas dimensões semânticas e o exame de cada uma delas fez-nos identificar componentes que as motivam e as fundamentam.

Explorar as representações sociais a partir deste conjunto de informações foi possível, “pois elas são em todo lugar uma questão de compreensão das formas práticas de conhecimento e do conhecimento prático que cimentam nossas vidas sociais como existência comum.” (Moscovici, 2003, p. 217)

Associando “conhecimentos práticos”, experiências ou acontecimentos sustentados por indivíduos e partilhados, podemos dizer que as *entrevistas reflexivas* nos permitiram sistematizar as informações oferecidas pelos universitários. Listamos todas as respostas obtidas com base nos itens do instrumento e que se relacionaram aos três elementos mais marcantes: *aluno*, *professor* e *infra-estrutura*. Apresentamos, a seguir, no Quadro 21, alguns conteúdos mais freqüentes²³, relativos a cada elemento estudado.

Elementos significativos	Conteúdos (entrevistas)
Aluno	<ul style="list-style-type: none"> • Precisa de humanização, uma boa formação, tanto acadêmica como de personalidade • procura na escola, principalmente quando não tem em casa, atenção, amor e carinho dos professores e dos colegas
Professor: aquele que	<ul style="list-style-type: none"> • é o personagem fundamental da escola • precisa ser bem formado e bem informado • tem a responsabilidade de formar pessoas éticas, acima de tudo; que saibam conviver com outras pessoas, respeitar o diferente e estar sempre aberto ao novo • reproduz e aceita muita coisa pronta • deve dialogar com o aluno e não só passar conteúdo • luta constantemente para poder aprender e passar aquilo pro aluno
Relacionamento professor/aluno: tem de haver	<ul style="list-style-type: none"> • mais diálogo entre professor e aluno • união tanto dos professores como dos alunos • entendimento maior entre professor e aluno; um menor afastamento dessas duas figuras; um entrosamento maior e mais democrático
Infra-estrutura	<ul style="list-style-type: none"> • precisa ser mais aberta. Ter salas alternativas: de arte, de jogos e biblioteca • é formada assim de carteiras, lousa, mesa e livros • tem que ter um espaço aberto, livre e natural cercado por elementos da natureza: árvores, horta e borboletas
Escola brasileira	<ul style="list-style-type: none"> • nossa escola não prioriza o indivíduo, a gente ainda prioriza o conteúdo científico, o modelo • valorizam muito o conteúdo. Aquela história de transmissão mecanicista dos conteúdos, principalmente com o vestibular que tem • a gente de fora sempre vê a escola particular como se fosse melhor do que a pública, mas nem sempre é • acho que as (escolas) particulares ainda têm uma condição de ter material, de ter as coisas, espaço mais organizado, as públicas não

Quadro 21 = Conteúdos das entrevistas associados a elementos significativos ligados à escola

²³ Os conteúdos mais freqüentes relativos a cada item foram enunciados de formas diferentes nas entrevistas. Eles foram colocados numa forma padronizada para aproximar idéias comuns.

Os conteúdos apresentados com base nas análises das *entrevistas reflexivas* validaram as análises realizadas nas fases anteriores. Também acrescentaram alguns detalhes para os personagens e ampliaram uma das facetas da imagem da escola, a qual possibilitou a complementação do olhar com especificidade de informações sobre a escola brasileira.

Nossa segunda pergunta proposta para ser respondida na discussão de resultados – “O que e como se sabe?” – foi uma tarefa mais difícil de realizar. Isso porque os dados da entrevista foram insuficientes.

Investimos assim num somatório de esforços que associou a exploração e a análise das informações coletadas de forma diversificada – desenho, narrativas escritas e entrevista – com o movimento de reflexão sobre os significados encontrados. O resultado dessa associação possibilitou levantar dados importantes e organizá-los para a compreensão da complexidade dos processos que constituem ao mesmo tempo a composição e a formação da imagem da escola.

Conclusões e considerações finais

As conclusões desta pesquisa procuram atender aos objetivos que nortearam este trabalho, ou seja: explorar imagens e por elas compreender a representação social da escola de um grupo de universitários paulistas.

As representações sociais orientam e preservam a forma como universitários dos cursos de Pedagogia e Medicina conduzem os princípios normativos, as relações intersubjetivas e mesmo como reconhecem e elaboram os espaços da escola. Elas são os alicerces sobre os quais um grupo, num determinado tempo e espaço histórico, constrói sua vida. Essas representações são manifestadas por imagens pelas quais os homens constituem suas vivências, que perpassam caminhos de interesse diversificados gerando o grande acervo de produções humanas – filosóficas, científicas, literárias ou artísticas – das quais decorrem sentimentos que traduzem as necessidades e os anseios de um dado grupo.

Neste sentido a representação social da escola contém as imagens das diferentes visões dos universitários de Pedagogia e Medicina, mas também contém o que Moscovici (2003) chama de “imagens-conceito”:

Todos os nossos discursos, nossas crenças, nossas representações provêm de muitos outros discursos e muitas outras representações elaboradas antes de nós e derivadas delas. É uma questão de palavras, mas também de imagens mentais, crenças, ou “pré-concepções”. (p. 242)

Não é intenção deste trabalho pesquisar as origens das concepções no longo espaço de tempo. Propusemo-nos apenas a identificar as imagens que as compõem. Nosso esforço encontra-se em mostrar as imagens na sua aplicação regular da argumentação cotidiana, considerando que não existe um corte dado entre o universo exterior e o universo do indivíduo. Segundo Moscovici (1978) o sujeito e o objeto não são absolutamente heterogêneos em seu campo comum. A escola está inscrita num contexto ativo, dinâmico, pois é parcialmente concebida pelos participantes da pesquisa como prolongamento de seu comportamento e só existe para eles como função dos meios e dos métodos que lhes permitiram conhecê-la.

As imagens exploradas neste estudo deflagraram dois grupos – os futuros pedagogos e os médicos – que têm uma lógica e uma linguagem particular, um arcabouço que, assentado em valores e em conceitos, favorece a construção de discursos que lhes são próprios, ou seja, “um *corpus* de temas, de princípios, detentores de uma unidade e aplicável a determinadas zonas de existência e de atividade” (Moscovici, 1978, p. 50). Nesta pesquisa, em particular, a Pedagogia e a Medicina.

Segundo Moscovici (1978) estas peculiaridades não garantem a constituição de imagens. As imagens vão muito além do que é recebido nessas zonas. O conteúdo do *corpus* é submetido “a um trabalho de transformação, de evolução, para se converter num conhecimento que a maioria das pessoas utiliza em sua vida cotidiana” (idem, *ibid.*, p. 50).

Essa evolução, reconhecida como um processo, é a representação social que, impregnada de significações e de conceitos que se concretizam, estimula o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das idéias no interior das visões compartilhadas pelos grupos investigados. Assim as representações sociais são reconhecidas, portanto, como processo na medida em que apresentam dinamismo e regem, subsequente, as condutas desejáveis ou admitidas e as imagens como resultados, ou produtos, desse dinamismo.

Esse olhar revelador, considerando as imagens da representação social da escola, permitiu destacar três focos que se mostraram preponderantes, no nosso entendimento, como um espaço simbolizado, os quais procuramos sintetizar. Trata-se das ***imagens de escola para os estudantes de Pedagogia***, das ***imagens de escola para os estudantes de Medicina*** e da ***representação social da escola para um grupo de universitários paulistas***.

O estudo destes três focos recorre a uma multiplicidade de imagens para compreender as representações sociais que nos remetem a uma abordagem de natureza psicossocial (influência social). Segundo Jovchelovitch:

é necessário sair de uma concepção dualista das relações entre sujeito e objeto para um modelo básico, que é permanentemente mediado por um terceiro elemento constituinte e que multiplicado constitui a pluralidade da vida social. Esse modelo revela não apenas a produção mesma do sujeito e do simbólico, mas também o conjunto de implicações que definem as relações entre o ato simbólico, seu sujeito, e o mundo de objetos e outros que rodeiam este último. (2002a, p. 76)

Como uma decorrência da própria evolução do conhecimento, as noções de sujeito e objeto (e, portanto, de *subjetivo* e *objetivo*), real e imaginário são categorias relegadas à condição de configurações superadas do pensar, modos obsoletos de compreender o que se passa na intimidade das coisas e dos fenômenos. É preciso considerar o terceiro elemento proposto por Jovchelovitch, que não é o somatório de dois, mas, de forma dialética, a constituição de um novo, que transcende uma concessão metodológica reducionista, adequada apenas a finalidades estritamente pragmáticas visando a resultados empíricos.

Esta nossa proposição de olhar as conclusões do trabalho a partir de três focos, entretanto, não significa que cada um deles esteja confinado a um só universo configurado como um único universo privado. Não é assim. A nosso ver, cada foco é um pólo de desdobramento de universos, múltiplos, porém compatíveis e consistentes para as subjetividades que neles residem.

A moldura dimensional que contém os três focos estudados nesta pesquisa esboça uma treliça dimensional constituída pela geração dos fenômenos compartilhados pelas múltiplas subjetividades que participaram desta investigação. Para a compreensão de tal treliça poderíamos associá-la à constituição de processos de natureza holográfica e não fotográfica. Ao passo que na fotografia a cada ponto do objeto corresponde um ponto equivalente no filme, na holografia cada ponto do filme contém informações sobre todo o objeto. Se cortarmos um pedaço de um filme fotográfico teremos apenas um fragmento da imagem do objeto, mas se tirarmos um pedaço de um filme holográfico, ainda assim poderemos projetar com ele a imagem completa do objeto, apenas com nitidez menor do que se o filme estivesse inteiro.

À guisa de conclusões, considerando esses três focos e na possibilidade de significar ou de ultrapassar o real em seu sentido imediato, acreditamos que será possível tomá-los como referenciais a serem incorporados nas discussões em que a escola estiver em evidência.

Imagens de escola para os estudantes de Pedagogia

A constituição da imagem emerge de uma constituição simbólica, produzida por uma rede intersubjetiva, estruturada a partir de elementos de diferentes naturezas, como física, operacionais, midiáticas, psicológicas e sociais, em um processo histórico de uma dada realidade (Marcondes, 2004).

Assim, em síntese, as imagens dos alunos de Pedagogia, de forma geral, compreendem a escola como um ambiente cuja função é de educar, instruir e socializar. É um espaço fechado, protegido, harmonioso e acolhedor, cujos conflitos e lutas anunciados se encontram fora dos seus contornos. As imagens evocam uma infância ingênua e distante. O ambiente escolar é visto de forma muito positiva: imerso em uma natureza moral e permeado por afeto, os quais, associados ao talento individual do professor, fazem da escola um ambiente para formação das crianças (Educação Infantil ou do Ensino Fundamental). A escola é valorizada como um espaço que irá fazer crescer e formar os pequenos alunos, portanto é necessário o investimento na universalização do ensino. Para os estudantes de Pedagogia a imagem da escola não é a daquela na qual eles estão hoje, mas sim uma escola idealizada, sempre ligada a um passado melhor. A função central da escola é a aquisição de conhecimento, saber e informação. As lutas e as conquistas, sempre coletivas, envolvem a participação de todos, incluindo-se os pais e a comunidade que cerca a escola, e estão ligadas à melhoria do espaço físico da escola e das condições de ensino.

Imagens de escola para os estudantes de Medicina

As narrativas dos estudantes de Medicina mostram a própria Faculdade de Ciências Médicas, da qual são alunos, e seus elementos constitutivos: estetoscópio, leitos, pacientes.etc. A escola ganha importância, marca as histórias pessoais deles, alunos, e abre o futuro profissional. Por sua importância, a escola precisa ser universalizada. Para os estudantes de Medicina o valor da escola é dado pelas características daquela escola na qual estudam, a qual freqüentam. A amizade e o relacionamento interpessoal estão sempre presentes e ajudam a compor esse valor.

Uma oposição divide os estudantes de Medicina em dois grupos. Do primeiro fazem parte aqueles que acreditam ser a escola um acontecimento que, por sua importância, marca as histórias pessoais que determinarão o futuro profissional. Para o segundo, assim como para os estudantes de Pedagogia, a escola tem a função de educar, oferecer formação instrutiva e socializar. Ambos os grupos representam a escola como um resultado positivo da ponderação entre o esforço subjetivo (fazer um percurso educacional até chegar à faculdade, estudar até tarde, receber o diploma) e a realização de uma meta (formar-se, ser médico).

Há uma forte convicção quanto à escolha pela Medicina. A função da escola, de sua escola, parece indicar um investimento no crescimento e na formação dos indivíduos, ou seja, neles mesmos. O aluno é o personagem central, que, de forma solitária, enfrenta obstáculos cotidianos: entrar na faculdade, manter-se nela, tornar-se mais qualificado.

Representação social da escola para um grupo de universitários paulistas

Os resultados apresentados mostram que a representação social da escola converge para um conjunto de todas as imagens exploradas que demonstra coerência com a realidade social que o grupo investigado vive.

Utilizam em suas imagens elementos sofisticados e sedutores que revelam suas crenças, valores, expectativas e comportamentos. Encenam toda uma constelação de significados e crenças, ora consumidos, ora produzidos pela escola. Nessa constelação foram destacados conceitos historicamente oriundos de movimentos sociais organizados, de conotação bastante positiva no imaginário social. São exemplos: cidadania, participação, qualidade do ensino, que se articulam em forma de imagens, questionadas na compreensão superficial de suas significações.

Aspectos da cidadania aparecem pouco associados aos direitos políticos e sociais conquistados pelos indivíduos. Seu reconhecimento humano e social pertence ao direito de entrar na escola ou, mais precisamente, na faculdade e de permanecer nela. Os resultados declaram uma preocupação com o mundo econômico e poucas foram as manifestações que pudessem associar o universitário pesquisado a um sujeito político capaz de pôr em questão a lógica das relações sociais e o poder estabelecido. Assim, justifica-se a luta pela chegada à escola – “o vestibular, a lançadeira para a nossa vida profissional” – e pela permanência nela, pelo direito de ser uma “pessoa melhor”, ter um “futuro melhor”, visando a um campo profissional e a um diploma. Estes resultados apontam uma valorização no sentido da individualização do ser humano, que se opõe à coletividade, trazendo como consequência a procura do trabalho, diante da concorrência por salários e carreiras.

Como uma característica importante da cidadania, a participação quase não aparece em suas narrativas. Quando mencionada tem seu significado utilizado em situação pouco definida, como “troca de idéias”. A imagem de cidadão admite o pensamento competitivo com os próprios colegas no alcance da eficiência necessária para sua formação. A cidadania, como expressão de uma prática sociopolítica e coletiva, é substituída pelo engajamento funcionalmente produtivo de indivíduos que precisam “superar a si mesmos” com força de vontade própria, decididos a suprir a ausência de uma política pública em detrimento de uma imagem de autonomia pessoal ou da escola – “estudar na melhor escola do Brasil”.

A escola, como é vista por esses alunos, isola o sujeito. Podemos dizer que, na medida em que ação escolar valoriza o individual, os personagens dessa instituição se debruçam sobre suas tarefas, isolam-se em suas atividades cotidianas. Eles não mais notam a presença dos colaboradores que trabalham a seu lado, na mesma obra, e não concebem a idéia dessa obra comum. À medida que há a perda da visão de conjunto, há o desbotar das normas que refletem a solidariedade grupal. O enfraquecimento da interação impede o desenvolvimento de um sistema de regras comuns e de um consenso.

Outro conceito importante que merece destaque é o da “qualidade do ensino”. A distribuição da qualidade, discursiva e concreta, ocorre em consonância com os interesses que perpassam os muros da escola. A qualidade do ensino não foi associada à escola pública, referenciada pelos grupos investigados como escola do Ensino Infantil, Fundamental ou Médio. Esta inferência é possível de se verificar quando analisamos as referências sempre negativas associadas à escola pública: falta recursos, falta inclusão, falta atendimento etc.

Vivemos constantemente bombardeados pela mídia, que dissemina a idéia de qualidade associada à de privatização. Não é só a escola que se encontra no centro desta questão. Participam dela, por exemplo, os serviços de saúde pública. A privatização é apresentada à população, mediante campanha ostensiva, como a única possibilidade de excelência técnica e modernização nos serviços.

Com isso, a escola consolida-se na associação muito mais de uma habilidade técnica que de um “fenômeno social”, tornando-se assim mero sinônimo de instrução e formação profissional. Os objetivos da relação ensino/aprendizagem estão associados ao uso dos objetos e à aquisição de habilidades para sua vida profissional, orientados pelos interesses do mercado. A imagem de qualidade foi associada à gestação de inúmeros conceitos como: produtividade (determinação para a superação dos desafios), competitividade (entrar na faculdade), empregabilidade (ser um bom profissional), prazerosidade (amor e sabedoria), qualidade de vida (eu melhor) etc.

Estas palavras – cidadania, participação, qualidade do ensino – procuram explicar os bons e os maus resultados tanto da escola como dos sujeitos que nela convivem. A eficiência encontra-se no afastamento de uma dimensão política das discussões, uma motivação psicológica para a realização de tarefas (esforço pessoal) e uma consideração dos sujeitos como importantes agentes sociais e econômicos na sociedade (ter um diploma, conhecimento para a vida, uma profissão, estabilidade financeira).

A ausência declarada de compreensão da complexidade das relações sociais e da própria natureza do homem esconde uma opção, como diz Paulo Freire: “Toda neutralidade afirmada é uma opção escondida” (1979, p. 57). Toda organização de um grupo é refletida num conjunto de imagens e, acima de tudo, todos os processos educativos não só refletem essas imagens mas também têm por função preservá-las e ampliá-las. Logo, nenhuma imagem tem caráter revolucionário e transformador. Assim, no interior da representação da escola, nenhuma imagem tem força para transformá-la; a luta basicamente é reformadora. Uma imagem, portanto, não tem a ambição de modificar a representação social que a gerou, apenas realizá-la ou resgatá-la.

As características apontadas pelos resultados da pesquisa revelam que a representação social da escola para esse grupo de universitários está impregnada de conceitos que se opõem às perspectivas de formação universitária com objetivos de uma formação de sujeitos capazes de serem críticos, analíticos e de sistematizar e integrar conhecimentos da ciência e da cultura produzidas. As imagens da escola revelam modelos-padrão adotados e aceitos sem questionamento. Não há nada de novo. Apenas o conhecido. Apenas os elementos da “região de fachada”. Elementos que contam o que a escola é.

As imagens existem em comunhão no interior da representação e tendem a ser assumidas pelos grupos que são seus produtores, principalmente pelo que Rodrigues chama de “intérpretes autorizados” – “intelectuais (cientistas, filósofos, políticos, artistas) e, mais modernamente, planejadores, economistas, técnicos, assessores, engenheiros nas sociedades de racionalidade científica” (2003, p. 65) – personagens que oferecem a direção cultural e política para que outros membros do grupo a utilizem.

O reconhecimento social destes personagens resulta no domínio simbólico que eles exercem sobre os elementos que materializam as imagens. Nesta pesquisa os alunos não se consideraram “intérpretes autorizados”, ou seja, não se percebem como protagonistas capazes de decidir e intervir nos processos sociais e, em particular, na escola. Isso se justifica por meio das análises das respostas à questão de como os universitários pesquisados enfrentam as lutas da escola.

Foi possível concluir que as respostas, de caráter generalista e de fuga de responsabilização, oferecidas pelos pesquisados, para o encaminhamento das lutas que a escola enfrenta, estão associadas a uma formação, oferecida pela escola, que os identifica como meros receptores passivos daquilo a que assistem.

Essa formação passiva foi possível de ser observada também nos elementos organizados de forma hierarquizada que possivelmente oferecem significado à representação. Estudos referentes à Teoria das Representações Sociais permitem explorar a estrutura de uma representação e definir a posição ocupada por diferentes atributos, verificando assim aqueles considerados mais resistentes a mudanças, estáveis e coerentes, exercendo a permanência da representação.

Nesta pesquisa, provavelmente, esses elementos estão associados às imagens: do professor, do “aluno”, da “infra-estrutura”, da “sala de aula” e do “amigo”. Estes podem ser considerados imagens que garantem o poder de representação da escola, o que é chamado por Moliner (1996) de “poder simbólico”, funcionando como um modelo, de forma que, na inexistência de um desses elementos centrais, o objeto não é mais reconhecido.

É interessante notar que, no conjunto desses elementos, as imagens de “ensino”, de “pesquisa” e de “extensão” não aparecem como elementos de “poder simbólico”. Na representação social da escola para o grupo investigado, principalmente considerando-o constituído por universitários, não há destaque para esses elementos primordiais da universidade.

Neste sentido as faculdades investigadas se mostram intrigantes e, em algumas situações, decepcionantes quanto aos objetivos da educação universitária, ou seja, investimento em atividade de estudo, pesquisa e extensão, o que, na prática educativa, é o que torna valiosas as propostas na educação universitária.

Assim podemos inferir que, apesar de diferentes na “fachada”, as faculdades investigadas aproximam-se em semelhança quanto a suas “regiões de fundo”, segundo Goffman (2002), uma região onde as “ilusões” são abertamente construídas. O exame dessa região e de suas conotações simbólicas ultrapassa o âmbito do nosso estudo. Esta dimensão precisa de investimento e pesquisa, pois, numa época de carência de utopias como é a nossa, as ilusões são referenciais positivos e desafiantes.

Bibliografias

- ABRIC, Jean Claude. O estudo experimental das representações sociais. In: Jodelet D. (Org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- _____. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia & OLIVEIRA, Denize Cristina (Org.). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. São Paulo: AB, 1998.
- _____. A organização interna das representações sociais: sistema central e sistema periférico. Tradução de Angela Maria de Oliveira Almeida e colaboradores, do original: L'Organisation Interne des Représentations Sociales; Système Central e Système Périphérique. In: GUIMELLI, Ch. **Structures et Transformations des Représentations Sociales**. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1994
- _____. **Jeux, conflits et représentations sociales**. Thèse de Doctorat, Université de Provence, 1976.
- ADAMSON, Edward. A arte e a saúde mental. In: CREDY, Jean. **O contexto social da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- ALVES, Nilda & OLIVEIRA, Inês Barbosa. Imagens de escolas: espaços de diferenças no cotidiano. **Revista da Ciência da Educação: Educação e Sociedade, CEDES e PAPIRUS**, nº. 86, jan./abr. 2004.
- _____. **O espaço escolar e suas marcas: o espaço escolar como dimensão material do currículo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- ANCEL, Pascale. **Une représentation sociale du temps**. Étude pour une sociologie de l'art. Paris: Logiques Sociales, 1996.
- ANDRADE, M. A. A. Identidade como representação e a representação da identidade. In: MOREIRA, A. S. P. & OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representações sociais**. São Paulo: AB, 1998, pp. 141-149.
- APPLE, Michael. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ARAÚJO, Alberto Filipe & MAGALHÃES Justino (Orgs.). **História, educação e imaginário**. Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho., 1999.
- ARAÚJO, Alberto Fillipe & SILVA, Armando Malheiros. **A imagem das reformas educacionais–Brasil e Portugal: um ensaio mitanalítico**. Cuiabá: UNIC, 2000.
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção Visual: uma psicologia da visão criadora**. 1ª ed. São Paulo: Thomson/ Pioneira, 2002.
- ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas. Trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Caderno de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas**. Campinas, 2003, v. 117, p. 127 - 147.
- _____. Representações das mulheres no imaginário brasileiro: da colonização ao surgimento da nação. **Revista "Caderno CRH/ UFBA"**, nº 33, Dossiê: Nação e Identidade. Salvador, jul./dez., 2000.
- _____. **Representando a alteridade**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. Ecologia e desenvolvimento: representações de especialistas em formação. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. **Representações sociais: emergência e conflito na psicologia social**. Rio de Janeiro. Anuário do Laboratório de Subjetividade Política, 1992
- _____. O estudo das representações sociais: uma contribuição à psicologia social no Nordeste. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, jan./dez. 1983.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1993.
- BACZKO, B. **Imaginação Social**. In: ANTHROPOS/HOMEM. Enciclopédia Einaudi. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, vol. 5, 1985.

- BANCHS M. A. & LOZADA, M. Representaciones sociales en Venezuela: la apuesta al cambio. En: Guerrero, A.; Jodelet, D.; Arruda, A. **Representaciones sociales en América Latina. Develando la cultura**. UNAM, México. Facultad de Psicología, UNAM, pp.89-108, 2000.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edição 70, 1977.
- BARROSO, J. O estudo da autonomia da escola da autonomia decretada à autonomia construída. In: BARROSO, J. (Org.). **O estudo da escola**. Porto: Porto, 1996.
- BAUER Martin W. & GASKELL George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. **Um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BELJON, J.J. **Gramática del arte**. Madri: Celeste Ediciones, 1993.
- BERGER, John. **Modos de ver**. Lisboa: edições 70, 1982.
- BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de Sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BERLIN, Isaiah. **O sentido de realidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1993.
- BIANCO, Bela Feldman & LEITE, Míriam L. Moreira. **Desafios da imagem**. 2ª edição. Campinas : Papyrus, 2001.
- BIEDMA, Carlos J. & D' ALFONSO, Pedro G. **A linguagem do desenho**. São Paulo: Mestre Jou, 1973.
- BRAGA, Mirian Rodrigues. O título como gênero discursivo nos romances de José Saramago. **Revista Symposium**, Recife, pág. 27/ ano 5- nº1 - jan./ jun. 2001.
- BRASIL. MEC/INEP. **Relatório SAEB 1999 - Níveis de Desempenho de Língua Portuguesa e Matemática**. Brasília, dezembro 2000. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/saeb/>>.
- _____. **Relatório Nacional 2001 - Saeb**. Brasília outubro de 2002.
- CANÁRIO, R. Os estudos sobre a escola: problemas e perspectivas. In: BARROSO, J. (Org.). **O estudo da escola**. Porto: Porto, 1996, pp. 121-149.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade: validade, técnica de aplicação e normas de interpretação**. 34ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- CAMPOS, Pedro Humberto Faria & LOUREIRO, Marcos Corrêa da Silva. **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: UCG, 2003.
- CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. A metáfora da intertextualidade. In: BARBOSA, Ana Mae; FERRARA, Lucrécia & VERNASCHI, Elvira. **O ensino das artes nas universidades**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- _____. Imagem e intersubjetividade nos processos educativos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 7, nov. 1997.
- CAPRETTINI, G. P. **Imagem. Em Enciclopédia Einaudi: Signo**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994.
- CARVALHO, Maria do Rosário; PASSEGGI, Maria da Conceição & DOMINGOS, Moisés Sobrinho. **Representações sociais**. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2003.
- CARVALHO, Marília P. de. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999.
- CASSIRER, Ernst. **Filosofia de las formas simbólicas**. 2ª edição. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- CASTORIADIS, Cornelius, **Feito e a ser feito - As encruzilhadas do labirinto V**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- _____. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982.
- CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CÉSAR O. **A expressão artística dos alienados**. São Paulo: Oficinas Gráficas do H. Juqueri, 1929.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

- CHAVES, Iduína M. Pesquisa narrativa: uma forma de evocar imagens da vida de professores In: TEIXEIRA & PORTO (Org.). **Imagens da cultura: um outro olhar**. São Paulo: Plêiade, 1999.
- CHEVALIER, Jean & GUEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: José Olympio, 1999.
- DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem: Uma história do olhar no ocidente**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- _____. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- DOISE, W. **Représentations sociales et analyses de données**. Paris: Presses Universitaires de Grenoble, 1992.
- DONDIS, Donis A. **A síntese da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- DORNELES, B. V. Mecanismos seletivos da escola pública: um estudo etnográfico. In: SCOZ, B. J. et al. **Psicopedagogia: O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, p. 251-274.
- DUBORGEL, Bruno. **Imaginaire et pédagogie**. Paris: Privat, 1991.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- _____. **A fé do sapateiro**. Brasília: UnB, 1995.
- DUVEEN, Gerard. **Textos em representações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- EIZIRIK, Marisa F. (Re)Pensando a representação da escola: um olhar epistemológico. In: TEVES, Nilda & RANGEL, Mary (Orgs.). **Representação social e educação**. Campinas: Papyrus, 1999.
- ELEJABARRIETA, F. Las representaciones sociais. In: ELEJABARRIETA, F. **Psicologia social socio cognitiva**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1991
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FARR, Robert. Representação social a teoria e sua história. In: **Textos em representação social**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FELDMAN-BIANCO, Bela & LEITE, M. L. M. (Org.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papyrus, 1998.
- FÉTIZON, Beatriz. Conceito, imagem e representação. In: TEIXEIRA & PORTO (Org.). **Imagens da cultura: um outro olhar**. São Paulo: Plêiade, 1999.
- FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- FLAMENT C. Estrutura e dinâmica das representações sociais. In: Jodelet, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- _____. Pratiques et représentations sociales. In: BEAUVOIS, Jean Léon & JOULE, Robert Vicent & MONTEIL, Jean Marc. **Perspectives cognitives et conduites sociales**. Cousset: DelVal, Vol. 1, 1987.
- FRANSCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa**. 2ª ed. Paris: Perspectiva, 1993.
- _____. **A imagem, a visão e a imaginação**. Lisboa: edições 70, 1983.
- FRANÇOIS, Laplantine & LIANA Trindade. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979
- GADOTTI, Moacir. Concepção dialética da educação. Um estudo introdutório. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. **Pensamento pedagógico brasileiro**. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. **Educação e compromisso**. Campinas: Papyrus, 1985.

- GALDINO, Luci Lança. **Conselho de classe: espaço da avaliação e suas representações numa perspectiva de mudança**. Tese de doutorado defendida pela PUC/SP em 13/6/2002.
- GASKELL, George & BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- GASKELL, Ivan. História das imagens. In: Burke, P. (Org.). **A escrita da história. Novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- GAUTHIER, Guy. **Veinte lecciones sobre la imagen y el sentido**. Barcelona: Editorial Cátedra., Colección Signo e Imagen, 1986.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos, 1989.
- _____. **O saber local**. 5ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- GENTILI, Pablo. **A Falsificação do Consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998
- GERVEREAU, L. **Voir, comprendre, analyser les images**. Paris: Ed. La Découverte, 1994.
- GILLY, Michel. As representações sociais no campo da Educação. In JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- GIROUX, Henry. **Escola crítica e política cultural**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1988.
- _____. **Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. 10ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- GONZALEZ DE GOMEZ, Maria Nélide. **A representação do conhecimento e o conhecimento da representação algumas questões epistemológicas**. Brasília: IBICT, 1993.
- GONZÁLEZ OCHOA, César. **Imagen y sentido. Elementos para una semiótica de los mensajes visuales**. México: UNAM, 1986.
- GUARESHI, Pedrinho A. A. Representações sociais e ideologia. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: Ed. UFSC, série especial, 2000.
- _____. **Textos em representações sociais 2**. In: JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- _____. Representações e Ideologia. **Revista de Ciências Humanas (Temas de Nosso Século)**, v.1, n.1, jan/1982, p. 33-46, Florianópolis, EDUFSC, 1982.
- GUBERN, Román. **La mirada opulenta. Historia de la imagen desde sus comienzos hasta hoy**. Barcelona, Gustavo Gili, S. A. GG Mass Media, 1987.
- GUIMELLI, Christian. Transformação das representações sociais, novas práticas e esquemas cognitivos de base. Trad. José Delfino S. L. , com a colaboração de Maria do S. M. Lima e Marisa M. B. da Justa Neves, revisado por Ângela Maria de Oliveira Almeida. Do original: Guimelli, Ch. Transformation des représentations sociales, pratiques nouvelles et schèmes cognitifs de base. In: Ch. Guimelle. **Structures et transformations des représentations sociales**. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1994, p. 171-198.
- _____. **Locating the central core of social representations: towards a method**. European Journal of Social Psychology, in press, 1993.
- HAGEN, Rose-Marie & Rainer. **What great paintings say? Old master in detail**. Taschen: Colônia, 1993
- HAMMER, E. F. **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.
- HARRÉ, Rom. Gramática e léxicos, vetores das representações sociais .In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.
- HELLER, Agnes & FEHÉR, Ferenc. **El pêndulo de la modernidad**. Barcelona: Ediciones Península, 1994.
- HERZLICH, C. **La représentation sociale**. MOSCOVICI, S . Introduction à la psychologie sociale , 1. Paris: Larrousse, 1972

- HOUAISS, A. & VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss** da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- IBÁÑEZ, T. **Ideologias de la vida cotidiana. Psicología de las representaciones sociales.** Barcelona: Sendai, 1988.
- JARDIM, José Maria. Informação e representações sociais. **Revista Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 1, janeiro/abril. 1996.
- JODELET, Denise. **Réflexion sur le traitement de la notion de représentation sociale em psychologie sociale.** Paris: Communication information, 1984.
- _____. **Folie et représentations sociales.** Paris: PUF, 1989
- _____. (Org). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- JODELET Denise y Alfredo Guerrero Tapia. *Develando la cultura. Estudios en representaciones sociales.* UNAM, México, 2000.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Lisboa : edições 70, 2001.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Re(des)cobrando o outro - Para um entendimento da alteridade na Teoria das representações Sociais** in Representando a Alteridade, Arruda .Angela (Org) - Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª edição 2002a.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública.** A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- _____. **Re(des)cobrando o outro - Para um entendimento da alteridade na Teoria das Representações Sociais.** In: Arruda, Angela (Org.). **Representando a Alteridade**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª edição, 2002a.
- _____. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais.** 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002b.
- JOVCHELOVITCH, S. & BAUER M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- KOWALSKI, Ivonete Sanches Giacometti. **As possibilidades da representação social para apoiar programas educacionais de prevenção do câncer.** Tese de doutorado defendida pela PUCSP em 22/6/2001.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Inter-relação entre oralidade, desenho e escrita, o processo de construção do conhecimento.** São Paulo: Universitária, 1995.
- LANDIS, J. R. & KOCH, G. G. **The measurement of observer agreement for categorical data.** Biometrics, 1977.
- LAUTIER Nicole. **Psicosociologia da educação – um olhar sobre as situações do ensino.** Paris: Armand Colin/VUEF, 2001.
- LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1968/1991.
- LEFÈVRE F; Lefèvre, AMC; Teixeira JJV. **O discurso do sujeito coletivo.** Caxias do Sul: EducS, 2000.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1985.
- LOUREIRO, Altair M. Lahud. **Complexidade, imaginário, organização e educação.** Brasília: Textos Universitários, UnB, 1998. Localização na Biblioteca Nacional -BNB96/03 97043011423383005 922.478 DL ISBN 8530804244 (broch.)
- MADEIRA, M C. Representações sociais: pressupostos e implicações. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, 1991, nº 171, p. 129-144.
- MAFFESOLI Michel. **O elogio da razão sensível.** Trad. Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. 2ª edição. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- _____. **A contemplação do mundo.** Trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995
- _____. **A conquista do presente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

- MARCONDES, Anamérica Prado. **A avaliação institucional do Ensino Superior**. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004
- MASSIRONI, M. **Ver pelo desenho**. Lisboa: edições 70, 1983.
- MEDDA, Maria Conceição Gobbo. **Análise das representações sociais de professores e alunos sobre a avaliação na escola: um caminho construído coletivamente**. Tese de doutorado defendida pela PUCSP em 31/8/1995.
- MELLONI, R.M. Psicanálise, imagem e imaginário. In: TEIXEIRA & PORTO (Org.). **Imagens da cultura: um outro olhar**. São Paulo: Plêiade, 1999.
- MEREDIEU, F. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- MIELZINSKA, Y.A. **A construção e aplicação de questionários na pesquisa em ciências sociais**. Revista do Programa de Estudos Pós - Graduados em Psicologia da Educação, nº 9, pág. 51-75, 1998.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza **O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 2000.
- _____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. O conceito de representação dentro da sociologia crítica. In: GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em Representações Sociais**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- MIRCEA Eliade. **Imagens e símbolos – Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MOLINER, Pascal. **Images et représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de Grenoble, 1996.
- _____. **Validation expérimentale de l'hypothèse du noyau central des représentations sociales**. Bulletin de Psychologie, XLI, 1988, p. 759-762.
- MOREIRA, Antonia Silvio Paredes (Org.) . **Representações sociais**. Teoria e Prática. João Pessoa: Universitária, 2001.
- MOREIRA, Antonia Silva Paredes & OLIVEIRA, Denize Cristina. **Estudos Interdisciplinares de representação social**. 2ª edição. Goiânia: A/B, 1998.
- MORIN Edgar. **Ciência com consciência**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, Gustavo; CARVALHO, Edgar de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição (Org.). **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MOSCOVICI, Serge & DOISE, W. **Dissensões e consenso: uma teoria geral das decisões coletivas**. Lisboa: Horizonte, 1991.
- MOSCOVICI, Serge. **Psicologia social – Representações sociais - Investigações em psicologia social**. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- _____. **Psicologia social**. Buenos Aires: Paidós, 1998.
- _____. Prefácio. In: A.Guareschi Pedrinho & Jovchelovitch Sandra (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- _____. **La machine à faire des dieux: sociologie et psychologie**. Paris: Fayard, 1988.
- _____. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978
- _____. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: PUF, 1961.
- NASCIMENTO, Ivany Pinto. **As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial**. Relatório da pesquisa realizada na tese de doutorado em Psicologia da Educação da PUC - São Paulo, 2002.
- OLIVEIRA, D.C. de. **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: A-B, 1998.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Saberes, imaginários e representações na construção do saber-fazer educativo de professores da educação especial**. São Paulo, 2002.
- OSTROWER, Fayga. **A sensibilidade do intelecto**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

- _____. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **Universos de arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1983.
- PARSONS, Michael. **Compreender a arte**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- PATLAGEAN, Evelyne. **A história do imaginário**. In: GOFF, Jacques Le. *A história nova*. 4ª ed. 2ª tiragem São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PENIN, Sônia Terezinha. de Souza **Cotidiano e Escola: A obra em construção**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995, 165p. (Biblioteca da Educação, Série 1: Escola, V. 2)
- _____. **A aula: espaço de conhecimento, lugar de cultura**. Campinas: Papirus, 1994.
- PORTO, M.R.S. **Escola rural: imagens e representações**. Cuiabá: Universidade de Cuiabá (UNIC), 2001
- PORTO, Maria do Rosário Silveira; TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez; SANTOS, Marcos Ferreira & BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Tessituras do imaginário: cultura e educação**. Cuiabá: EdUNIC, 2000.
- PORTO, Maria do Rosário Silveira e SANCHES TEIXEIRA, M. C. **Imaginário, cultura e educação**. São Paulo: Plêiade, 1999..
- POSTIC, Marcel. **O Imaginário na relação pedagógica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- PRADO SOUSA, Clarilza. Estudo de representações sociais em educação. Revista do programa de estudos pós-graduado PUC-SP, v. 12, 2º sem. 2002
- _____. **Develando la cultura escolar**. In: JODELET, Denise & TAPIA, Alfredo Guerrero (Orgs.). **Develando la cultura: estudios em representaciones sociales**. México: Universidade Nacional autónoma e México. Editora Faculdade de Psicologia, 2000.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.
- RIOS Terezinha Azerêdo & LORIERI Marcos Antônio. **Filosofia na Escola. O prazer da reflexão**. São Paulo: Moderna, 2004.
- ROCHA PITTA Danielle Perin. **Imaginário, Cultura e Comunicação - Labirinto** **Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário** Ano IV nº 6 - Janeiro - Dezembro 2004.
- RODRIGUES, Neidson. **Glórias e misérias da razão. Deuses e sábios na trajetória do mundo**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ROUQUETTE, M. **Une Classe de Modèles pour L'Analyse des Relations entre Cognème**, Textes de Base en Sciences Sociales, Ch. Guimelli: TDB Delachaux et Niestlé, 1994.
- SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo das representações sociais**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: URJ, 1998ª.
- _____. **A representação social da economia brasileira, antes e depois do "Plano Real"**. In: MOREIRA, A.S.P & OLIVEIRA, D.C. (Orgs.). **estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: A-B, 1998b.
- _____. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998c.
- _____. **Sobre a circunscrição do conceito de representações sociais. Psicologia, Reflexão e crítica**, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 6, n, 1/2 , p. 107-113, 1993.
- SANCHEZ TEIXEIRA, Maria Cecília & PORTO, Maria do Rosário Silveira. **Imaginário, Cultura e Educação**. São Paulo: Plêiade, 1999.
- _____. **Imagens da Cultura: um outro olhar**. São Paulo: Plêiade, 1999.
- SANCHEZ TEIXEIRA, Maria Cecília. **Discurso pedagógico, mito e ideologia: O imaginário de Paulo Freire e de Anísio Teixeira**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000..
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SANTOS, Dulce Amarante dos; MATOS, Maria Izilda S; MATOS, Claudia Valladão de & FARIA Fernando. **O imaginário em debate**. 1ª ed. São Paulo: Olho d'água, 1998.
- SARTRE, Jean Paul. **O Imaginário**. São Paulo: Ática, 1996.

- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. São Paulo: Autores Associados e Cortez, 1991.
- SCHÜLZE, Célia Maria Nascimento. Representações Sociais da natureza e do meio ambiente. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: Ed. UFSC, série especial. 2000.
- _____. **Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representação social**. Coletânea da ANPEPP - Apoio CNPq - FINEP - FAPERJ - UFSC. v. 1, n. 10, set. 1996.
- SILVA, Armando. **Las imágenes: ¿nos hablan?** Revista Signo y Pensamiento nº 16. Pontificia Universidad Javeriana, v. 9, nº 16, 1970.
- SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SILVA, Lurdes Helena. Representações sociais e educação: refletindo sobre as possibilidades de um diálogo. **Revista Psicologia em Estudo**, Universidade Estadual de Maringá, v. 3, n. 1, p. 105-124, 1998.
- SNYDERS, Gorge **Escola, classe e luta de classe**. Lisboa: Moraes, 1977.
- _____. **Alegria na escola**. São Paulo: Editora Manole, 1988.
- _____. **Pedagogia progressista**. Coimbra: Almedina, 1974.
- SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. **O conhecimento no cotidiano. As representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- STAROBINSKI, Jean. **1789: Os emblemas da razão**. São Paulo: Cia das letras, 1988.
- SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. & PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002.
- TANUS, M.I.J. **Imaginário e educação**. Cuiabá: IE/UFMT, 1999.
- TAVARES M. **Avaliação do programa de aceleração da aprendizagem**. Relatórios de pesquisa. FCC. 1998,1999,2000,2001,2002.
- TEVES, Nilda (coord.). **Imaginário social e educação**. Rio de Janeiro: CRYPHUS/UFRJ, Faculdade de Educação, 1992. p. 220.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VALA, Jorge. "Sobre as Representações Sociais - Para uma Epistemologia do Senso Comum", **Cadernos de Ciências Sociais**, nº 4, 5-30 1986.
- _____. Representações Sociais - Para uma Psicologia Social do pensamento social. In: VALA, J. & MONTEIRO, M. B. **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- VALLE, Lilian do. **A escola imaginária**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- VILLAS BOAS, Lúcia P. S. **Jogo didático: um estudo de representações sociais**. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação: Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.,2003
- VILCHES, L. **La lectura de la imagen**. Buenos Aires: Paidós, 1991.
- WAGNER, Wolfgang. História, memória e senso comum: representações sociais e interdisciplinaridade. In: MOREIRA, Antonia S. P. (Org.). **Representações sociais: teoria e prática**. João Pessoa: Universitária, 2001.
- _____. Representações sociais: gênese, estrutura e relações. Sócio-Gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes & OLIVEIRA, Denize Cristina (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2ª ed. Goiânia: AB, 2000.
- _____. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho & JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- WUNEMBURGER, Jean-Jacques. **Philosophie des images**. Paris: PUF, 1997.
- _____. **Acercamientos a lo imaginario**. México: Fondo de Cultura Económica - Colección Popular, 1974.
- _____. **L'Imaginaire**. Paris: PUF, 2003.
- ZUNZUNEGUI, Santos. **Pensar la imagen**. Madri: Cátedra, 1989.

Capítulo II – Metodologia: os caminhos trilhados (ANEXOS)

2A - Questionário de perfil

2B - Questionário da escola

2C - Roteiro de entrevista

2D - Folha para a composição do desenho

2E - Dados de perfil

NOME DO(A) ALUNO(A):**1. Instituição em que você estuda**

Nome:
Município:
Estado:

2. Curso

(A). Medicina
(B). Engenharia
(C). Serviço Social
(D). Enfermagem
(E). Pedagogia

3. Período

(A). Manhã
(B). Vespertino
(C). Noturno
(D). Integral
(E). Outro. Qual? _____

4. Você está matriculado regularmente no

(A). 1º período
(B). 2º período
(C). 3º período
(D). Outro. Qual? _____

5. Você é do sexo

(A) masculino
(B) feminino

6. Qual é a sua idade?

(A) até 24 anos
(B) de 25 a 30 anos
(C) mais de 30 anos

7. Você se considera

(A) Branco
(B) Pardo
(C) Negro
(D) Amarelo
(E) Indígena

8. Onde seu pai nasceu?

Município:
Estado:

9. Onde sua mãe nasceu?

Município:
Estado:

ANEXO 2AQuestionário
de Perfil**10. Onde você nasceu?**

Município:
Estado:

11. Onde você mora?

Município:
Estado:

12. Há quanto tempo você mora, sem interrupção, nesse município?

(A). Há menos de um ano
(B). Entre 1 e 5 anos
(C). Entre 6 e 11 anos
(D). Entre 12 e 17 anos
(E). Mais de 18 anos

13. Você mora:

(A) com seus pais e/ou outros parentes
(B) com esposo (a) e/ou filhos(as)
(C) com amigos(as)
(D) em pensionato
(E) sozinho(a)

14. Qual a escolaridade do seu pai?

(A) Nunca freqüentou a escola
(B) Ensino Fundamental (1º grau) até a 4ª série
(C) Ensino Fundamental (1º grau) até a 8ª série
(D) Ensino Médio (2º grau) incompleto
(E) Ensino Médio (2º grau) completo
(F) Superior incompleto
(G) Superior completo
(H) Outra
(I) Não sei

15. Qual a escolaridade da sua mãe?

(A). Nunca freqüentou a escola
(B). Ensino Fundamental (1º grau) até a 4ª série
(C). Ensino Fundamental (1º grau) até a 8ª série
(D). Ensino Médio (2º grau) incompleto
(E). Ensino Médio (2º grau) completo
(F). Superior incompleto
(G). Superior completo
(H). Outra
(I). Não sei

NOME DO(A) ALUNO(A):

16. Você tem uma religião ou culto?

(A). Sim. Qual?
(B). Não.

17. Qual é o ganho mensal de sua família?

ATENÇÃO: some os ganhos de todos de sua família que trabalham e que estejam morando em sua casa. Inclua o seu ganho, caso você trabalhe.

(A) Até R\$ 960,00
(B) De R\$ 961,00 até R\$ 2.000,00
(C) De R\$ 2.001,00 até R\$ 3.000,00
(D) De R\$ 3.001,00 até R\$ 5.000,00
(E) Mais de R\$ 5.000,00
(F) Não sei

18. Você trabalha?

(A). Não, não trabalho.
(B). Trabalho, mas dependo do dinheiro de minha família.
(C). Trabalho e não dependo do dinheiro de minha família.
(D). Trabalho e sustento outras pessoas.

Obs.: Se você **não** trabalha, passe diretamente para a pergunta 22.

19. Há quanto tempo você trabalha?

(A). Há menos de 2 anos
(B). De 2 a 5 anos
(C). De 6 a 10 anos
(D). De 11 a 15 anos
(E). De 16 a 20 anos
(F). Há mais de 21 anos

20. Você trabalha em educação?

(A). Sim.
(B). Não.

21. Caso trabalhe em educação, indique em que nível(s)

(A). Educação Infantil (creche)
(B). Educação Infantil (pré-escola)
(C). Ensino Fundamental
(D). Ensino Médio
(E). Outro trabalho em educação. Qual?
(F). Não trabalho em educação

Onde você mora existe:

(Marque SIM ou NÃO em cada linha)

		Sim	Não
22	Água encanada?	(A)	(B)
23	Eletricidade?	(A)	(B)
24	Calçamento?	(A)	(B)

25. Em sua casa trabalha alguma empregada doméstica? Quantas?

(A). Nenhuma.
(B). Uma, todos os dias úteis.
(C). Duas ou mais todos os dias úteis.
(D). Diarista (faxineira) 1 ou 2 X por semana.

26. Quantas pessoas moram com você?

(A). Moro sozinho(a) ou com mais uma pessoa.
(B). Moro com mais 2 pessoas.
(C). Moro com mais 4 ou 5 pessoas.
(D). Moro com mais de 6 pessoas.

Quantos dos seguintes itens há no lugar onde você mora?

(Marque a quantidade correspondente a cada item ou zero (0) quando não houver nenhum.)

ITENS	QUANTOS					
27	Cozinha	0	1	2	3	4 ou +
28	Sala	0	1	2	3	4 ou +
29	Quarto	0	1	2	3	4 ou +
30	Banheiro	0	1	2	3	4 ou +
31	Televisão	0	1	2	3	4 ou +
32	Videocassete	0	1	2	3	4 ou +
33	Geladeira	0	1	2	3	4 ou +
34	Freezer	0	1	2	3	4 ou +
35	Lava roupa	0	1	2	3	4 ou +
36	Aspirador	0	1	2	3	4 ou +
37	Computador	0	1	2	3	4 ou +
38	Automóvel	0	1	2	3	4 ou +

NOME DO ALUNO: _____

Instituição que estuda _____ **Município** _____

ANEXO 2B

Questionário
da Escola

1 - Dê um título ao seu desenho

2 - Faça um texto sobre o que você desenhou.

3 - Circule, utilizando a **caneta vermelha**, um ÚNICO ELEMENTO que você considera como o MAIS IMPORTANTE.

Responda:

3.1 - O que você circudou? _____

3.2 - Por que ele é o mais importante?

4 – Escolha mais TRÊS NOVOS elementos que considerar relevante. Escreva-os por ordem de importância nas linhas abaixo.

1º _____

2º _____

3º _____

OBSERVE NOVAMENTE TODO SEU DESENHO E RESPONDA AS QUESTÕES SEGUINTE

5 - Por que você acha que tudo isso que desenhou é escola?

6 - Quais são os personagens de seu desenho?

7 - Quais são as lutas?

8 - Como enfrentá-las?

9 - Quais as conquistas?

ROTEIRO DE ENTREVISTA

ANEXO 2C

Elemento introdutório

Uma obra transcende o artista, e pode causar emoções e conclusões inimagináveis. Se o livre e criativo é um atributo do artista, o livre e criativo também é um atributo do observador. A liberdade que deve haver na opinião do observador será mais válida, se houver maior informação, sobre o trabalho em análise.

Portanto, o objetivo é conversar com você sobre seu desenho. Quanto mais informações você nos fornecer sobre seu desenho, mais completa ficarão às análises.

Mostrar o desenho ao participante.

Pergunta: Foi você quem fez esse desenho? Você se lembra dele? Você lembra do que foi solicitado?

Componha um desenho contendo o espaço da escola, seus personagens, as conquistas e as lutas de seu cotidiano.

Pergunta: Você pode descrevê-lo quanto ao espaço da escola?

Pergunta: E os seus personagens? Fale um pouco sobre eles.

Pergunta: O que você entende por lutas?

Pergunta: Você as representou no seu desenho? Por quê?

Pergunta: O que você entende por conquistas?

Pergunta: Você às representou no seu desenho? Por quê?

Pergunta: Qual elemento desenhado que você destacou no seu trabalho?

Pergunta: E o título? Por que você deu esse título ao seu desenho?

Pergunta: Depois de olhar e explorar seu desenho você faria alguma modificação nele?

Pergunta: Para deixá-lo mais completo você acrescentaria alguma coisa?

Para encerrar uma última pergunta:

Pergunta: Esta seria uma escola brasileira? Por quê?

ANEXO 2D
Folha para a
composição do desenho

Nome do aluno _____ Município _____ Estado _____

Instituição que estuda _____

Instrução: Componha um desenho contendo: o espaço da escola, seus personagens, as conquistas e as lutas de seu cotidiano.

DADOS DE PERFIL

ANEXO 2E

		Q3 - Período				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
Vespertino	Nº abs	20	0	0	0	20
	Nº rel	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	25,6%
Noturno	Nº abs	0	20	0	0	20
	Nº rel	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	25,6%
Integral	Nº abs	0	0	20	18	38
	Nº rel	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	48,7%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q4 - Você está matriculado regularmente no				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
Branco	Nº abs	1	2	3	0	6
	Nº rel	5,0%	10,0%	15,0%	0,0%	7,7%
1º período	Nº abs	18	17	3	18	56
	Nº rel	90,0%	85,0%	15,0%	100,0%	71,8%
2º período	Nº abs	1	0	13	0	14
	Nº rel	5,0%	0,0%	65,0%	0,0%	17,9%
3º período	Nº abs	0	1	0	0	1
	Nº rel	0,0%	5,0%	0,0%	0,0%	1,3%
Outro	Nº abs	0	0	1	0	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	1,3%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q5 - Você é do sexo				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
masculino	Nº abs	1	1	8	7	17
	Nº rel	5,0%	5,0%	40,0%	38,9%	21,8%
feminino	Nº abs	19	19	12	11	61
	Nº rel	95,0%	95,0%	60,0%	61,1%	78,2%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q6 - Qual é a sua idade?				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
até 24 anos	Nº abs	16	15	19	18	68
	Nº rel	80,0%	75,0%	95,0%	100,0%	87,2%
de 25 a 30 anos	Nº abs	2	3	1	0	6
	Nº rel	10,0%	15,0%	5,0%	0,0%	7,7%
mais de 30 anos	Nº abs	2	2	0	0	4
	Nº rel	10,0%	10,0%	0,0%	0,0%	5,1%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q7 - Você se considera				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
Branco	Nº abs	16	17	16	17	66
	Nº rel	80,0%	85,0%	80,0%	94,4%	84,6%
Pardo	Nº abs	2	3	2	1	8
	Nº rel	10,0%	15,0%	10,0%	5,6%	10,3%
Amarelo	Nº abs	2	0	2	0	4
	Nº rel	10,0%	0,0%	10,0%	0,0%	5,1%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q12 - Há quanto tempo você mora, sem interrupção, nesse município?				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
Há menos de um ano	Nº abs	6	0	8	10	24
	Nº rel	30,0%	0,0%	40,0%	55,6%	30,8%
Entre 1 e 5 anos	Nº abs	1	3	3	1	8
	Nº rel	5,0%	15,0%	15,0%	5,6%	10,3%
Entre 6 e 11 anos	Nº abs	1	0	0	0	1
	Nº rel	5,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,3%
Entre 12 e 17 anos	Nº abs	4	1	3	1	9
	Nº rel	20,0%	5,0%	15,0%	5,6%	11,5%
Mais de 18 anos	Nº abs	8	16	6	6	36
	Nº rel	40,0%	80,0%	30,0%	33,3%	46,2%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q13 - Você mora				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
com seus pais e/ou outros parentes	Nº abs	11	16	13	9	49
	Nº rel	55,0%	80,0%	65,0%	50,0%	62,8%
com esposo (a) e/ou filhos(as)	Nº abs	4	4	0	0	8
	Nº rel	20,0%	20,0%	0,0%	0,0%	10,3%
com amigos(as)	Nº abs	3	0	3	7	13
	Nº rel	15,0%	0,0%	15,0%	38,9%	16,7%
em pensionato	Nº abs	2	0	2	1	5
	Nº rel	10,0%	0,0%	10,0%	5,6%	6,4%
sozinho(a)	Nº abs	0	0	2	1	3
	Nº rel	0,0%	0,0%	10,0%	5,6%	3,8%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q14 - Qual a escolaridade do seu pai?				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
Ensino Fundamental (1º grau) até a 4ª série	Nº abs	2	7	0	0	9
	Nº rel	10,0%	35,0%	0,0%	0,0%	11,5%
Ensino Fundamental (1º grau) até a 8ª série	Nº abs	1	2	0	0	3
	Nº rel	5,0%	10,0%	0,0%	0,0%	3,8%
Ensino Médio (2º grau) incompleto	Nº abs	3	1	0	0	4
	Nº rel	15,0%	5,0%	0,0%	0,0%	5,1%
Ensino Médio (2º grau) completo	Nº abs	5	4	2	3	14
	Nº rel	25,0%	20,0%	10,0%	16,7%	17,9%
Superior incompleto	Nº abs	1	1	1	0	3
	Nº rel	5,0%	5,0%	5,0%	0,0%	3,8%
Superior completo	Nº abs	8	5	15	15	43
	Nº rel	40,0%	25,0%	75,0%	83,3%	55,1%
Outra	Nº abs	0	0	2	0	2
	Nº rel	0,0%	0,0%	10,0%	0,0%	2,6%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q15 - Qual a escolaridade da sua mãe?				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
Ensino Fundamental (1º grau) até a 4ª série	Nº abs	2	6	0	0	8
	Nº rel	10,0%	30,0%	0,0%	0,0%	10,3%
Ensino Fundamental (1º grau) até a 8ª série	Nº abs	4	2	0	0	6
	Nº rel	20,0%	10,0%	0,0%	0,0%	7,7%
Ensino Médio (2º grau) incompleto	Nº abs	0	2	0	0	2
	Nº rel	0,0%	10,0%	0,0%	0,0%	2,6%
Ensino Médio (2º grau) completo	Nº abs	4	6	2	3	15
	Nº rel	20,0%	30,0%	10,0%	16,7%	19,2%
Superior incompleto	Nº abs	3	0	3	2	8
	Nº rel	15,0%	0,0%	15,0%	11,1%	10,3%
Superior completo	Nº abs	7	3	14	13	37
	Nº rel	35,0%	15,0%	70,0%	72,2%	47,4%
Outra	Nº abs	0	1	1	0	2
	Nº rel	0,0%	5,0%	5,0%	0,0%	2,6%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q16 - Você tem uma religião ou culto?				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
1	Nº abs	15	11	8	11	45
	Nº rel	75,0%	55,0%	40,0%	61,1%	57,7%
11	Nº abs	0	0	0	1	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	0,0%	5,6%	1,3%
17	Nº abs	0	0	1	0	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	1,3%
2	Nº abs	5	5	1	1	12
	Nº rel	25,0%	25,0%	5,0%	5,6%	15,4%
3	Nº abs	0	0	1	0	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	1,3%
4	Nº abs	0	2	4	1	7
	Nº rel	0,0%	10,0%	20,0%	5,6%	9,0%
5	Nº abs	0	0	1	0	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	1,3%
8	Nº abs	0	0	1	0	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	1,3%
Não	Nº abs	0	2	3	4	9
	Nº rel	0,0%	10,0%	15,0%	22,2%	11,5%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q17 - Qual é o ganho mensal de sua família?				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
Até R\$ 960,00	Nº abs	2	2	0	0	4
	Nº rel	10,0%	10,0%	0,0%	0,0%	5,1%
De R\$ 961,00 até R\$ 2.000,00	Nº abs	5	9	1	0	15
	Nº rel	25,0%	45,0%	5,0%	0,0%	19,2%
De R\$ 2.001,00 até R\$ 3.000,00	Nº abs	5	2	3	0	10
	Nº rel	25,0%	10,0%	15,0%	0,0%	12,8%
De R\$ 3.001,00 até R\$ 5.000,00	Nº abs	5	2	7	4	18
	Nº rel	25,0%	10,0%	35,0%	22,2%	23,1%
Mais de R\$ 5.000,00	Nº abs	2	2	6	12	22
	Nº rel	10,0%	10,0%	30,0%	66,7%	28,2%
Não sei	Nº abs	1	3	3	2	9
	Nº rel	5,0%	15,0%	15,0%	11,1%	11,5%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q18 - Você trabalha?				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
Não, não trabalho.	Nº abs	13	3	18	18	52
	Nº rel	65,0%	15,0%	90,0%	100,0%	66,7%
Trabalho, mas dependo do dinheiro da família.	Nº abs	6	10	2	0	18
	Nº rel	30,0%	50,0%	10,0%	0,0%	23,1%
Trabalho e não dependo do dinheiro da família.	Nº abs	1	3	0	0	4
	Nº rel	5,0%	15,0%	0,0%	0,0%	5,1%
Trabalho e sustento outras pessoas.	Nº abs	0	4	0	0	4
	Nº rel	0,0%	20,0%	0,0%	0,0%	5,1%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q19 - Há quanto tempo você trabalha?				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
Branco	Nº abs	13	4	18	18	53
	Nº rel	65,0%	20,0%	90,0%	100,0%	67,9%
Há menos de 2 anos	Nº abs	3	8	0	0	11
	Nº rel	15,0%	40,0%	0,0%	0,0%	14,1%
De 2 a 5 anos	Nº abs	2	6	2	0	10
	Nº rel	10,0%	30,0%	10,0%	0,0%	12,8%
De 11 a 15 anos	Nº abs	1	1	0	0	2
	Nº rel	5,0%	5,0%	0,0%	0,0%	2,6%
De 16 a 20 anos	Nº abs	0	1	0	0	1
	Nº rel	0,0%	5,0%	0,0%	0,0%	1,3%
Há mais de 21 anos	Nº abs	1	0	0	0	1
	Nº rel	5,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,3%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q20 - Você trabalha em Educação?				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
Branco	Nº abs	13	3	17	18	51
	Nº rel	65,0%	15,0%	85,0%	100,0%	65,4%
Sim	Nº abs	5	9	1	0	15
	Nº rel	25,0%	45,0%	5,0%	0,0%	19,2%
Não	Nº abs	2	8	2	0	12
	Nº rel	10,0%	40,0%	10,0%	0,0%	15,4%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q21 - Caso trabalhe em Educação, indique em que nível (s)				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
Branco	Nº abs	15	8	19	18	60
	Nº rel	75,0%	40,0%	95,0%	100,0%	76,9%
Educação Infantil (creche)	Nº abs	1	3	0	0	4
	Nº rel	5,0%	15,0%	0,0%	0,0%	5,1%
Educação Infantil (pré-escola)	Nº abs	0	1	0	0	1
	Nº rel	0,0%	5,0%	0,0%	0,0%	1,3%
Ensino Fundamental	Nº abs	0	3	0	0	3
	Nº rel	0,0%	15,0%	0,0%	0,0%	3,8%
Cursinho	Nº abs	0	0	1	0	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	1,3%
Outro trabalho em educação	Nº abs	4	2	0	0	6
	Nº rel	20,0%	10,0%	0,0%	0,0%	7,7%
Não trabalho em educação	Nº abs	0	3	0	0	3
	Nº rel	0,0%	15,0%	0,0%	0,0%	3,8%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q22 - Água encanada?				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
Sim	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q23 - Eletricidade?				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
Sim	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q24 - Calçamento?				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
Sim	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q25 - Em sua casa trabalha alguma empregada doméstica? Quantas?				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
Nenhuma	Nº abs	10	14	8	2	34
	Nº rel	50,0%	70,0%	40,0%	11,1%	43,6%
Uma, todos os dias úteis.	Nº abs	4	2	6	9	21
	Nº rel	20,0%	10,0%	30,0%	50,0%	26,9%
Duas ou mais todos os dias úteis.	Nº abs	0	0	1	3	4
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	16,7%	5,1%
Diarista (faxineira) 1 ou 2 X por semana.	Nº abs	6	4	5	4	19
	Nº rel	30,0%	20,0%	25,0%	22,2%	24,4%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q26 - Quantas pessoas moram com você?				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
Branco	Nº abs	0	0	0	1	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	0,0%	5,6%	1,3%
Moro sozinho(a) ou com mais uma pessoa.	Nº abs	3	1	3	6	13
	Nº rel	15,0%	5,0%	15,0%	33,3%	16,7%
Moro com mais 2 pessoas.	Nº abs	6	6	8	2	22
	Nº rel	30,0%	30,0%	40,0%	11,1%	28,2%
Moro com mais 4 ou 5 pessoas.	Nº abs	10	12	7	9	38
	Nº rel	50,0%	60,0%	35,0%	50,0%	48,7%
Moro com mais de 6 pessoas.	Nº abs	1	1	2	0	4
	Nº rel	5,0%	5,0%	10,0%	0,0%	5,1%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q27 - Cozinha				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
1	Nº abs	16	20	18	16	70
	Nº rel	80,0%	100,0%	90,0%	88,9%	89,7%
2	Nº abs	4	0	1	2	7
	Nº rel	20,0%	0,0%	5,0%	11,1%	9,0%
3	Nº abs	0	0	1	0	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	1,3%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q28 - Sala				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
1	Nº abs	12	14	9	11	46
	Nº rel	60,0%	70,0%	45,0%	61,1%	59,0%
2	Nº abs	5	5	7	4	21
	Nº rel	25,0%	25,0%	35,0%	22,2%	26,9%
3	Nº abs	2	0	4	3	9
	Nº rel	10,0%	0,0%	20,0%	16,7%	11,5%
4	Nº abs	1	0	0	0	1
	Nº rel	5,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,3%
Branco	Nº abs	0	1	0	0	1
	Nº rel	0,0%	5,0%	0,0%	0,0%	1,3%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q29 - Quarto				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
1	Nº abs	2	2	2	1	7
	Nº rel	10,0%	10,0%	10,0%	5,6%	9,0%
2	Nº abs	3	4	1	3	11
	Nº rel	15,0%	20,0%	5,0%	16,7%	14,1%
3	Nº abs	10	11	11	10	42
	Nº rel	50,0%	55,0%	55,0%	55,6%	53,8%
4	Nº abs	5	2	6	3	16
	Nº rel	25,0%	10,0%	30,0%	16,7%	20,5%
Branco	Nº abs	0	1	0	1	2
	Nº rel	0,0%	5,0%	0,0%	5,6%	2,6%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q30 - Banheiro				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
1	Nº abs	8	7	3	2	20
	Nº rel	40,0%	35,0%	15,0%	11,1%	25,6%
2	Nº abs	3	9	5	3	20
	Nº rel	15,0%	45,0%	25,0%	16,7%	25,6%
3	Nº abs	5	2	3	8	18
	Nº rel	25,0%	10,0%	15,0%	44,4%	23,1%
4	Nº abs	4	2	9	5	20
	Nº rel	20,0%	10,0%	45,0%	27,8%	25,6%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q31 - Televisão				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
0	Nº abs	1	1	0	0	2
	Nº rel	5,0%	5,0%	0,0%	0,0%	2,6%
1	Nº abs	4	2	4	5	15
	Nº rel	20,0%	10,0%	20,0%	27,8%	19,2%
2	Nº abs	9	8	4	3	24
	Nº rel	45,0%	40,0%	20,0%	16,7%	30,8%
3	Nº abs	2	4	5	3	14
	Nº rel	10,0%	20,0%	25,0%	16,7%	17,9%
4	Nº abs	4	5	7	6	22
	Nº rel	20,0%	25,0%	35,0%	33,3%	28,2%
Branco	Nº abs	0	0	0	1	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	0,0%	5,6%	1,3%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q32 - Videocassete				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
0	Nº abs	5	5	3	5	18
	Nº rel	25,0%	25,0%	15,0%	27,8%	23,1%
1	Nº abs	14	12	10	9	45
	Nº rel	70,0%	60,0%	50,0%	50,0%	57,7%
2	Nº abs	1	3	6	1	11
	Nº rel	5,0%	15,0%	30,0%	5,6%	14,1%
3	Nº abs	0	0	1	3	4
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	16,7%	5,1%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q33 - Geladeira				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
1	Nº abs	15	19	11	13	58
	Nº rel	75,0%	95,0%	55,0%	72,2%	74,4%
2	Nº abs	3	1	6	3	13
	Nº rel	15,0%	5,0%	30,0%	16,7%	16,7%
3	Nº abs	1	0	2	2	5
	Nº rel	5,0%	0,0%	10,0%	11,1%	6,4%
4	Nº abs	1	0	1	0	2
	Nº rel	5,0%	0,0%	5,0%	0,0%	2,6%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q34 - Freezer				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
0	Nº abs	8	8	7	6	29
	Nº rel	40,0%	40,0%	35,0%	33,3%	37,2%
1	Nº abs	8	10	10	11	39
	Nº rel	40,0%	50,0%	50,0%	61,1%	50,0%
2	Nº abs	1	1	1	1	4
	Nº rel	5,0%	5,0%	5,0%	5,6%	5,1%
3	Nº abs	1	0	1	0	2
	Nº rel	5,0%	0,0%	5,0%	0,0%	2,6%
Branco	Nº abs	2	1	1	0	4
	Nº rel	10,0%	5,0%	5,0%	0,0%	5,1%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q35 - Lava roupa				Total
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	
0	Nº abs	2	2	2	5	11
	Nº rel	10,0%	10,0%	10,0%	27,8%	14,1%
1	Nº abs	17	17	16	10	60
	Nº rel	85,0%	85,0%	80,0%	55,6%	76,9%
2	Nº abs	1	1	1	3	6
	Nº rel	5,0%	5,0%	5,0%	16,7%	7,7%
Branco	Nº abs	0	0	1	0	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	1,3%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q36 - Aspirador				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
0	Nº abs	8	9	5	5	27
	Nº rel	40,0%	45,0%	25,0%	27,8%	34,6%
1	Nº abs	11	11	13	13	48
	Nº rel	55,0%	55,0%	65,0%	72,2%	61,5%
2	Nº abs	0	0	1	0	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	1,3%
Branco	Nº abs	1	0	1	0	2
	Nº rel	5,0%	0,0%	5,0%	0,0%	2,6%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q37 - Computador				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
0	Nº abs	4	6	4	2	16
	Nº rel	20,0%	30,0%	20,0%	11,1%	20,5%
1	Nº abs	12	10	9	13	44
	Nº rel	60,0%	50,0%	45,0%	72,2%	56,4%
2	Nº abs	4	4	4	3	15
	Nº rel	20,0%	20,0%	20,0%	16,7%	19,2%
3	Nº abs	0	0	1	0	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	1,3%
4	Nº abs	0	0	1	0	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	1,3%
Branco	Nº abs	0	0	1	0	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	1,3%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

		Q38 - Automóvel				
		PEDAGOGIA UNICAMP	PEDAGOGIA UNIFIEO	MEDICINA UNICAMP	MEDICINA PUC	Total
0	Nº abs	4	4	2	4	14
	Nº rel	20,0%	20,0%	10,0%	22,2%	17,9%
1	Nº abs	8	11	5	3	27
	Nº rel	40,0%	55,0%	25,0%	16,7%	34,6%
2	Nº abs	7	3	9	6	25
	Nº rel	35,0%	15,0%	45,0%	33,3%	32,1%
3	Nº abs	0	2	2	3	7
	Nº rel	0,0%	10,0%	10,0%	16,7%	9,0%
4	Nº abs	1	0	1	2	4
	Nº rel	5,0%	0,0%	5,0%	11,1%	5,1%
Branco	Nº abs	0	0	1	0	1
	Nº rel	0,0%	0,0%	5,0%	0,0%	1,3%
Total	Nº abs	20	20	20	18	78
	Nº rel	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Capítulo III – Análise dos dados (ANEXOS)

3A - Exploração e análise dos desenhos

3B - Exploração e análise das narrativas

3C - Exploração da associação livre de palavras

- 3. C.1 - Agrupamento por aproximação semântica Medicina;
- 3. C.2 - Agrupamento por aproximação semântica Pedagogia;
- 3. C.3 - Programa EVOC

3D - Exploração e análise das questões abertas

- 3.D.1 - Categorias referentes aos títulos
- 3.D.2 - Categorias referentes à pergunta: *Por que tudo isso é escola?*
- 3.D.3 - Categorias referentes aos personagens da escola.
- 3.D.4 - Categorias referentes à pergunta: *Quais são as lutas?*
- 3.D.5 - Categorias referentes à pergunta: *Como enfrentá-las?*
- 3.D.6 - Categorias referentes à pergunta: *Quais as conquistas?*
- 3.D.7 - Análises compartilhadas - Lutas e conquistas
- 3.D.8 - Análises comparativas - *Títulos* e cursos avaliados. (Pedagogia e Medicina).
- 3.D.9 - Análises comparativas - *Por que tudo isso é escola?* e cursos avaliados (Pedagogia e Medicina).
- 3.D.10 - Análises comparativas - *Personagens da escola* e cursos avaliados (Pedagogia e Medicina).
- 3.D.11 - Análises comparativas - *Quais são as lutas?* e cursos avaliados (Pedagogia e Medicina).
- 3.D.12 - Análises comparativas - *Como enfrentá-las?* e cursos avaliados (Pedagogia e Medicina).
- 3.D.13 - Análises comparativas - *Quais as conquistas?* e cursos avaliados (Pedagogia e Medicina).

3E - Análise das entrevistas e construção de categorias de codificação

EXPLORAÇÃO E ANÁLISE DAS NARRATIVAS PROGRAMA ALCESTE

ANEXO 3B

Informações preliminares - destaque para o aproveitamento das palavras do *corpus* textual referente a narrativa dos desenhos.

C1: intersection des classes

Nom du dossier traité C:\Alceste\sandra\&&_0\
Suffixe de l'analyse :121
Date de l'analyse :27/ 8/**
Intersection des classes RCDH1 et RCDH2

Nombre minimum d'uce par classe : 10

DONN.1 Nombre de mots par uc : 10
Nombre d'uc : 158

DONN.2 Nombre de mots par uc : 12
Nombre d'uc : 145

139 u.c.e classées sur 181 soit **76.80 %**

Nombre d'u.c.e. distribuées: 176

Tableau croisant les deux partitions :

RCDH1 * RCDH2

classe *	1	2	3	4
1	62	39	1	18
2	16	0	13	2
3	11	0	0	11
4	87	2	0	9

Tableau des chi2 (signés) :

RCDH1 * RCDH2

classe *	1	2	3	4
1	62	84	-5	2
2	16	-5	129	-1
3	11	-3	-1	39
4	87	-42	-14	-15

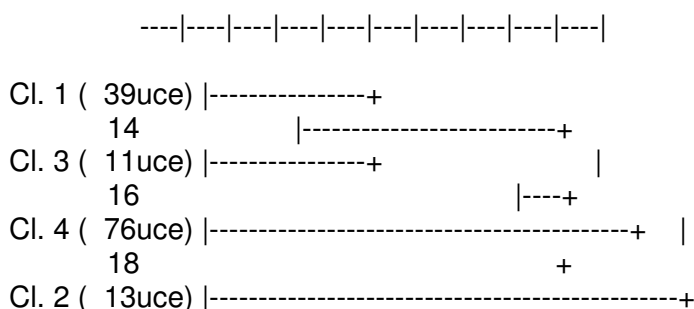
PROGRAMA ALCESTE

ANEXO 3B

Corpus textual referente a narrativa dos desenhos.

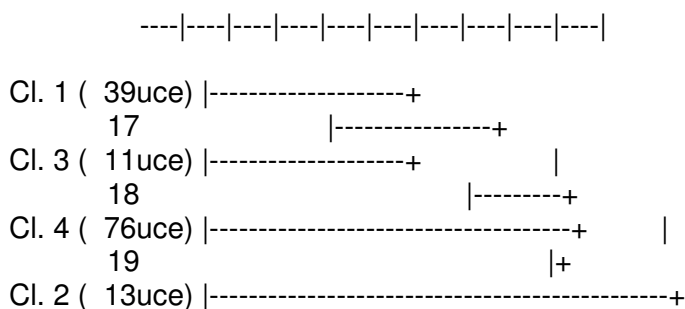
Classification Descendante Hiérarchique...

Dendrogramme des classes stables (à partir de B3_rcdh1) :



Classification Descendante Hiérarchique...

Dendrogramme des classes stables (à partir de B3_rcdh2) :



C2: profil des classes

Chi2 minimum pour la sélection d'un mot : 2.00

Nombre de mots (formes réduites) : 290
Nombre de mots analysés : 187
Nombre de mots "hors-corpus" : 85
Nombre de classes : 4

139 u.c.e. classées soit 76.795580%

Nombre de "1" analysés : 1414
Nombre de "1" suppl. ("r") : 1435

Distribution des u.c.e. par classe...

1eme classe : 39. u.c.e. 370. "1" analysés ; 408. "1" suppl..
2eme classe : 13. u.c.e. 141. "1" analysés ; 142. "1" suppl..
3eme classe : 11. u.c.e. 103. "1" analysés ; 126. "1" suppl..
4eme classe : 76. u.c.e. 800. "1" analysés ; 759. "1" suppl..

AGRUPAMENTO POR APROXIMAÇÃO SEMÂNTICA MEDICINA

ANEXO 3C1

Quadro 3.C.1 - Atributos, por frequência e por ordem aproximação de atributos

Obs: Para o número absoluto de registros não foram levados em consideração os registros em branco

Categorias Interpretativas	Categorias Descritivas	Unidades de registro
Personagens (33) (24,1%)	Aluno (6)	Aluno (3), As crianças (1), Circulei um aluno (1), Um aluno (1)
	Amigo (12)	Amigo (9), Colegas de classe (1), Meus amigos (1), Uma amiga (1)
	Diretor (2)	Administração (1), Diretor (1)
	Família (1)	Família (1)
	Pessoas (3)	As pessoas (1), Pessoas (1), Uma roda de pessoas (1)
	Professor (8)	Professor (7), Professores (1)
	Uma pessoa importante para mim (1)	Uma pessoa importante para mim (1)
Qualificação dos Personagens (1) 0,7%	Professor-qualificado (1)	Bons professores (1)
Infra-Estrutura (43) 31,4%	Ambiente-planejado (2)	Ambiente (1), Bom ambiente (1)
	Área-de-recreação (7)	A diversão, descontração (parquinho) (1), Área de lazer (4), Parquinho (1), Parte de lazer (1)
	Área-verde (2)	Área verde (1), Jardim (1)
	Biblioteca (4)	Biblioteca (4)
	Infra-estrutura (13)	A estrutura física(prédio) (1), Boa estrutura (1), Espaço físico (1), Estrutura da escola (2), Laboratório (1), Laboratórios (1), O prédio da faculdade (1), O prédio das aulas (1), Prédio (1), Prédio das salas de aula (1), Sala de curativo (1), Salas de estudo (1)
	Planejamento-físico (1)	Ambiente saudável (1)
	Porta-de-entrada (1)	A porta de entrada (1)
	Quadra (6)	Campo de futebol (1), quadra (2), Quadra de esporte (1), Quadra de esportes (1), Quadra poliesportiva (1)
	Sala-de-aula (6)	As salas de aula (1), Sala-de-aula (3), Salas de aula (2)
	Tecnologia (1)	Computador/internet (1)
Material Escolar (6) 4,4%	Bandeira-nacional (1)	Bandeira do Brasil (1)
	Livro (4)	Livro (4)
	Material-escolar (1)	Material-didático (1)

(continuação) Quadro 1 - Atributos, por frequência e por ordem aproximação de atributos

Categorias Interpretativas	Categorias Descritivas	Unidades de registro
Elementos da Natureza (10) 7,3%	Conservação-ambiental (1)	Reciclagem-de-lixo (1)
	Natureza (7)	Animais (2), Árvore (1), Horta (1), natureza (1), Sol (2)
	Planeta (1)	Planeta (1)
	Ponte-de-arco-íris (1)	Ponte-de-arco-íris (1)
Universo Médico (7) 5,1%	Hospital (5)	HC (1), hospital (3), hospital-escola (1)
	Médico - paciente (1)	Relação médico-paciente (1)
	Saúde (1)	Saúde (1)
Tendências Morais (8) 5,8%	Ajudar os outros (1)	Ajudar os outros (1)
	Amizade (2)	Amizade (2)
	Dedicação (1)	Dedicação (1)
	Relacionamento-interpessoal (2)	Bom relacionamento (1), relacionamento-interpessoal (1)
	Elementos Positivos (2)	Felicidade (1), Solidariedade (1)
Universo pedagógico/curricular (15) 10,9%	Aprendizagem (1)	Crianças assistindo aula (1)
	Atividade-extra-curricular (3)	Atividade esportiva (1), Esporte (1), Teatro (1)
	Aula - prática (1)	Aulas práticas (1)
	Biologia (1)	Biologia (1)
	Ciclo básico (1)	Ciclo básico (1)
	Conhecimento (2)	Conhecimento (1), Conhecimentos (1)
	Cotidiano (1)	dia-a-dia (curso) (1)
	Educação (1)	Área da educação (1)
	Estudo (4)	Estudo (3), Livro-estudo (1)
Escola / Instituição (7) 5,1%	Instituição (6)	A solidez de uma boa instituição (1), Faculdade (1), FCM (1), Leão (1), Puc (1), Unicamp (1)
	Universidade (1)	Universidade (1)
Escola Ideal/Futuro (2) 1,5%	Futuro (1)	Futuro (1)
	Meta (1)	A busca por um ideal (1)
Palavras não Categorizadas (5) 3,6%	Alimentação (2)	Alimentação (1), Cantina (1)
	Cidade (1)	Cidade (1)
	Festa (1)	Festa (1)
	Trabalho (1)	Trabalho (1)
Branco (14)	Branco (14)	Branco (14)

AGRUPAMENTO POR APROXIMAÇÃO SEMÂNTICA PEDAGOGIA

ANEXO 3C2

Quadro 3.C.2 - Atributos, por frequência e por ordem aproximação de atributos

Obs: Para o número absoluto de registros não foram levados em consideração os registros em branco

Categorias Interpretativas	Categorias Descritivas	Unidades de registro
Personagens (35) 22,0%	Aluno (13)	A criança (1), aluno (6), Alunos (2), Criança (1), Crianças, jovem e adulto (1), O aluno (eu) (1), Uma aluna (1)
	Amigo (1)	Os amigos (1)
	Anjo (1)	Os anjos (1)
	Criança (1)	Crianças que estão começando (estão por vir) (1)
	Crianca-brincando (1)	Crianças brincando (1)
	Diretor (1)	Diretora (1)
	Pessoas-coisas (1)	As pessoas e as coisas que elas buscam na escola. (1)
	Professor (16)	Mestre (1), Mestres (1), O professor (1), professor (5), Professora (8)
Qualificação dos Personagens (19) 11,9%	Aluno-interessado (1)	Alunos interessados em aprender (1)
	Comprometimento (1)	Comprometimento (1)
	Criança-senso-igualdade (1)	As crianças e seu senso de igualdade (1)
	Dedicação (1)	Dedicação (1)
	Diálogo (1)	Diálogo (1)
	Excluído (1)	Pessoas sem acesso à escola (1)
	Identidade (1)	Identidade (1)
	Integração (8)	2 alunos conversando (1), A interação entre os alunos. (1), A professora integrando um livro a aluno. (1), Duas meninas de mãos dadas (1), Integração (1), Interação, proximidade, aluno-professor (1), O grupo de Estudos (1), Um grupo de alunos estudando (1)
Professor-qualificado (4)	Evolução do professor (1), Formação profissional (1), Professor disposto, interessado, bem remunerado e bom profissional (1), Professores com formação e vontade para aulas (1)	

(continuação) Quadro 3.C.2 - Atributos, por frequência e por ordem aproximação de atributos

Categorias Interpretativas	Categorias Descritivas	Unidades de registro
Infra-Estrutura (40) 25,2%	Ambiente planejado (1)	Organização (1)
	Área-de-recreação (2)	Área de recreação (1), Lazer (1)
	Área-verde (1)	Área verde (1)
	Biblioteca (3)	Biblioteca (2), Livro (biblioteca) (1)
	Espaço (1)	Espaço (1)
	Espaço-cultural (1)	Espaço cultural - potenciais a desenvolver (1)
	Infra-estrutura (11)	Espaço físico (1), Espaço (a estrutura) (1), Estrutura física (1), Infra-estrutura da escola (1), laboratório (1), O prédio com as salas de aula (1), Sala de educadores (1), Sala de informática (1), Sala de laboratório (1), Sala de plantão (1), Secretaria (1)
	Lugar-gradável (1)	Lugar agradável (1)
	Mobiliário-escolar (1)	Carteiras (1)
	Planejamento-físico (1)	Ambiente interessante (1)
	Políticas-públicas (1)	Mais apoio governamental (1)
	Quadra (2)	Quadra de esportes (1), Quadra poliesportiva (1)
	Quadro (1)	Quadro (1)
	Sala-de-aula (9)	O ambiente da sala de aula (caracterizado pela lousa e professora) (1), Sala de aula (6), Um bom espaço, uma sala (1), Uma janela que mostra uma sala de aula (1)
	Sala-de-leitura (2)	Área de leitura (1), Cantinho da leitura (1)
	Sala-de-prece (1)	Sala de prece (1)
Tecnologia (1)	Tecnologia (1)	
Material Escolar (8) 5,0%	Livro (3)	Livro (3)
	Lousa (1)	O quadro negro (1)
	Material-escolar (4)	Material (1), Material utilizado (1), Material-escolar (2)
Elementos da Natureza (5) 3,1%	Cultivo-da-terra (1)	Cultivo na terra (1)
	Natureza (4)	Árvores e flores (1), Horta - como espaço ecológico (1), Natureza (2)
Tendências Morais (18) 11,3%	Amizade (1)	Amizade (1)
	Inclusão (1)	Inclusão (1)
	Obstáculo (1)	A passagem pelo muro (1)
	Paz (1)	Paz (1)
	Respeito (3)	Respeito (2), Respeito, com ele conseguimos (1)
	Elementos negativos (1)	A falta de cores no final (1)
	Elementos positivos (5)	Afeto (1), Amizade, alegria (1), As várias cores iniciais (1), O coração com as mãos (1), O sorriso no rosto dos alunos (1)
	Socialização (2)	Conviver em grupo e aprendermos (1), Socialização (1)
União (3)	União (2), União, força (1)	

(continuação) Quadro 3.C.2 - Atributos, por frequência e por ordem aproximação de atributos

Categorias Interpretativas	Categorias Descritivas	Unidades de registro
Universo pedagógico/curricular (22) 13,8%	Aluno-aula (1)	Aluno-na-sala-de-aula (1)
	Aprendizagem (2)	Aprendizado (1), Os estudos, a aprendizagem do aluno (1)
	Aprendizagem-meio-ambiente (1)	Aprendizagem diretamente no meio ambiente(estudos do meio) (1)
	Atividade-extra-curricular (9)	Atividade física - esporte (1), Atividades esportivas e culturais extra curriculares (1), Elementos da arte(música, artes plásticas...) e esportes. (1), Esporte (2), Esporte, saúde (1), Esportes (1), Música (1), Teatro (1)
	Brincadeira-jogo (1)	Brincadeira-jogo (1)
	Criação (1)	Criação (1)
	Desenvolvimento-do-individuo (1)	Desenvolvimento-do-individuo (1)
	Disciplina (1)	Disciplina (1)
	Educação (1)	Educação (1)
	Ensino (1)	Ensino (1)
	Escola (2)	Escola (2)
	Estudo (1)	Aluno-estudando-para-prova (1)
Escola Ideal/Futuro (5) 3,1%	Diploma (1)	Diploma (1)
	Futuro-profissional (1)	Futuro-profissional (1)
	Meta (1)	A direção do olhar (1)
	Sonho (1)	Sonhos e fantasia (1)
	Tecnologia (1)	Informatica-progresso (1)
Palavras não categorizadas (7) 4,4%	Alimentação (1)	Alimentação (1)
	Despertar (1)	Despertar (1)
	Horário (1)	Horários (1)
	Minha-casa (1)	Minha casa (1)
	Sociedade (2)	Sociedade (2)
	Todo-o-desenho (1)	Todo o desenho (1)
Branco (1)	Branco (1)	Branco (1)

PROGRAMA EVOC

ANEXO 3.C.3

Informações preliminares do Programa EVOC, número total de palavra, número de palavras não repetidas e matriz de concorrência.

Fichier Initial : C:\EVOC\fe3.tm1

NOUS ALLONS MAINTENANT TRIER LE FICHER

FIN TRI SANS PROBLEME

Nombre d enregistrements en entree : 311

Nombre d enregistrements en sortie : 311

fichier initial : C:\EVOC\fe3.tm3

FIN TRI SANS PROBLEME

Nombre d enregistrements en entree du tri : 94

Nombre d enregistrements en sortie du tri : 94

EDITION DE LA MATRICE DES COOCURENCES

Categ.	15	1	9	3	19	8	11	2	10	5	12	14
15 *	0	13	5	1	7	1	1	4	1	2	3	3
1 *	13	0	4	2	5	1	0	1	0	1	2	3
9 *	5	4	0	5	5	1	2	2	0	5	0	1
3 *	1	2	5	0	2	0	0	0	0	2	1	0
19 *	7	5	5	2	0	1	1	2	0	3	1	1
8 *	1	1	1	0	1	0	0	3	2	0	2	0
11 *	1	0	2	0	1	0	0	0	0	1	0	0
2 *	4	1	2	0	2	3	0	0	3	0	1	1
10 *	1	0	0	0	0	2	0	3	0	0	2	1
5 *	2	1	5	2	3	0	1	0	0	0	0	0
12 *	3	2	0	1	1	2	0	1	2	0	0	0
14 *	3	3	1	0	1	0	0	1	1	0	0	0
7 *	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
16 *	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0	2	0
17 *	2	1	4	1	2	0	0	0	1	1	2	0
4 *	0	0	2	1	1	0	3	0	0	2	0	0
13 *	2	0	4	1	0	0	1	1	0	0	0	0
18 *	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
6 *	2	2	2	1	1	0	0	0	1	0	0	0

Numero: Categ.

- 1 : aluno
- 2 : amigo
- 3 : area-de-recreacao
- 4 : atividade-extra-curricular
- 5 : biblioteca
- 6 : branco
- 7 : estudo
- 8 : hospital
- 9 : infra-estrutura
- 10 : instituicao
- 11 : integracao
- 12 : livro
- 13 : material-escolar
- 14 : natureza
- 15 : professor
- 16 : professor-qualificado
- 17 : quadra
- 18 : respeito
- 19 : sala-de-aula
- 20 : sentimento-positivo

PROGRAMA EVOC

ANEXO-3.C.3

Quadrante produzido pelo Programa EVOC, de distribuição das associações das palavras destacadas no desenho.

Les 3 colonnes correspondent respectivement :
au Mot
à sa Fréquence
à son Rang Moyen

Le Fréquence minimale des mots est 5

Cas ou la Fréquence ≥ 10
et
le Rang Moyen < 3

aluno	19	2,263
amigo	12	2,250
infra-estrutura	24	2,792
professor	24	2,250
sala-de-aula	15	2,667

Cas ou la Fréquence ≥ 10
et
le Rang Moyen ≥ 3

atividade-extra-curricular	12	3,167
branco	17	3,235
natureza	11	3,273

Cas ou la Fréquence < 10
et
le Rang Moyen < 3

area-de-recreacao	9	2,556
biblioteca	7	2,714
hospital	5	2,400
instituicao	7	2,714
integracao	8	2,000
professor-qualificado	5	2,400
sentimento-positivo	7	2,571

Cas ou la Fréquence < 10
et
le Rang Moyen ≥ 3

livro	7	3,000
material-escolar	5	3,400
quadra	8	3,125

Tabela 3D1 - Categorias referentes aos Títulos

ANEXO 3D1

Título	Branco	1. identificação da minha escola	2. escola idealizada, do futuro	3. qualificativo	4. O ambiente escolar	5. Questões conflitos e lutas	6. Tipos de escola	7. conquista pessoal	8. outras
A vida na MED-PUC	0	0	0	0	0	0	1	0	0
O descaso	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Vida universitária	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Prédio verde da Faculdade de Medicina de Sorocaba	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Universidade e tranquilidade	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Até que enfim...	0	0	0	0	0	0	0	1	0
A escola perfeita	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Minha "Facu"	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Escola como um todo	0	0	0	0	1	0	0	0	0
O dia-a-dia	0	0	0	0	1	0	0	0	0
A escola é a vida	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Isso é apenas o começo	0	0	0	0	0	0	0	0	1
O aprender aproveitando	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Prédio da Puc	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Escola básica	0	0	0	1	0	0	0	0	0
A fila	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Escola ideal	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Meu grande sonho	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Minha escola ideal	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Minha vida	0	1	0	0	0	0	0	0	0
A escola de medicina da Unicamp	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Branco	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Consa	0	0	0	0	0	0	1	0	0
A vida como escola	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Escola fundamental	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Branco	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Unicamp - o sonho é real	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Unicamp	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Escola	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Faculdade de ciências médicas	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Branco	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Escola de ensino fundamental/médio	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Organização e limpeza	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Escola primária	0	0	0	0	0	0	1	0	0
A preparação para a vida	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Sequência de escolas da vida	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Escola da vida	0	0	0	0	0	1	0	0	0
O tempo do saber	0	0	0	1	0	0	0	0	0
O ambiente escolar	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Por trás do muro, ou "vencendo na vida"	0	0	0	0	0	1	0	0	0
A escola ideal	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Vitória.	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Espaço cidadão	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Branco	1	0	0	0	0	0	0	0	0
O mundo da escola	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Lugar para todos na escola	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Uma escola para todos	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Relacionamento professor e aluno	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Vida da escola da vida da escola da vida	0	0	0	0	0	1	0	0	0
As multifaces do ambiente escolar	0	0	0	0	1	0	0	0	0
O ambiente escolar	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Educação infantil	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Sala de aula	0	0	0	0	1	0	0	0	0
A escola do meu imaginário	0	0	1	0	0	0	0	0	0
A escola do futuro: em busca da perfeição	0	0	1	0	0	0	0	0	0
A escola é um lugar de pessoas felizes!	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Faculdade de educação	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Educação: Base de um país melhor	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Escola felicidade	0	0	0	1	0	0	0	0	0
A infância na escola	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Trabalho incessante	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Escola lugar de brincar	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Branco	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Escola Padrão: Onde estão os alunos?	0	0	1	0	0	0	0	0	0
A evolução e desenvolvimento da escola	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Viver é aprender !	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Vivendo e aprendendo	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Hoje, que é o meu presente que influência no futuro	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Escola e suas particularidades	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Transformar sem esquecer-se das raízes.	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Lutas e conquistas.	0	0	0	0	0	1	0	0	0
A hora do recreio.	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Escola da comunidade	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Educação - desenvolvimento do ser	0	0	0	0	0	1	0	0	0
"A escola ideal"	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Construindo um futuro	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Sai da frente que está chegando uma geração diferente	0	0	0	0	0	1	0	0	0
A classe	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Total (nº. Absoluto)	5	3	9	8	14	19	13	4	3

Tabela 3D1 - Categorias referentes aos Títulos

ANEXO 3D1

Título	Branco	1. identificação da minha escola	2. escola idealizada, do futuro	3. qualificativo	4. O ambiente escolar	5. Questões conflitos e lutas	6. Tipos de escola	7. conquista pessoal	8. outras
Total (%)	6,4%	3,8%	11,5%	10,3%	17,9%	24,4%	16,7%	5,1%	3,8%

Tabela 3D2 - Categorias referentes à pergunta: "Por que tudo isso é escola?"

ANEXO 3D2

Q5 - Por que tudo isso é escola?	Qualificação Não Valorativa												
	OUTROS			Qualificação Valorativa				Função Social		Função Educativa			
	Branco	Identificação da minha escola	Faz referência ao desenho elaborado	Escola idealizada, do futuro	Escola do presente	Qualificação POSITIVA	Qualificação NEGATIVA (conflitos e lutas)	Escola cidadã	Integração nas relações, mas TROCA DE VIVÊNCIAS	Valorização abstrata valores: PARA A VIDA	Foca no físico da escola	Foca na APRENDIZAGEM d'ó, cres, formação,	Foca no ENSINO conhec/saber//informação
Porque é preciso um espaço agradável para os alunos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Porque é o lugar onde os valores da vida são ensinados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Porque mostra o cotidiano a sala de aula e neste local acontece as lutas. E uma demonstração da conquista que é o diploma.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Porque é um espaço destinado ao conhecimento(troca de vivências). Permite ao aluno se expressar de várias formas sem a delimitação de um espaço e horário.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Porque é assim que eu vejo uma escola, ou assim que ela deveria ser: um misto de transmissão de conhecimento, com o auxílio das artes, esportes e a participação livre à toda comunidade.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Porque é nesse contexto eu se monta o cenário escolar onde o conhecimento é repassado para frente.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Porque a escola é composta, basicamente, dos itens que desenhei essas são as coisas que acho primárias.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Por que (sic) é o modelo de escola que temos, uma sala de aula, alunos, professor, lousa e carteiras(quando tem).	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
O que eu desenhei possibilita um boa formação e a escola tem como um grande objetivo isso: a formação.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Porque tudo que está no meu desenho pode ajudar a ampliar o conhecimento de cadaaluno, proporcionar a ele novas visões do mundo, informá-lo e concientizá-lo.(sic).	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
A escola precisa ter lugar para todas atividades. Boas salas de aula, lugar para lazer. Uma boa estrutura com bons métodos de ensino.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Porque tentei representar parte do local onde estudo(obviamente que sem o menor talento).	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Porque são peças fundamentais, para que um indivíduo obtenha conhecimento	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Porque é onde todos devem estar para aprender com prazer.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Porque é o essencial para a educação	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Porque a escola envolve o aluno em toda sua dependência	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Branco	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Porque para se construir a escola é necessários os elementos, que podem estar trazendo paz, gratidão e união.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Porque representa o padrão de uma escola, é o que eu imagino como escola	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Porque escola é vida, em que tudo que passamos e sentimos pode influenciar na relação indivíduo e escola, e estamos sempre aprendendo e ensinando.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Onde tem desejo de aprendizado, prazer, dialogo tem aprendizado, tem escola	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Porque dentro dele coloquei tudo que uma escola possui	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Porque em uma(sic) é a "minha"sala de aula, minha professora os alunos, e são elementos que formam uma escola no geral	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Porque está presente no dia-a-dia da escola, da educação, do educador e do educando	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Porque é o ambiente adequado para integração e aprendizagem	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Porque eu tentei desenhá-la como eu a vejo	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Faz parte do cotidiano das crianças brincarem no intervalo.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
É o padrão de escola atual, salas, quadro, pátio...	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Pq(sic) a escola é um lugar de progresso, evolução de novo mundo cheio de novidades.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Porque tudo deve fazer parte, a maioria são objetivos a serem alcançados com nossos alunos.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Pois todo o processo envolve troca de aprendizado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Porque são ações que ocorrem no nosso cotidiano escolar, e de uma forma geral é informativa.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Porque as escolas que frequentei eram assim.	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total (nº. Absoluto)	4	10	10	2	3	3	3	2	7	2	8	15	9
Total (%)	5,1%	12,8%	12,8%	2,6%	3,8%	3,8%	3,8%	2,6%	9,0%	2,6%	10,3%	19,2%	11,5%

Tabela 3D3 - Categorias referentes aos Personagens da Escola

ANEXO 3D3

Q6 - Personagens da escola	Branco	sem personagem	O que não é personagem	Componentes humanos	EU	Criança	Aluno	Professor(mestre)	Amigos	Diretor	Estudantes da Faculdade	Todo mundo	Enfermeiro	Auxiliares	Pais	Cozinheiro Merendeira	Faxineiros	Médico	Paciente	Funcionário	Família	Deus	Supervisora	Coordenador
Alunos, professora (faltou as educadoras, merendeiras não menos importantes)	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Alunos, professores, auxiliares.	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
União, educação, respeito e aprendizado, um conjunto que abrange todos os elementos que podem estar melhorando para um futuro melhor	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
A escola física e uma quadra de esportes	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
A sociedade em geral, pois engloba questões profissionais e o aprendizado dos alunos	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Os alunos, que estão indo à escola	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mestres, diretores, alunos	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
A professora, eu, meus amigos e alunos	0	0	0	0	1	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Professor, coordenador, diretor, aluno e sociedade	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
O professor e os alunos	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3 pessoas, uma escola, 1 árvore, sol, nuvens, escola.	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Principais a Jujú e Evelyn	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Comunidade, Direção(escola), Professores(escola).	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mestre, alunos, amigos de verdade, eu.	0	0	0	0	1	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Alunos e professores.	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Professores, palestrantes, alunos	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Professores. Alunos. Pais, enfim a comunidade	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
A professora e os alunos	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total (nº. Absoluto)	2	5	8	5	5	5	44	43	13	5	1	1	1	2	3	4	1	2	2	2	2	1	1	1
Total (%)	1,3%	3,1%	5,0%	3,1%	3,1%	3,1%	27,7%	27,0%	8,2%	3,1%	0,6%	0,6%	0,6%	1,3%	1,9%	2,5%	0,6%	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%	0,6%	0,6%	0,6%

Tabela 3D5 - Categorias referentes à pergunta: "Como enfrentá-las"

ANEXO 3D5

Q8 - Como enfrentá-las?	Outros			solução impessoal			solução pessoal			
	Branco	Não sei	Outros	Proposta de associação	Propostas (verbo no infinitivo)		Esforço pessoal (gerúndio)	Chavão	Propostas (verbo no infinitivo)	
					Proposta palpável	Proposta vaga			Proposta palpável	Proposta vaga
Com dedicação	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Enfrentar o inimigo(escola padrão)é retirar a idéia de melhor condição de aprendizagem é na sala de aula. É permitir ao aluno criar e não somente reproduzir. É incentivá-li a fazer as atividades que lhe agrada.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Formando profissionais capacitados a trabalhar com esta multidisciplinarietàe e através de incentivos que permitam a introdução destes elementos na escola, desde os espaços até os instrumentos.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Com disposição e garra é possível conseguir enfrentá-la, porém outros detalhes tais como o apoio do estado, preparo do professor e material didático qualificado.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
É preciso investimento financeiro p/ o ambiente, capacitação dos funcionários da escola e quanto a família é nessesário concientização.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Investindo na Educação, em escolas, e nos profissionais principalmente, pois os alunos de amanhã será reflexo da escola de hoje, por isso investir na educação como um todo.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
União e determinação de todos	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Cociliando as atividades curriculares (lembrando de sua importância e relevância) a atividades que estimulem o senso criativo e a convivência (sic) com o próximo.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Colocando professores que tenham capacidade de motivar os alunos a estudarem e desenvolverem-se. E lutar por bons livros, boas pesquisas. . .	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Nessa batalha em relação a nós mesmos é necessário força de vontade, disciplina, estudo e muita humildade.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Tento atitudes inovadoras e enfrontando a hierarquia e falta de vontade dos administradores dessas entidades	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Formando educadores capacitados.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Com amor e sabedoria	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Com determinação e superar os desafios	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
1ºAcreditando e querendo abri-las. 2ºAbrindo !	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Vencer todos os obstáculos e diferenças sociais, dependendo do aluno, da boa vontade de aprender para obter um crescimento social	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Transformando a escola num ambiente adequado ao ensino e a educação como um todo, desde o início até a graduação do aluno	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Através da busca de novos métodos e formação contínua.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Passando por obstáculos que a vida põe, e o desejo de superar dificuldades	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Através de um exame de consciência, e muita força de vontade para que esse objetivo se conclua	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Tendo uma meta, força de vontade e coragem	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
A união de todos e a perseverança na busca.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Inovando-se, nunca parando no tempo, ou parando de estudar.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Valorizar me para que nada posso me fazer desistir	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Interagir com as crianças mostrando o certo e ouvindo suas indagações(sic)	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Com união, respeito e interesse	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Não se deixando desanimar, gostar do que faz, ter paciência, disciplina, força de vontade	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Conscientização dos professores	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Valorizar a categoria.-Investir em curso.-Palestras de conscientização.-Trazer uma nova cultura ou pensamento para a categoria.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Se unindo	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Com a organização da sociedade/comunidade.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Total (nº. Absoluto)	2	2	2	5	18	10	27	2	3	7

Tabela 3D5 - Categorias referentes à pergunta: "Como enfrentá-las"

ANEXO 3D5

Q8 - Como enfrentá-las?	Outros			solução impessoal			solução pessoal			
	Branco	Não sei	Outros	Proposta de associação	Propostas (verbo no infinitivo)		Esforço pessoal (gerúndio)	Chavão	Propostas (verbo no infinitivo)	
					Proposta palpável	Proposta vaga			Proposta palpável	Proposta vaga
Total (%)	2,6%	2,6%	2,6%	6,4%	23,1%	12,8%	34,6%	2,6%	3,8%	9,0%

Q9 - Qual é a conquista?	OUTROS				conquistas - melhorias									conquistas pessoais								Reverter o quadro atual (escola pública)		
	Branco	Não há conquistas	Qualifica sem definir (contínua e área)	Indefinido sem verbo (ambiguidade)	OUTROS	Melhorar em todos os sentidos em todos os departamentos	Melhorar nas Condições físicas e funcionamento	Melhor formação a todos	Um currículo melhor	Aprendizado dos alunos	Um professor melhor	qualidade do ENSINO bom nível educacional	Um país melhor	Superar nossos defeitos, deficiências, dificuldades, medo	crecimento e conquista pessoal	Conhecer a si mesmo	prazer	Fazer o que sempre sonhei	Entrar na universidade	Aprender, busca pelo conhecimento, aprimorar-se formação	Conseguir se formar	Conscientização da necessidade da mudança	Socializar conhecimento	Ajudar as pessoas
As conquistas são a de aprender o conteúdo necessário, organização, e principalmente de nos tornarmos um pouco melhor do que éramos, porém concientes(SIC)de que há um longo caminho pela frente e que só estamos completos quando morremos, antes disso, nunca.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Poucas até agora	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Estamos conseguindo isso aos poucos	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Um futuro melhor para as crianças	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Muitas, e a cada dia, cada gesto.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
O prazer em estar na escola, a espontaneidade, a réplica do bom, da natureza, da vida na escola	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Ter o serviço como gratidão para o seu cotidiano, amor pela profissão e orgulho pelo que faz.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
A conquista será a vitória de ver uma criança crescendo como cidadão e tendo uma educação exemplar, tornando-se um adulto vencedor.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Direito a escola à todos, utilização do lúdico e da tecnologia para manter a escola viva e cheia de alegria.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Chegar a escola e "matar" seu desejo de saber.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Obter alunos e professores aptos em educar e aprenderem, de uma forma muito mais valorizada e reconhecida, como os esforços e as lutas de todos	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Todas, pois no final de tudo "você" conseguirá ter o que desejou e realizar o seu objetivo, basta querer	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Motivação de professor e aluno, educação com qualidade e satisfação da sociedade e da escola.	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Formação de um cidadão, crítico, responsável, criativo, apto para atuar na sociedade.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passar no vestibular e nunca desistir	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Estou aprendendo e devagarzinho vou chegar lá. Pois as crianças demoram assimilar a ideia quando se trata de alguém diferente delas.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Respeito pelas normas, material, escola.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Futuro profissional. Mostrar o conhecimento para as outras pessoas, ensinar, alfabetizar crianças, mostrar para as crianças um mundo novo escrita e leitura.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Algumas tem uma visão diferente e trabalham em cima disso.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Profissionais mais preparados- Um ensino com qualidade- Alunos mais incentivados- Futuros adultos pensantes/cultos/melhor preparados.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
A inovação; sair de métodos muito conservadores e chegar mais perto da realidade.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Branco	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total (nº. Absoluto)	3	1	5	6	5	2	5	4	1	2	1	5	1	3	2	1	2	2	4	3	1	1	4	3
Total (%)	3,8%	1,3%	6,4%	7,7%	6,4%	2,6%	6,4%	5,1%	1,3%	2,6%	1,3%	6,4%	1,3%	3,8%	2,6%	1,3%	2,6%	2,6%	5,1%	3,8%	1,3%	1,3%	5,1%	3,8%

Futuro	
Professora melhor (aluno)	Profissional melhor, médica melhor
0	0
0	0
0	0
0	0
0	0
0	0
0	0
0	0
0	0
0	0
0	0
1	0
0	0
0	0
0	0
0	0
0	0
0	0
0	0
0	0
0	0
0	1
0	0
0	1
0	0
0	0
6	5
7,7%	6,4%

ANÁLISES COMPARTILHADAS - LUTAS E CONQUISTAS

ANEXO 3D7

Categorias	Qual é a luta?				Quais as conquistas?								
	Categorias descritivas		Freq.	%	Categorias descritivas		Freq.	%					
Avanços;	Melhorias 25,7%	Melhorar em todos os sentidos em todos os departamentos	2	2,6%	Conquistas pessoais 23,1%	Superar nossos defeitos, defasagens, dificuldades, medo	3	3,8%					
		Melhorar nas condições físicas	2	2,6%		crescimento e conquista pessoal	2	2,6%					
		Melhoria da integração escola-família	1	1,3%		Conhecer a si mesmo	1	1,3%					
		Integração dos alunos	3	3,8%		Prazer	2	2,6%					
		Qualidade do ensino	10	12,8%		Fazer o que sempre sonhei	2	2,6%					
		Currículo	2	2,6%		Entrar na universidade	4	5,1%					
	Obstáculos enfrentados por ele 28,3%	Superar nossos defeitos, defasagens, dificuldades, medo	1	1,3%		Conquistas - melhorias 27,0%	Melhorar em todos os sentidos em todos os departamentos	2	2,6%				
							Melhorar nas Condições físicas e funcionamento	5	6,4%				
					Melhor formação a todos		4	5,1%					
					Currículo melhor		1	1,3%					
					Aprendizado dos alunos		2	2,6%					
					Professor melhor		1	1,3%					
					Qualidade do ensino bom nível educacional		5	6,4%					
					País melhor		1	1,3%					
Obstáculos enfrentados por ele;	Superar nossos defeitos, defasagens, dificuldades, medo	1	1,3%	Conquistas - melhorias 27,0%	Aprender, busca pelo conhecimento, aprimorar-se formação	3	3,8%						
								Conseguir se formar	1	1,3%			
											Aprender a viver em sociedade	1	1,3%

ANÁLISES COMPARTILHADAS - LUTAS E CONQUISTAS (continuação)

ANEXO 3D7

Reverter o quadro atual (escola pública);	Reverter o quadro atual (escola pública) 12,9%	Uma educação conscientizadora, libertária	1	1,3%	Reverter o quadro atual (escola pública) 6,4%	Conscientização da necessidade da mudança	1	1,3%
		Socializar conhecimento	5	6,4%		Socializar conhecimento	4	5,1%
		Dissolução dos padrões tradicionais	1	1,3%				
		Falta de recursos	1	1,3%				
		Escola para todos (universalização)	2	2,6%				
Resultados;	Resultados (verbos-futuros) 9,0%	Cantinho melhor	1	1,3%				
		Faculdade melhor	1	1,3%				
		Pessoa com mais conhecimento	1	1,3%				
		Pessoa melhor	1	1,3%				
		Profissional melhor, médica melhor	3	3,8%				
Futuro;					Futuro 17,9%	Ajudar as pessoas	3	3,8%
						Pessoa melhor (aluno)	6	7,7%
						Profissional melhor, médica melhor	5	6,4%
Manutenção;	Manutenção 5,1%	Boas condições	1	1,3%				
		União, harmonia, concordância	3	3,8%				
Outros;	Outros 18,1%	Branco	2	2,6%	Outros 25,6%	Respostas em branco	3	3,8%
		Qualifica sem definir (contínua e árdua)	2	2,6%		Não há conquistas	1	1,3%
		Indefinido sem verbo (ambigüidade)	8	10,3%		Qualifica sem definir (contínua e árdua)	5	6,4%
		Outros	2	2,6%		Indefinido sem verbo (ambigüidade)	6	7,7%
	Criança 1,3%	Enfrentam o mundo	1	1,3%		Outros	5	6,4%

ANÁLISES COMPARATIVAS

ANEXO 3D8

Cruzamento da variável Curso (Pedagogia e Medicina) com as seguintes questões contidas no Questionário da Escola (Q1): Título, Por que tudo isso é escola?, Personagens da escola, Quais são as lutas?, Como enfrentá-las?, Quais as conquistas?

Tabela 3D7 - Títulos e cursos avaliados

		QP2 - Curso		Total	
		Medicina	Pedagogia		
Q1 - Títulos	identificação da minha escola	Quantidade	3	3	
		% Q1	100,00%	100,00%	
		% QP2	7,90%	3,80%	
		% Total	3,80%	3,80%	
	escola idealizada, do futuro	Quantidade	2	7	9
		% Q1	22,20%	77,80%	100,00%
		% QP2	5,30%	17,50%	11,50%
		% Total	2,60%	9,00%	11,50%
	qualificativo	Quantidade	4	4	8
		% Q1	50,00%	50,00%	100,00%
		% QP2	10,50%	10,00%	10,30%
		% Total	5,10%	5,10%	10,30%
	O ambiente escolar	Quantidade	5	9	14
		% Q1	35,70%	64,30%	100,00%
		% QP2	13,20%	22,50%	17,90%
		% Total	6,40%	11,50%	17,90%
	Questões conflitos e lutas	Quantidade	5	14	19
		% Q1	26,30%	73,70%	100,00%
		% QP2	13,20%	35,00%	24,40%
		% Total	6,40%	17,90%	24,40%
Tipos de escola	Quantidade	11	2	13	
	% Q1	84,60%	15,40%	100,00%	
	% QP2	28,90%	5,00%	16,70%	
	% Total	14,10%	2,60%	16,70%	
conquista pessoal	Quantidade	3	1	4	
	% Q1	75,00%	25,00%	100,00%	
	% QP2	7,90%	2,50%	5,10%	
	% Total	3,80%	1,30%	5,10%	
outras	Quantidade	2	1	3	
	% Q1	66,70%	33,30%	100,00%	
	% QP2	5,30%	2,50%	3,80%	
	% Total	2,60%	1,30%	3,80%	
BRANCO	Quantidade	3	2	5	
	% Q1	60,00%	40,00%	100,00%	
	% QP2	7,90%	5,00%	6,40%	
	% Total	3,80%	2,60%	6,40%	
Total	Quantidade	38	40	78	
	% Q1	48,70%	51,30%	100,00%	
	% QP2	100,00%	100,00%	100,00%	
	% Total	48,70%	51,30%	100,00%	

ANÁLISES COMPARATIVAS

ANEXO 3D9

Tabela 3D 8 - Por que tudo isso é escola? e cursos avaliados

		QP2 - Curso		Total
		Medicina	Pedagogia	
identificação da minha escola	Quantidade	7	3	10
	% Q5	70,00%	30,00%	100,00%
	% QP2	18,40%	7,50%	12,80%
	% Total	9,00%	3,80%	12,80%
Desenho como indicação de informação	Quantidade	4	6	10
	% Q5	40,00%	60,00%	100,00%
	% QP2	10,50%	15,00%	12,80%
	% Total	5,10%	7,70%	12,80%
Escola idealizada, do futuro	Quantidade	1	1	2
	% Q5	50,00%	50,00%	100,00%
	% QP2	2,60%	2,50%	2,60%
	% Total	1,30%	1,30%	2,60%
Escola do presente	Quantidade	2	1	3
	% Q5	66,70%	33,30%	100,00%
	% QP2	5,30%	2,50%	3,80%
	% Total	2,60%	1,30%	3,80%
qualificação positiva	Quantidade		3	3
	% Q5		100,00%	100,00%
	% QP2		7,50%	3,80%
	% Total		3,80%	3,80%
Qualificação negativa	Quantidade	1	2	3
	% Q5	33,30%	66,70%	100,00%
	% QP2	2,60%	5,00%	3,80%
	% Total	1,30%	2,60%	3,80%
Escola cidadã	Quantidade	2		2
	% Q5	100,00%		100,00%
	% QP2	5,30%		2,60%
	% Total	2,60%		2,60%
Integração, nas relações, nas trocas de vivências	Quantidade	3	4	7
	% Q5	42,90%	57,10%	100,00%
	% QP2	7,90%	10,00%	9,00%
	% Total	3,80%	5,10%	9,00%
Valorização abstrata valores	Quantidade		2	2
	% Q5		100,00%	100,00%
	% QP2		5,00%	2,60%
	% Total		2,60%	2,60%
Destaque para os aspectos físicos da escola	Quantidade	5	3	8
	% Q5	62,50%	37,50%	100,00%
	% QP2	13,20%	7,50%	10,30%
	% Total	6,40%	3,80%	10,30%
Destaque para a aprendizagem, o crescimento, a formação	Quantidade	8	7	15
	% Q5	53,30%	46,70%	100,00%
	% QP2	21,10%	17,50%	19,20%
	% Total	10,30%	9,00%	19,20%
Destaque para, os conhecimentos, os saberes, as informações	Quantidade	2	7	9
	% Q5	22,20%	77,80%	100,00%
	% QP2	5,30%	17,50%	11,50%
	% Total	2,60%	9,00%	11,50%
BRANCO	Quantidade	3	1	4
	% Q5	75,00%	25,00%	100,00%
	% QP2	7,90%	2,50%	5,10%
	% Total	3,80%	1,30%	5,10%

Q5 - Por que tudo isso é escola?

Total

Quantidade	38	40	78
% Q5	48,70%	51,30%	100,00%
% QP2	100,00%	100,00%	100,00%
% Total	48,70%	51,30%	100,00%

ANÁLISES COMPARATIVAS

ANEXO 3D10

Tabela 3D 9 - Personagens da escola e cursos avaliados

			QP2 - Curso		Total
			Medicina	Pedagogia	
Q6 - Personagens da escola	1 personagem	Quantidade	17	10	27
		% Q6	63,00%	37,00%	100,00%
		% QP2	44,70%	25,00%	34,60%
		% Total	21,80%	12,80%	34,60%
	2 ou 3 personagens	Quantidade	17	26	43
		% Q6	39,50%	60,50%	100,00%
		% QP2	44,70%	65,00%	55,10%
		% Total	21,80%	33,30%	55,10%
	4 ou mais personagens	Quantidade	4	4	8
		% Q6	50,00%	50,00%	100,00%
		% QP2	10,50%	10,00%	10,30%
		% Total	5,10%	5,10%	10,30%
	Total	Quantidade	38	40	78
% Q6		48,70%	51,30%	100,00%	
% QP2		100,00%	100,00%	100,00%	
% Total		48,70%	51,30%	100,00%	

ANÁLISES COMPARATIVAS

ANEXO 3D11

Tabela 3D10 - Quais são as lutas? e cursos avaliados

		QP2 - Curso		Total	
		Medicina	Pedagogia		
Q7 - Qual é a luta	Outros	Quantidade	4	8	12
		% Q7	33,30%	66,70%	100,00%
		% QP2	10,50%	20,00%	15,40%
		% Total	5,10%	10,30%	15,40%
	Manutenção	Quantidade	3	1	4
		% Q7	75,00%	25,00%	100,00%
		% QP2	7,90%	2,50%	5,10%
		% Total	3,80%	1,30%	5,10%
	Obstáculos enfrentados por ele	Quantidade	15	7	22
		% Q7	68,20%	31,80%	100,00%
		% QP2	39,50%	17,50%	28,20%
		% Total	19,20%	9,00%	28,20%
	Criança	Quantidade		1	1
		% Q7		100,00%	100,00%
		% QP2		2,50%	1,30%
		% Total		1,30%	1,30%
	Reverter o quadro atual (escola pública)	Quantidade		10	10
		% Q7		100,00%	100,00%
		% QP2		25,00%	12,80%
		% Total		12,80%	12,80%
Melhorias	Quantidade	7	13	20	
	% Q7	35,00%	65,00%	100,00%	
	% QP2	18,40%	32,50%	25,60%	
	% Total	9,00%	16,70%	25,60%	
Resultados (verbos - Futuro) obter, Tornar-se, transformar-se, para se ser, poderem ter, busca	Quantidade	7		7	
	% Q7	100,00%		100,00%	
	% QP2	18,40%		9,00%	
	% Total	9,00%		9,00%	
BRANCO	Quantidade	2		2	
	% Q7	100,00%		100,00%	
	% QP2	5,30%		2,60%	
	% Total	2,60%		2,60%	
Total	Quantidade	38	40	78	
	% Q7	48,70%	51,30%	100,00%	
	% QP2	100,00%	100,00%	100,00%	
	% Total	48,70%	51,30%	100,00%	

ANÁLISES COMPARATIVAS

ANEXO 3D12

Tabela 3D 11 - Como enfrentá-las? e cursos avaliados

			QP2 - Curso		Total
			Medicina	Pedagogia	
Q8 - Como enfrentá-las?	Outros	Quantidade	3	1	4
		% Q8	75,00%	25,00%	100,00%
		% QP2	7,90%	2,50%	5,10%
		% Total	3,80%	1,30%	5,10%
	solução que envolve coletividade	Quantidade	11	22	33
		% Q8	33,30%	66,70%	100,00%
		% QP2	28,90%	55,00%	42,30%
		% Total	14,10%	28,20%	42,30%
	solução individual	Quantidade	22	17	39
		% Q8	56,40%	43,60%	100,00%
		% QP2	57,90%	42,50%	50,00%
		% Total	28,20%	21,80%	50,00%
	BRANCO	Quantidade	2		2
		% Q8	100,00%		100,00%
		% QP2	5,30%		2,60%
		% Total	2,60%		2,60%
Total	Quantidade	38	40	78	
	% Q8	48,70%	51,30%	100,00%	
	% QP2	100,00%	100,00%	100,00%	
	% Total	48,70%	51,30%	100,00%	

ANÁLISES COMPARATIVAS ANEXO 3D13

Tabela 3D12 - Quais são as conquistas? e cursos avaliados

		QP2 - Curso		Total	
		Medicina	Pedagogia		
Q9 - Qual é a conquista?	Outros	Quantidade	5	12	17
		% Q9	29,40%	70,60%	100,00%
		% QP2	13,20%	30,00%	21,80%
		% Total	6,40%	15,40%	21,80%
	Conquistas - melhorias	Quantidade	10	11	21
		% Q9	47,60%	52,40%	100,00%
		% QP2	26,30%	27,50%	26,90%
		% Total	12,80%	14,10%	26,90%
	Conquistas pessoais	Quantidade	13	5	18
		% Q9	72,20%	27,80%	100,00%
		% QP2	34,20%	12,50%	23,10%
		% Total	16,70%	6,40%	23,10%
	Reverter o quadro atual (escola pública)	Quantidade	2	3	5
		% Q9	40,00%	60,00%	100,00%
		% QP2	5,30%	7,50%	6,40%
		% Total	2,60%	3,80%	6,40%
	Futuro	Quantidade	6	8	14
		% Q9	42,90%	57,10%	100,00%
		% QP2	15,80%	20,00%	17,90%
		% Total	7,70%	10,30%	17,90%
BRANCO	Quantidade	2	1	3	
	% Q9	66,70%	33,30%	100,00%	
	% QP2	5,30%	2,50%	3,80%	
	% Total	2,60%	1,30%	3,80%	
Total	Quantidade	38	40	78	
	% Q9	48,70%	51,30%	100,00%	
	% QP2	100,00%	100,00%	100,00%	
	% Total	48,70%	51,30%	100,00%	

Análise das entrevistas e construção de categorias de codificação

Programa Alceste

ANEXO 3E

Informações preliminares - destaque para o aproveitamento do *corpus* textual referente às entrevistas como os estudantes de Pedagogia.

C1: intersection des classes

Nom du dossier traité C:\Alceste\sandra\hoje\&& 0\

Suffixe de l'analyse :121

Date de l'analyse :15/12/**

Intersection des classes RCDH1 et RCDH2

Nombre minimum d'uce par classe : 20

DONN.1 Nombre de mots par uc : 14

Nombre d'uc : 310

DONN.2 Nombre de mots par uc : 16

Nombre d'uc : 278

244 u.c.e classées sur 397 soit **61.46 %**

Nombre d'u.c.e. distribuées: 344

Tableau croisant les deux partitions :

RCDH1 * RCDH2

classe * 1 2 3

poids * 95 168 81

1 177 * 95 52 30

2 126 * 0 112 14

3 41 * 0 4 37

Tableau des chi2 (signés) :

RCDH1 * RCDH2

classe * 1 2 3

poids * 95 168 81

1 177 * 123 -55 -8

2 126 * -75 127 -17

3 41 * -17 -28 115

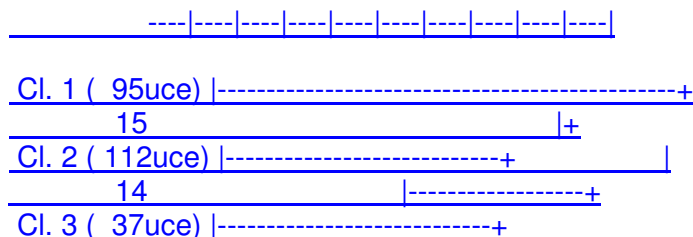
PROGRAMA ALCESTE

ANEXO 3E

Corpus textual referente às entrevistas como os estudantes de Pedagogia.

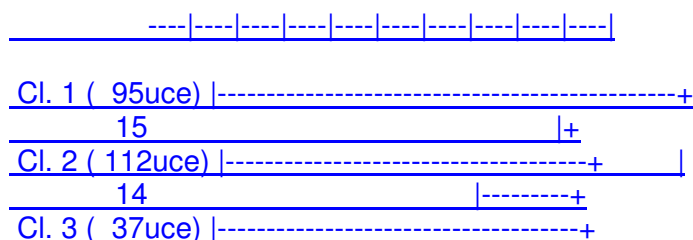
Classification Descendante Hiérarchique...

Dendrogramme des classes stables (à partir de B3 rcdh1) :



Classification Descendante Hiérarchique...

Dendrogramme des classes stables (à partir de B3 rcdh2) :



C2: profil des classes

Chi2 minimum pour la sélection d'un mot : 2.00

Nombre de mots (formes réduites) : 569

Nombre de mots analysés : 393

Nombre de mots "hors-corpus" : 16

Nombre de classes : 3

244 u.c.e. classées soit 61.460960%

Nombre de "1" analysés : 3130

Nombre de "1" suppl. ("r") : 3877

Distribution des u.c.e. par classe...

1eme classe : 95. u.c.e. 1127. "1" analysés ; 1484. "1" suppl..

2eme classe : 112. u.c.e. 1478. "1" analysés ; 1838. "1" suppl..

3eme classe : 37. u.c.e. 525. "1" analysés ; 555. "1" suppl..